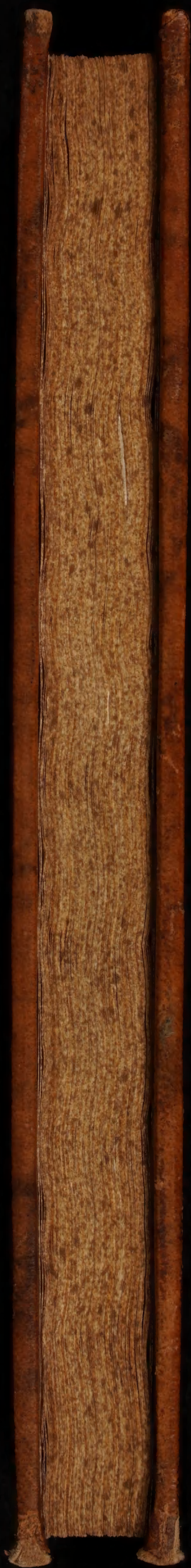
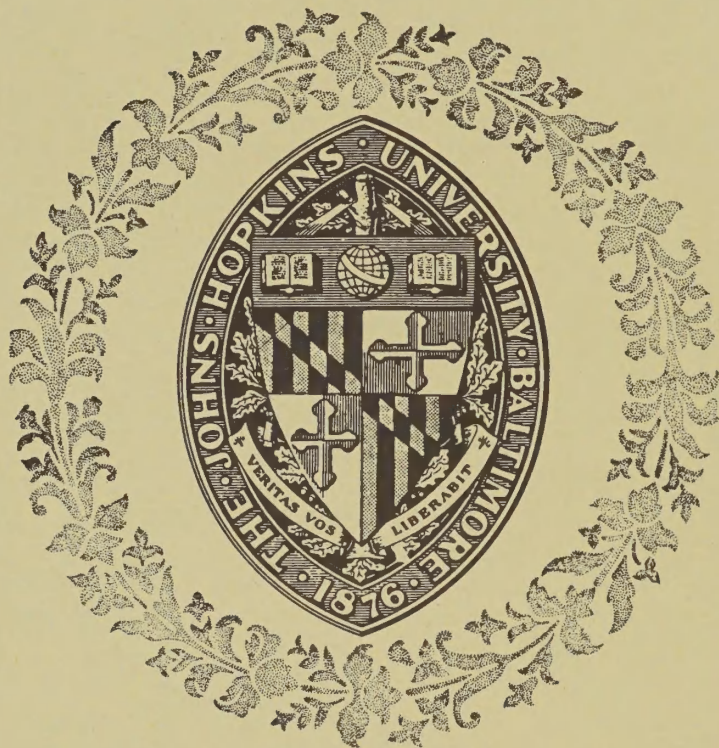
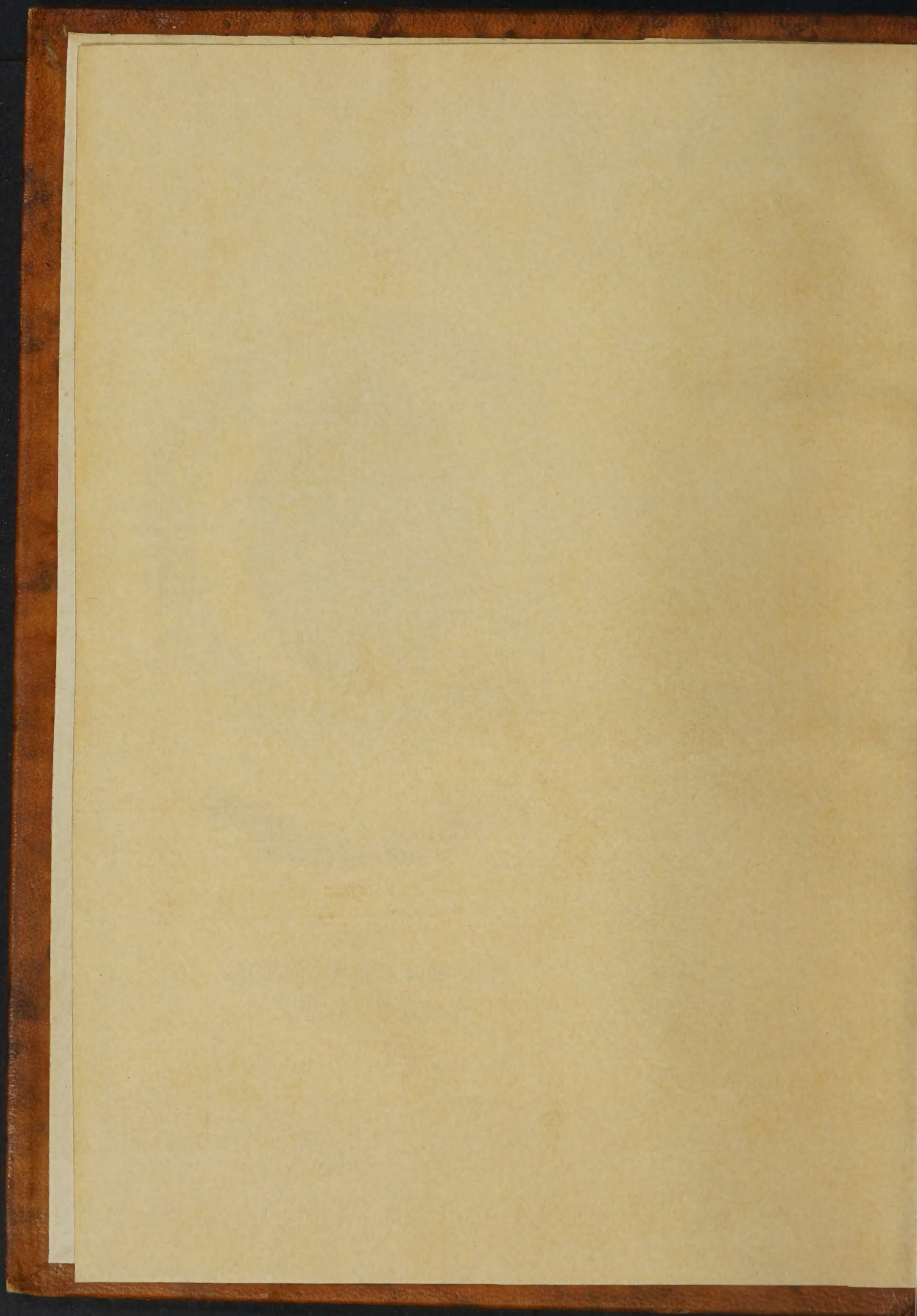
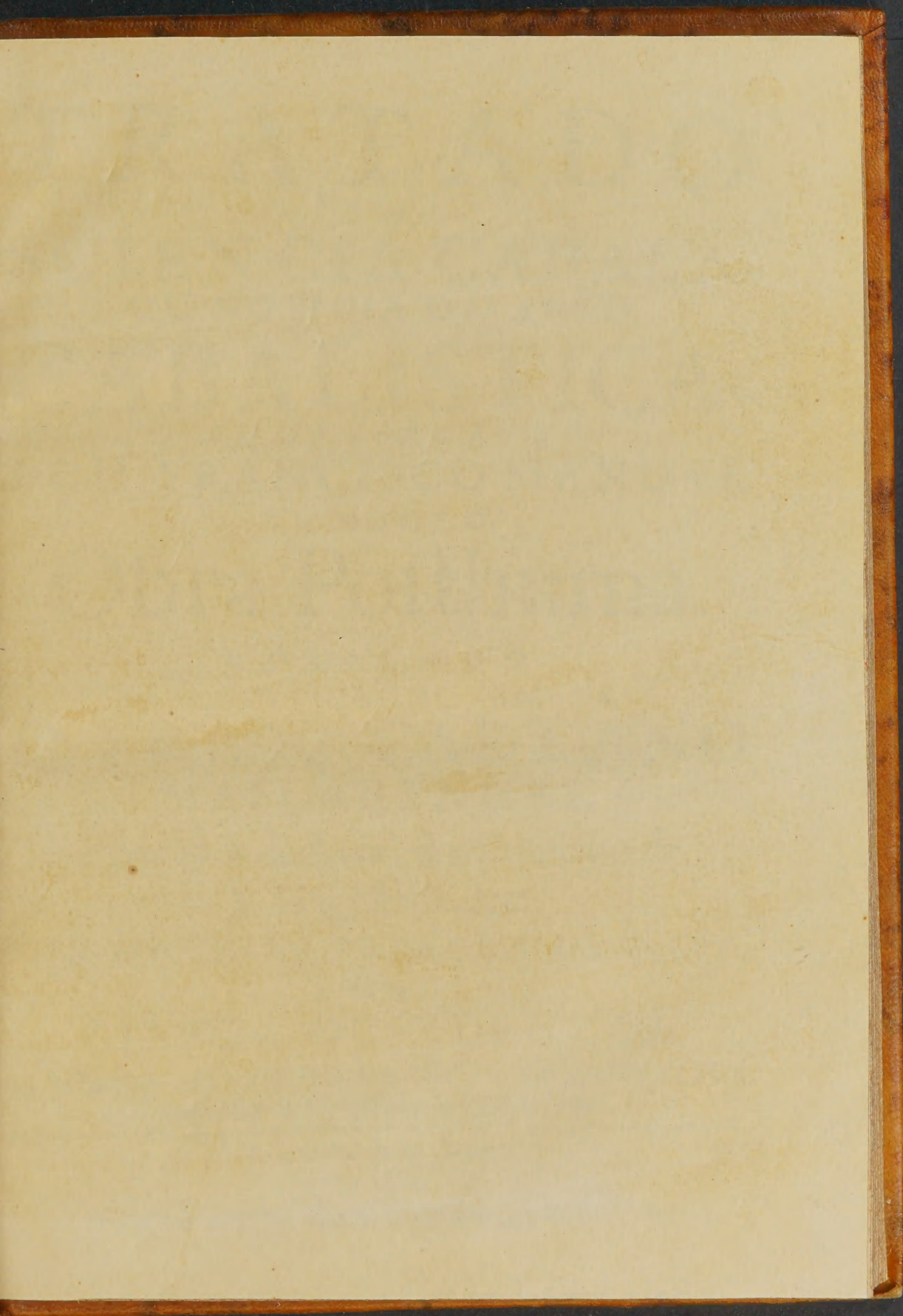
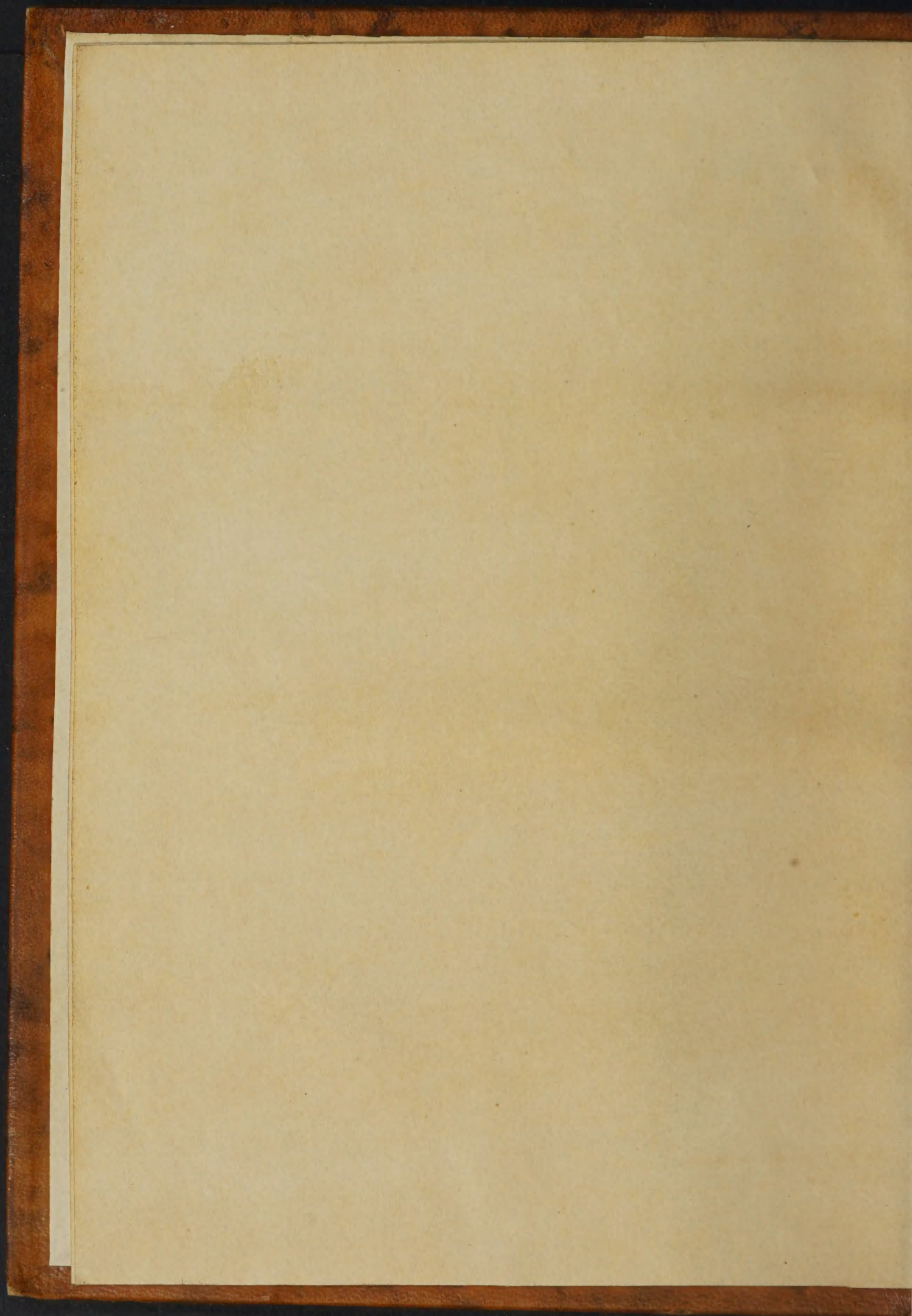
PEREYRA
DA SYLVA

TRATADO
DA
SCIENCIA
CABALA

*//4, q//2, A-N//8, O//4

TRATADO
DA
SCIENCIA CABALA,
OU NOTICIA DA ARTE
CABALISTICA.

COMPOSTO POR

DOM FRANCISCO MANOEL DE MELLO.

Obra Posthuma.

DEDICADO

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

D. FRAN.co CAETANO MASCARENHAS,

Prior mòr de Aviz, do Conselho de S. Magestade, &c.

POR MATHIAS PEREYRA DA SYLVA.

LISBOA OCCIDENTAL

Na Officina de BERNARDO DA COSTA DE CARVALHO, Impressor do Sereníssimo Senhor Infante.

Com as licenças necessarias.

Anno 1724.

A' custa de Antonio Nunes Correa, mercador de livros.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

DESEJANDO elleger hum singular Mecenas para este Tratado, que compoz D. Francisco Manoel de Mello, o mesmo Author me guiou ao desempenho, & complemẽto de meus dezejos; pois offerecendo-o elle naquelle tempo, em que o escreveo, a hum Ministro Ecclesiastico, illustre, & sciente, eu hoje, que o dou à luz publica, seguindo o seu exemplo, o dedico a

V. Illustrissima, pois na sua exclarecida Pessoa concorrem todas as sobreditas qualidades, que o constituem hum perfeyto Mecenas.

He V. Illustrissima, senaõ Ministro, Prelado Ecclesiastico da Ordem Militar de S. Bento de Aviz, a quem incumbe zelar, que os seus subditos vivaõ conforme os dogmas da Religiaõ Catholica, & as obrigações de seu estado, & instituto. O illustre, & nobilissimo sangue, que o anima, basta saberse he emanado dos esclarecidos Mascarenhas, familia sempre venerada neste Reyno, & em toda a Hespanha; pois he V. Illustrissima filho do Excellentissimo Senhor Conde de S. Cruz, irmão, & tio de dous Excellentissimos Senhores Marquezes de Gouvea. As suas grãdes letras, & profunda sciencia moveraõ ao nosso Augustissimo Monarca a nomealo por Prior mòr de Aviz, Dignidade, que sempre occupàraõ os sogeytos mais qualificados, & doutos desta Monarquia, & donde passaraõ às mayores Prelaturas della; exemplo, que espero ver cõtinuado em V. Illustrissima, como estaõ promettendo seus altos merecimentos, & singulares prendas, que o ornaõ.

Aceyte

Aceyte pois V. Illustrissima este livro debayxo de sua protecçaõ para a defensa, & a mim para o amparo me continue as muytas honras, que a minha humildade reconhece, & confessa dever à grãdesa de V. Illustrissima, que Deos guarde, &c.

Illustrissimo Senhor

Beyja as mãos de V. Illustrissima

Seu humilde criado

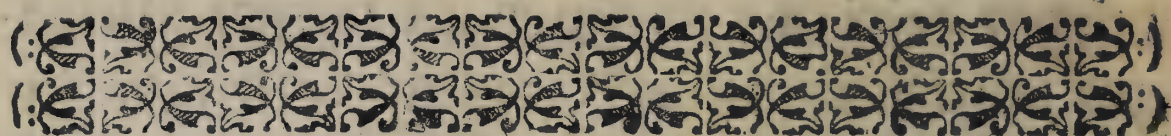
Mathias Pereyra da Sylva.

PROLOGO.

O ZELO de dar a conhecer ao Mundo os grandes engenhos Portuguezes, a que o descuydo, & ingratidaõ da patria tinha esquecido os nomes, & occultado as obras, ainda que alguns curiosos entre si as communicavaõ por meyo dos traslados, com assás trabalho, me incitou a revolver, & desenterrar varios manuscriptos, dos quaes tirey differentes Poesias, de q se deraõ já à estampa varios tomos cõ o titulo de Fenis Renascida, & se continua em trasladar outras muytas para se fazerem publicas, com bastante enfado, & molestia em as ajustar com os traslados mais certos, & em descubrir os nomes verdadeyros de seus authores. Entre pois tanta copia de manuscriptos descobri algũas obras de D. Francisco Manoel de Mello, escriptor

criptor celebre, & digno da mayor eſtimaçaõ; que padeciaõ no eſquecimento igual injuria, de que dey já ao prèlo dous tomos de quarto, hum Aula Politica, & Curia Militar; outro Apologos Dialogaes; & ainda que pelo pouco gaſto, que tiveraõ eſtes dous livros ſe conhece a pouca aceytaçaõ que alcançàraõ,& me podia ſuſpender a curioſidade, & zelo, cõ tudo,como eſte ſe naõ acompanha da vil conveniencia, faço publico eſte Tratado do meſmo Author,que,(como elle confeſſa,compoz com tanto trabalho como a obra moſtra) naõ receando qualquer fortuna, que lhe ſucceda, pois me contento por premio do meu trabalho em o dar à luz,havello tirado das ſombras do eſquecimento, a que a ingratidaõ o tinha condenado, por benemerito.

Vale.

LICEN-

LICENÇAS

DO S. OFFICIO.

VIſtas as informações, pòde-ſe imprimir o Livro, de que eſta petiçaõ trata, & depois de impreſſo tornará para ſe conferir, & dar licença para correr, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 26. de Janeyro de 1723.

Rocha. Fr. Lancaſtre. Cunha. Teyxeyra.

DO ORDINARIO.

POde-ſe imprimir o Livro de que ſe trata com a correçaõ, que nelle ſe acha feita, & depois de impreſſo tornará para ſe conferir, & dar licença para correr, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 14. de Abril de 1723.

D. Joaõ Arcebiſpo.

DO

DO PACO.

SENHOR.

VI por Ordem de V. Mag. o Tratado intitulado: *Noticia da Arte Cabaliſtica*, Obra poſthuma de Dom Franciſco Manoel de Mello, cujo nome baſta para aſſeguralla de que naõ contem clauſula contra o Real ſerviço de V. Mag. porque a penna deſte Author ſe occupou repetidas vezes no ſerviço deſta Coroa, & o ſes conhecer no Mundo por taõ grande Portugues, como diſcreto, & erudito; o que ſe vè goſtoſamente nas muytas obras Politicas, Poeticas, & Hiſtoricas deſte Author, & he juſto que de hum engenho taõ eſtimavel ſenaõ percaõ nem as reliquias, ainda que nellas naõ haja mais utilidade que o poderem ſer objecto da veneraçaõ, que ſe deve aos homens, que juſtamente aſpiràraõ à immortalidade da fama; & aſſim me parece eſta Obra digna de ſe perpetuar pela eſtampa. Lisboa

boa Occidental neſta Caza da Divina Providencia de Clerigos Regulares 21. de Dezembro de 1723.

D. Manoel Caetano de Souza.

QUe ſe poſſa imprimir viſtas as licenças do S. Officio, & Ordinario, & depois de impreſſo tornarà à Menza para ſe conferir, & taxar, que ſem iſſo naõ correrà. Lisboa Occidental 21. de Janeyro de 1724.

Galvaõ. Oliveyra. Teyxeyra.

ERRATAS.

Pag.	*Regr.*	*Errata*	*Emenda.*
15	12	eſpitito	eſpirito.
19	9	deſcentes	deſcendentes
Ibid.	16	ſenteuta	ſetenta.
Ibid.	17	ſetentes	ſetenta.
21	15	verba	verbo.
22	3	Lulio	Lullo.
28	5	Autohres	Authores.
Ibid.	7	attica	Attica.
29	8	*ægminata*	*ænigmata.*
Ibid.	9	Areopagita	do Areopagita.
30	7	*Rubum*	*Rubrum.*
32	14	*Dominum*	*Domini.*
Ibid.	15	*illuminas*	*illuminans.*
33	12	poderemos	podéramos.
44	8	Entte	Entre.
47	3	eſſencias	eſſenciaes.
52	7	*ſcire*	*ſciret.*
53	3	entendeſſe	entende-ſe.
69	21	particular	particula.
70	13	ſemhãmephora	Schemhamephoras.

Pag.	*Regr.*	*Errata*	*Emenda.*
72	12	Omitimus	Ommittimos.
75	6	eſte miſterioſo	eſta miſterioſa.
84	19	prova	de prova.
109	2	qualidadade	qualidade.
120	4	Idiom,a	Idioma,
133	3	Muſica	da Muſica.
138	18	pronunciaçaõ	pronunciaõ.
147	8	deminio	dominio.
175	1	*probiberet*	*præhiberet.*
185	16	virtu-	virtude.

DE ARTE CABALISTICA

PLUTARCH. IN ALEXANDRUM,
Ut perniciosa est incredulitas, & contemptus signorum, divinitus oblatorum, ita superstitio noxia est.

INTRODUCC,AM.

§. I.

NAM he a menor gloria da Nasçaõ Portuguesa possuir taõ puramente a santissima Fè Catholica, que professamos, que naõ só aborreça, vingue, & ignore os erros contrarios, mas ainda com religiozo temor se percate de qualquer opiniaõ, arte, ou co-

ſtume, que naõ ſeja muyto em favor da Chriſtã piedade. Eſta obſervancia em noſſos mayores tambem verificada os manteve ſempre reciozos de toda a perigoſa eſpeculaçaõ, contentando-ſe de ſaberem o neceſſario para dirigirem congruamente ſuas acções, do corpo,& eſpirito; ſem algũa miſtura de ſuperfluas diſciplinas, cujo exercicio (aceyto aos homens pela novidade) ſoe levantar o entendimento humano a huns altos, donde de ordinario ſe precipita.

2. Tudo ſe vè muy claramente em os Authores Portuguezes, porque profeſſando, eſcrevendo, & enſinando com ſingular magiſterio as doutrinas honeſtas, nunca ſe adiantáraõ por intereſſe de vam-gloria (que hoje perſuade os mayores ingenhos do Mundo) ao uſo, pratica, ou eſtima de couſas extravagantes. Donde algũs eſtrangeyros tomáraõ occaſiaõ de chamar rudeza, noſſa modeſtia, vendo

que

que deſpreſavamos aquelles myſteriozos ſegredos, taõ venerados, inqueridos, & ſeguidos delles.

3. Porèm como o Mundo, à maneyra de corpo humano, (que tambem he mundo, em opiniaõ, & nome Grego) com a mayor idade envelheça, caduque, & và cahindo em novas corrupções, & delirios, vemos que os achaques de noſſa Republica (eſtes ſaõ os vicios) participaõ em o tempo preſente alguma parte da reprehenſivel vaydade, que opprime as outras naſções, amando-ſe, & buſcando-ſe hoje entre nòs, as perigoſas adevinhações, & interpetrações do futuro: jà por modo de eſpirito incertamente; já por via de arte, & artes muyto mais incertas; ainda introduzindo novas, & agradaveis diſciplinas contra a força, & virtude da ſolida verdade; donde podemos dizer, ou temer, he chegado aquelle tempo, que diz S. Paulo: *Erit enim tempus cum ſanã doctri-*

D. Paul. 2 ad Thim. 2 cap. 4 n. 3.

doctrinam non ſuſtinebunt, ſed ad ſua deſideria coacervabunt ſibi magiſtros prurientes auribus, & à veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur.

4. Daqui vemos muytos animos leves, & ſimples obrigarſe voluntariamente a eſta vaniſſima crença. Donde procede, que ambicioſas de ſeu applauſo, agora mais que nunca tem apparecido, & vaõ apparecendo varias opiniões, & extravagantes ſentenças àcerca do por vir. E que alguns homens de poucas letras, & virtude indiſcreta, ſe atrevaõ a expor, & inculcar à gente rude os fantaſticos myſterios delles introduzidos, & della admirados: para cujo credito conſtituem figuras, juizos, prognoſticos, & explicações, com que o Demonio meſtre de mentiras, & inimigo da paz humana, coſtuma cegar, & inquietar as peſſoas de facil eſpirito: porque como deſde ſua creaçaõ intente eſte principe das trevas partir cõ

Deos

Deos o culto só divido à Divindade, fas quanto pode por igualar a superstiçaõ à Religiaõ, como se denotou em aquella mãy supposta, que ao Rey Sabio requeria: *Nec mihi, nec tibi, sed dividatur.*

Reg. lib. 3.

5. E para este fim dissimula seu arteficio com capa de piedade, dispondo, como estas falcissimas opiniões se pratiquem entre gente havida por de boa cõsciencia, & como huma das obras a ella pertencentes; succedendo logo para mayor confusaõ de todos seus sequazes, que os ignorantes, ou maliciozos (tal ves por outros fins) acodem promptamente ao credito destas novidades, sublimando-as, & notificando-as, como se foraõ piedosas, & calificadas profecias; sendo certo, que ellas naõ saõ outra cousa, que huns ambiguos, rudes, barbaros, & confusos vatecinios, corruptos, estragados, & as mais vezes inventados pelos proprios expositores delles. As quaes exposições, &

ſeus profeſſores, & ſecretarios creſcem cada dia com mayor inquietaçaõ da cõſciencia, & republica, repartindo o uſo de ſua maldita diſciplina, agora por homẽs, que ſe fingem ſabios, agora por mulheres hypocritas, & de alli paſſaõ a introduzir papeis ficticios, livros ſuppoſtos, aſtrologias temerarias, ſonhos imaginados, revelações falças, ſem perdoarem ao verdadeyro curſo do Sol, Lua, & Eſtrellas, a quem mil vezes perfilhaõ àſpectos nũca viſtos, ſombras, & figuras, que debuxa ſua malicia, ſobre a ignorancia dos q́ os ouvem, com outra infinidade de ſemelhantes deſvarios; miſturando atrevidamente as verdades catholicas com ſuas fabuloſas chimeras, & dando a entender como dependem humas de outras; ſem advertirem, que contra todos eſtes pronuncia o Apoſtolo Saõ Paulo temeroſa ſentença, quando eſcreve aos Galatas: *Sed licet nos, aut Angelus de Cœlo evangelizet*

Epiſt. 1. ad Galat. cap. 1. n. 8.

zet vobis, præterquam quòd evangelizavimus vobis anathema ſit.

6. Mas com tudo, he taõ grande a obſtinaçaõ de noſſa vaidade, que ſem parar pelo horror deſte pregaõ do Apoſtolo em o curſo das inveſtigações, do que ſe nos eſconde, a troco de que cada hum ache quem lhe vaticine, conforme ſeu deſejo, ſe entrega facilmente em as mãos deſtes meſtres do engano, & ſe diſpoem a ſeguir a bandeyra da ſua errada companhia, ſem màgoa, ou pejo das fabulas em que ſe vem cada hora, quando mais vivamente eſperaõ o cumprimento das ſuas promeſſas; porque alèm de que aſſim ſe ſatisfaz, o que dizem os Theologos, que o Diabo tambem tem ſeus martyres, & confeſſores, como affirma Medina neſtas palavras: *Diabolus habet ſuos Apoſtolos, ſuos Prophetas, ſuos Evangeliſtas, & Doctores, Martyres, & Virgines ad confirmationem corporis reprobi.* Parece o permitte aſſim

Med. ad. 12. q. 22. art. 3. concluſ. 3. Valle de Mour. t. 2. cap. 6. n. 8.

ſim por altiſſima providencia a Providẽcia Divina, ordenando, que pelo meſmo caſo, que eſta gente abuſa da fé, que he obrigada a ter, & guardar, haja do meſmo modo outra gente, que de ſua fé tambem abuze, uſando mal do credito, que deſmerecidamente lhe entregaõ.

7. Eſte vicio taõ lamentavel pela mayor parte comprehende os deſcontẽtes da Republica, como peſſoas, que vivendo do preſente eſtado pouco ſatisfeytas, já que não pòdem reformar o Mundo conforme a pauta de ſeu dezejo, dezejão pelo menos, que elle ſe reſolva pelo moto da ſua vontade: tambem ſe dilata eſta payxaõ aos grandes, & felices, que muyto goſaõ da vida; mas eſtes por outro fim procuraõ alcançar os ſucceſſos vindouros, em ordem a previnirem qualquer contingencia, que poſſa contradizer ſua perpetuidade: donde Marco Tulio quer, que o nome *Superſtiçaõ* tiveſſe

ſeu

ſeu principio; porque os Principes, diz elle (em o ſegundo de *Divinatione*) com as vans promeſſas, que fizeraõ a ſeus Idolos, para que os filhos, & os herdeyros ficaſſem vivos depois de ſeus dias, deraõ origem, & cauſa ao nome *Superſtiçaõ*, que val quaſi *Superſtes*. He da meſma maneyra erro de mulheres, as quaes naturalmẽte appetecem tudo o que ſe lhes nega; & a razaõ he, porque quanto das couſas preſentes alcanção menos, tanto intentaõ ſaber mais das que eſtaõ para ſucceder, cuja diſculpa ſerá o haverem herdado eſte coſtume da primeyra mulher, que houve no Mundo.

8. E porque (como tenho dito) em paga da nova attençaõ, que as gentes lhes deraõ, tem no tempo preſente ſahido a publico naõ ſó deſtes abuſos, os que de todo ignoravamos os Portuguezes, mas ainda os que entre as mais naſções eraõ de todo eſquecidos, quiz, parece, achar

tam-

tambem agora entre elles ſeu lugar, & gozar ſem perigo a nova pratica da antiga ſciencia Cabaliſtica, a qual tanto em Portugal, como em toda a Europa eſtava já por longos tempos eſquecida; para cujo conhecimento, & noſſo deſengano, pertendo eſcrever eſte breve Tratado, ſendo o primeyro em Heſpanha, que atè o preſente ha tomado tal empreza por ſua conta, a qual me perſuadio, naõ ſey ſe diga primeyro o zelo, ou curioſidade, pela occaſiaõ, que agora referirey.

RAZAM DESTE TRATADO.

§. II.

1. SUccedeo ha pouco tempo a recluſaõ de certo Eſtrangeyro aos carceres do Santo Officio, & achãdome por aquelles dias em huma converſação de homens ſabios, como a pratica de

de muytos ſeja bruxula, que ja mais ſe affirme em parte determinada, entre outras materias de ſciencia ſe veyo alli a fallar, por cauſa daquelle ſucceſſo, da Sciẽcia Cabala, cujo exercicio alguns davaõ por origem delle, tendo eſtes tais para ſi era a Cabala huma das artes prohibidas por demoniaca; outros affirmavão ſer ſciencia natural; mas alguns (& não, certo, os menos doutos) confeſſavaõ naõ terem de tal ſciencia alguma noticia. Finalmente vindo a mim a razão, fuy eu entre os circunſtantes quem com mais claras noticias falley nella, em virtude de algum conhecimento de ſeus preceytos, que já tivera fóra deſte Reyno, por conferencia, mais que doutrina, com hũ varão doutiſſimo, que honeſtamente a profeſſava, ou para melhor dizer a conhecia. De que obrigados os preſentes, cõ apertadas, & cortezes inſtancias me perſuadirão recolheſſe em hum tratado particu-
lar

lar, tudo quanto da Sciencia Cabala houvesse alcançado; porque (diziaõ elles) sem duvida seria de muyta utilidade para semelhantes casos, a noticia de cousa taõ rara, assim para escarmento dos sequazes de toda a vaidade, como para advertencia dos Ministros, a quem toca o exame, & a emenda das superstições, que se padecem. Porèm como eu entendia, que o rogo dos que me inculcavão este trabalho parava só em curiosidade, & cortesia, já que a promessa feyta me obrigasse a que (deyxando outras mais proprias occupações) houvesse de resgastar pelo preço de hum grande estudo, a palavra Captiva, me pareceo, que naõ poderia calificar com outro melhor fim esta minha obra, que offerecendo-a, como offereço a V. S. mas para que della se cobre aquelle conceyto, que lhe fará perder meu nome, antes de ser vista, forçado sou, Senhor, a dizer a V. S. que para a composiçaõ,

çaõ, & ornamẽto deste pequeno Opusculo, revolvi maxima quantidade de livros, divinos, & humanos; se gastáraõ mezes em sua liçaõ; se reconheceraõ as Filosofias, & se examináraõ as Mathematicas, as Historias se inqueriraõ, & consultando raras, & novas explicaçoes, com notavel trabalho, se pode de tudo ajuntar a breve, mas copiosa parte da doutrina, q́ neste Tratado se contèm, a que dará todos os toques, & realces, que lhe faltaõ, a grãde, & bem lograda erudiçaõ de Vossa Senhoria. Com o que meu trabalho naõ será inutil aos que lerem, & observarem, sua disciplina.

PRINCIPIO DA CABALA.

§. III.

1. *O Solon! Solon! Græci semper pueri estis, nullam habentes antiquam opinionem, nullam disciplinam tem-*

Plat. in Timeũ.

tempore Canam. Assim refere Platão no seu Timeo, que improperava hum barbaro Egypcio ao grande Filosofo Solon. Porque sem duvida se possuem como incertas as disciplinas modernas, se das antigas não temos noticia, quando não seja inteyro conhecimento. Por esta regra os Hebreos levantárão tanto a consideração ao passado, que não fallando em aquelles, que por luz divina possuirão, & declarárão as primeyras verdades, ainda houve outros, que em virtude da Filosofica meditação, quizerão achar, & mostrar via ao entendimento, para passar sem duvida, desde a idade presente, atè o nascimento do Mundo, & porcreação das primeyras sciencias, & artes delle.

2. Era o nome Hachamim entre os Hebreos o proprio, que Sophi entre os Gregos, & com este se denotava todo o sogeyto sapiente. Mas depois, que tanto começárão a florecer entre elles, a-

Reuchli. lib 1.

quelle

aquelles verdadeyros Sabios, q̃ da bocca do Senhor ouviraõ a certissima doutrina, deraõ a estes taes os nomes de Profetas, que isso quer dizer *Nabi*, do verbo *Naba*, idest, certa prediçaõ do futuro; porque o nome Profeta, de voz Grega, he quasi vaticinante, a qual depois em a propria significaçaõ, & pronunciaçaõ receberão os Latinos, & Vulgares: Mas em todas as linguas suppoem sempre homem annunciador do futuro, por virtude do espirito de Deos, à differença dos falços Profetas, ou Pseudoprofetas, que logo desde entaõ fizeraõ guerra à verdade divina, como na Escriptura Santa se lè algumas vezes; dos quaes o Evangelista Saõ Mattheus nos manda guardar, quando diz: *Attendite à falsis Prophetis*. Porque aos outros Sabios de sciencia natural chamavaõ os Assyrios, Chaldeos (como se vè em Daniel) os antigos Gallos, Duidras; os Bactrios, Samaneos; os Persas, Ma-

Dominic. non. Mirabel in Prophet.

Covarruv lit. P.

Matth. cap. 7.

Dam. ca. 3.

Idem.

Magos; os Indios, Gymnosophistas; os Scithas, Anacharsis; os Thracios, Zamolxis; que todos saõ aquelles, a quem chamamos Filosofos.

Reuchli. lib. 1.

3. Mas depois que o povo Hebreo foy destituido por suas culpas de hũ tão grande bem, honra, & gloria, como o espirito de Profecia, que de taõ longos tempos gozava unicamente entre as mais nasções do Mundo (porque a Gentilidade só alcançou verdadeyros os Oraculos das Sybillas) inventou em seu deffeyto a Sciencia Cabala; ou se a não inventou, a pos entaõ em descuberta pratica, sendo (segundo seus Rabinos affirmão) atè então de huns a outros em segredo conferida.

4. Assim dizemos, que a Sciencia Cabala, Cabalá, Cabalistica, ou Cabalista, que de todas as maneyras se nomea, he aquella de quem escrevem os Rabinos, teve seu principio a par do da Ley, que

Reuchlin & omnes RR.

que por Deos Nosso Senhor foy dada a Moysés no monte Synay, naõ com menor fim (conforme a elles) que para intelligencia da mesma Ley. E que por esta causa secretamente da propria bocca de Moysés se veyo derivando a Cabala de huns a outros, sem que em publico se escrevesse, ou ensinasse, por ser assim cõforme ao preceyto divino. Esta tradiçaõ he sua, & nella se affirmão tanto, como gente costumada a defender erros; havendo muytos, que tem para si, que em virtude da Sciencia Cabala, que Deos lhe cõmunicára, possuira Moysés toda a inteyra sabidoria de divinas, & humanas causas, por aquellas sincoenta portas de Sapiencia, que elles dizem, tem a Cabala abertas, para que entrando por ellas o discurso humano, seja cheyo de segredos, & mysterios scientificos, conforme a huma sentença, que referem: *Quinquaginta portæ intelligentiæ productæ sunt in mundo.*

 E ac-

Rabin. Gerund.

E accrescenta o Rabino Gerundense, que Salamão *Omnia cognovit per legem, & omnia invenit in ea per expositiones suas, per grammaticas subtilitates, & per litteras ejus, & per Calimistrationes illius.*

5. Outros lhes daõ mais antigo, ainda que menos illustre principio, sendo de parecer, que pelo Anjo Raziel foy cõmunicada a Sciencia Cabala a nosso primeyro pay Adam, quando desceo para o consolar da expulsaõ do Paraiso. A qual opiniaõ se corrobora com sabermos he tambem chamado Raziel o Livro mais principal desta Sciencia Cabalistica; como dandonos a entender, que todos os preceytos della foraõ dictados pelo Anjo Raziel, de quem o Livro tomára o nome, & a doutrina. Logo accrescentaõ, q o Anjo Jophiel foy mestre de Sem, & de Abraham o Anjo Zadkiel, & de Isaac o Anjo Rafael, & de Jacob o Anjo Peliel. Entre a qual doutrina, & a primeyra, ha gran-

Valle de Mour. de Incantat. & Enf. lib ses. 2. ca. 5.

Joan. Reuchl. to. 1. litt. E. colum 627.

grande opposiçaõ, porque ou fosse a Cabala revelada do Anjo Raziel a Adaõ, ou de Deos ensinada a Moysés, se ella sempre foy sciencia transferida, bem se escusava, que os Anjos viessem ensinalla aos Patriarcas Sem, Abraham, Isaac, & Jacob, pois em virtude da primeyra doutrina de Adaõ passára sem Mestre a seus descentes: como naõ lemos, q́ aos mais, a quem Moysés a deyxou, fossem necessarios Preceptores.

6. Passou assim de huns a outros atè o cativeyro de Babylonia; mas dizem, que sendo reedificado o Templo, foy Esdras o primeyro, que ordenou se escrevesse em sententa volumes, correspondentes aos setentes Sabios, ou Velhos da Sinagoga. Donde infiro, que naõ occuparia todos os setenta volumes aquella doutrina, mas que huma propria leytura seria trasladada setenta vezes, para que cada anciaõ tivesse seu livro della. Con-

Pico Mirand.

Pico Mirand.

tra o que nos quer dar a entender Joaõ Pico Mirandulano (ſegundo o teſtemunho de Thomas Garçon) dizendo haver elle comprado, lido, & eſtudado eſtes ſetenta volumes de Eſdras, dos quaes tirou toda a noticia da Cabala, que fes preſente aos Latinos, ſendo elle entre elles, quem antes, que outro, inculcou à noſſa poſteridade ſeu nome, & preceytos.

Thom. Garç. diſcurſ. 29. pag. 250.

7. Eſtes ſaõ os principios, & origem da Sciencia Cabala, ſegundo a authoridade dos Hebreos. Mas entre todos os antigos Authores da erudiçaõ profana ſenaõ acha alguma noticia deſta Sciencia por ſeu proprio nome Cabala; ainda que por ſemelhantes podemos entender, que Pithagoras a alcançou, deduzio, ou fes conforme com ella os ſeus Symbolos Pithagoricos. E que Plataõ tambem teve della alguma noticia, como ſe vè do ſeu Cratylo, que adiante nos ſervirá muyto. Mas Joaõ Reuchlino participando da opiniaõ

Plat. in Cratyl.

Reuchli. lib. 2.

piniaõ dos Rabinos eſcreve,que o Filoſo-
ſo Pithagoras a profeſſou; & que paſſan-
do, & vindo da peregrinaçaõ fora cha-
mado Cabaliſtico,o qual nome perderaõ
os Gregos, ou trocáraõ logo ao de Filo-
ſofos; o que pertende provar com a ſe-
melhança das propoſições, que ha entre
os Pithagoricos, & os Cabaliſticos;porq
quando os diſcipulos de Pithagoras eraõ
perguntados pelas verdades de ſuas pro-
poſições, reſpondiaõ pela grande autho-
ridade do Meſtre, aquella celebre igno-
rancia, Ἀυτόςἔφα, elle o diſſe: donde
ſem duvida veyo a clauſula, que hoje uſa-
mos in verba Magiſtri. O qual coſtume
ſe radicou de ſorte entre os Cabaliſticos,
que a mayor propoſiçaõ aſſentaõ ſobre
hum ſemelhante ipſe dixit: Ἀυτόςἔφα.

8. Mas eſta doutrina, ou por ſepul-
tada já no eſquecimento, ou na vaidade;
ou por ſer taõ diſtante, de nòs nunca ou-
vida, parece que tornou em parte, ſenaõ

em todo, a resuscitar, ou inculcarse-nos na Sciencia magna, ou Arte breve de Raymundo Lullo, que com os Symbolos Pithagoricos, & Sciencia Cabala tem notavel semelhança; porque quasi todos seus mysteriozos segredos parece se encaminhaõ ao proprio fim, que tem por objecto a Cabala, interpetrando clausulas das Escrituras, formando argumẽtos, & tal ves predizendo por via de numeros, & caracteres; officios todos da Cabala, como veremos, quando se trate de sua divisaõ, & objectos.

Raym. Lul. de art. magn.

9. Com tudo não vimos, que entre a gentilidade, entaõ, & agora entre o Christianismo fossem grandes os progressos desta Sciencia; ou já procedesse da fallẽcia della, ou já do difficil com que a gosavaõ seus professores. Porque (como dissemos) os antigos, & modernos Rabinos persistentes em erros, & antiguidades a guardáraõ, & cõmunicáraõ avaramente de

de huns a outros, com perigo de ſua verdade; donde ſe entende, que ainda quãdo em ſeus principios haja alcançado calificaçaõ, & alteza, a miſtura, & relaxaçaõ, que lhe trouxeraõ os tempos, & ruins uſos a tem enfraquecido em credito, & doutrina; em tal maneyra, que apenas ficáraõ para elles, & menos para nòs os veſtigios da antiga Sciencia: com tanta confuſaõ viveo entre os Hebreos, atè que o raro eſtudo do ſubtil Conde Joaõ Pico Mirandulano deu a Italia mais claras ſuas noticias; a quẽ ſeguindo depois Joſeph Riccio, Alexãdre Farra, Italianos, & Joaõ Reuchlino Germano expuzeraõ ainda em melhor pratica eſta Sciencia; a quem tambem ſeguio Thomas Garçon, & Jayme Rebuloſa. Porèm todos com tal defeyto, deſproporçaõ, & variedade, que ſuppoſto devemos a ſeus eſcritos deſtes, boa parte do q̃ neſte Tratado dicermos, veraõ bem os eſtudiozos (quando con-

Pico Mirand.

Joſeph Ricc.

Alexand. Farra.

Joan. Reuchl.

Thom. Garç.

Jaym. Rebul.

sirão nossa disposição com a dos referidos Authores) qual seria o trabalho, com que em ordem, clareza, & profundidade nos adiantamos aos mais, que desta Sciencia nos derão as premissas, cujas opiniões serão de nós seguidas, em quanto se não desviarem do mais verdadeyro, & piedozo sentimento, em que pelo contrario sempre são comprehendidos os Authores, que desampararão a razão solida pela subtil. Proprio defeyto dos ingenhos amantes de singularidade.

DO NOME CABALA.

§. IV.

Reuchl. lib. 1. lit. A; colum. 62.

1. ALguns dos Latinos tiverão erradamente para si, que a Sciencia Cabala tomára o nome de hum seu inventor famoso magico, que dizião Cabaleo; & não poucos persuadidos da indi-

indicaçaõ desse nome affirmáraõ ser esse magico instruido nesta Sciencia por hũa rara encantadora nomeada Cabala. Porèm tudo isto saõ vaidades de homens indoutos. O nome Cabala, ninguem duvidou ser voz Hebrea, mas na forsa de seu significado corre com grande variedade; porque o Mirandulano, com os que o seguem, interpretão: Traducçaõ, Revelaçaõ; alludindo ao que dissemos do principio desta Sciencia: ou de Deos a Moysés, ou de Raziel a Adaõ cõmunicada; o que tudo energiamente se comprehende em a palavra Cabala.

2. Mas Covarruvias diligente, & sabio Vocabulista, quer que se deduza o nome Cabala do verbo, *Inpiel*, que significa (diz elle) receber, ou aceytar de cabeça qualquer razão, que a outro se ouve. Mostrando assim, como por pratica, & naõ doutrina se recebia de còr esta Sciencia; porque a tudo se estende a força do

Covarr. lit. C.

do verbo *Inpiel*, que dá por raiz ao nome Cabala. E verdadeyramente se como acertou na significaçaõ conhecera a propria raiz do nome, fora aqui taõ digno de louvor sua deligencia, quanto podera ser reprehensivel a omissaõ do Mirandulano; porque se deduzissemos o nome Cabala como elle ensina do nome Tradicçaõ, acharemos, que na colocaçaõ Hebrea corresponde à palavra Tradicçaõ Mattanah, ou Matan, & tambem Mattah, do verbo Natthan, ou Massar, Trado entre os Latinos, & entre nòs entrego, dou, traspasso; ou se, segundo o mesmo Autor, o dirivassemos do Latino verbo Revelo, & entre nòs, descubro, por este tal verbo tem os Hebreos Ghillalh; em os quaes Mattanah, Matan, Mattah; Natthan, Massar, Ghillalh, & o nome Cabala, naõ vemos alguma connexão, ou semelhança; & a mesma falta no verbo *Inpiel*, por Covarruvias mostrado, por-

porque ainda por aceytar dizem os Hebreos Lahah, & não Inpiel, como a este Author lhe parece; & por cabeça tem Rosch, cujo conhecimento de todo exclue a denominaçaõ de Covarruvias em o modo, que elle a escreve. Porèm acertou, como já dissemos, no significado: porque o nome Cabala se deduz do verbo Nekabel, dõde procede o verbo Kibbal, ou Kibbel por receber pelo ouvido; & assim poderamos sem erro dizer: Kebbala, ou Kicabala, pela proporçaõ, q́ tem entre si o Kappa Grego com o Kaph Hebreo, & o C Latino; & a frequente trãsmutaçaõ, que se fas de Aleph, como qualquer de outras vogaes e, i, nos alfabetos, que as admittem. Assim interpreta Onkelo Chatoayco, & Joaõ Reuchlino aquella clausula de Esdras no texto Hebreo. *Mose Kibel*, id est, *Moyses audivit, & accepit legem de Sinay, unde Cabala dicitur ab auditu acceptio.*

Onkel. Chald.

Reuchl. lib. 1. col. 623. lit. D.

He

3. He com tudo de advertir, que como a eſcritura Hebrea he já taõ apartada do eſtudo moderno, póde bem ſucceder, que por defeyto, ou deſcuydo cayaõ os Authores neſtas variedades; ou q́ tambem como na lingua Grega ſe obſerva, que a Attica fazia differença, & tinha melhora da Eolica, & Jonica, aſſim em a Hebrea houveſſe ſemelhantes accidentes, que fazem variar a ſignificaçaõ dos verbos. Pelo que nenhũa deſtas incertezas deve contradizer o credito de homens taõ grandes, como os Authores, que neſta parte refutamos, por cujos eſcritos paſſou já a cenſura dos dias, & dos cenſuradores. Mas he tempo, que ſahindo do nome Cabala paſſemos adiante em ſua eſpeculaçaõ.

DA

DA ESCURIDADE DA CABALA.

§. V.

1. O Mayor cuydado dos Cabalisticos se empregou em velarem sua sciencia com densissimas nuvens de escuridade, a fim de que sendo taõ escondida aos olhos do vulgo, fosse venerada como cousa divina, fundandose, pòde ser, em o que já disse Plataõ ao seu Dionio: *Per ænigmata dicendum est.* Ou na grande autoridade do Areopagita, quando escreveo a Thimoteo: *Divinus in divina doctrina fructus, secretæ, animique sancta sunt, circumagens ex immunda multitune tanquam uniformia, hæc custodi.*

Plat. ad Dion.

Dionis. Areop. ad Thimoth.

2. Com tudo a observancia destes segredos, quizeraõ elles se fundasse em ordem divina, trazendo igualmente para este testemunho, que para provar a qualidade

lidade de ſua ſciencia, hum lugar de Eſdras, que ſe elle foſſe de igual credito aos mais, ſem duvida lhe ficaria muyto aventajada a opiniaõ de hum, & outro intento. Diz aſſim o lugar deſde o numero terceyro atè o quinto, em o livro 4. *Revelans, Revelatus ſum Moyſe ſuper Rubũ, quando populus meus ſerviebat in Ægypto.... & adduxi eum ſuper montem Sina, & detinebam eum apud me diebus multis, & enarravi ei mirabilia multa, & oſtendi ei temporũ ſecreta, & finem, & præcepi ei dicens, hæc in palam facies verba, & hæc abſcondes.*

Eſdr. lib. 4 cap. 14. n. 3

3. Então valendo-ſe das authoridades de noſſos Santos Doutores, trazem algũas, que mais favorecem a opiniaõ, q ſe arrogaõ em virtude deſte lugar. Mas entre os mayores lhe daõ mayor ſoccorro duas authoridades de Saõ Gregorio Nazianſeno; a primeyra em o livro, que intitulou de *Statu Epiſcoporum*, donde diz fallando de Moyſés: *Accipit legem ipſis quidem mul-*

Naziãſ. de Stat. Epiſ.

multis, eaque est littera, ipsis autem super multos, eaque est spiritus. O segundo lugar he do livro de sua Theologia, em o qual se lem (da mesma Ley) estas palavras: *Vult ita tabulis solidis, & lapideis conscribi, & iis altrinsecus, propter manifestum legis, & occultum illud quidem multis, & inferius manentibus, hoc autem paucis, & sursum pervenientibus.*

4. Com estes, & outros semelhantes lugares esforçaõ, & justificaõ aquelles mysterios, com que retiraõ sua sciencia aos olhos do vulgo, procurando provar com as ultimas palavras de Esdras no lugar citado, q̃ a Ley föy huma de aquellas cousas, que Deos lhe deu a Moysés, para que a cõmunicasse a todos, como se infere da clausula: *Hæc in palã facies verla*, & que a outra cousa que lhe deu para que a occultasse, & guardasse para si, & para poucos, foy a Sciencia Cabala, pela qual querem se entẽda a clausula ultima:

Et

Et hæc abſcondes: ao que obedecendo o Profeta fes theſouro deſte altiſſimo ſegredo, revelando-o ſómente aos Sabios, dos quaes o haviaõ de receber os outros, conforme ao mandado de Deos.

5. Mas a eſta doutrina parece, que contradiz outro lugar do Deuteronomio explicado da Sciencia Cabala, ſegundo o expoem o Rabino Ramban Gerundenſe, donde ſe diz: *De dextera ejus ignea lex eis*; como ſe diceſſe, da mão do Altiſſimo naõ pendia, nem ſe dava ley eſcura, nem ſciencia de trevas. O que certifica David dizendo: *Præceptum Domini lucidum, illuminans oculos.* Porèm deyxando à parte eſta duvida, nós vemos, que a interpretaçaõ dos Padres neſte lugar, nẽ em outro, falla da Sciencia Cabaliſtica. E tambem ſabemos, que o terceyro, & o quarto livro de Eſdras naõ tem authoridade Canonica. Quanto mais, que ainda, quando tudo aſſim, foſſe naõ ſe ſeguia neceſſa-

Deuter. cap. 33. Rab. Gerund. in Deutor.

ceſſariamente, que a clauſula, *hæc abſcondes*, houveſſe de ſignificar ſómente a Scicia Cabala, que por ella nos denotaõ, & com ella authoriſaõ. Porque muytas outras couſas poderia a Divina Sapiẽcia revelar a ſeu ſervo Moyſés, que entaõ convieſſe eſconder ao povo Judayco, ſem que foſſem os preceytos deſta arte, da qual em o divino Texto naõ vemos expreſſa mençaõ.

6. Do mais, que toca à ſua eſcuridade, & confuſos termos podéremos diſcorrer largamente; mas porque elles ſaõ em tanta maneyra eſcuros, por elles meſmos ſe demonſtrará o que aqui eſcuſamos de proſeguir àcerca do ſegredo, & profundidade deſta diſciplina.

DIFFINIC,AM DA CABALA.

§. VI.

1. SEgundo o coſtume dos Authores parece, que havemos tardado em dar a diffiniçaõ deſta Sciencia, pois da diffiniçaõ depende ſeu verdadeyro conhecimento. Com tudo eu podia dizer, q̃ por duas razões me achava deſobrigado deſte uſo. A primeyra, porque nòs naõ tratamos a Cabala magiſtralmente, nem a eſcrevemos, mas ſó eſcrevemos della, ſem algum animo de introduzilla, ou enſinalla; contra o qual penſamento (quando em nòs o houveſſe) eſtava naõ ſó a impericia, mas o eſcrupulo; havendo reconhecido ſer defeſo ſeu exercicio, & os livros, que o enſinaõ, conforme ao indice Romano. A ſegunda razão, porque ſe eſtamos por ſua diviſaõ,

Regul. nom. Mayol. relat. por Valle de Mour. leſ. 2. cap. 5. n. 5.

visaõ, ella resulta taõ diversa por suas partes, que nos inculca sciencias differentes, em tal maneyra, que mal podèrão por huma só diffiniçaõ ser comprehendidas.

2. Mas porque naõ pareça, que esta escusa se encaminha a ignorar a entidade, fim, & objecto desta Sciencia, diremos segundo os Catholicos, que a justa Cabala foy huma profunda meditaçaõ de mysterios occultos deduzida de nomes, letras, numeros, & figuras dos livros divinos; & a injusta huma ficçaõ Judiciaria, que incertamente prognosticava do futuro por vans observações, misturando o sagrado, & o profano. Mas segundo os Rabinos: *Est enim Cabala, divinæ revelationis ad salutiferam Dei, & formarum separatarum contemplationem traditæ symbolica receptio, quam qui cœlesti afflatur sequuntur recto nomine Cabalici dicuntur.* E porque da divisaõ se tomará o mais formal conhecimento do que seja, & a que fins

Joan Reuchl. lib 1. col. 624. lit. C.

 fins

fins ſe encaminhe, tratemos de dizer o modo, porque ſe reparte.

DA DIVISAM DA CABALA.

§. VII.

Proverb. cap. 22.

1. COnforme a authoridade dos Proverbios, que os Cabaliſticos trazem em abono da diviſaõ de ſua ſciencia, a Cabala ſe divide em tres partes, fundando-ſe, para melhor aſſentarem eſta opiniaõ, em aquellas palavras de Salamão, quando diſſe: *Certè ſcripſi tibi tripliciter conſulto, & ſententia, ut notificarem tibi rectitudinem eloquiorum veritatis*; ou como traslada Saõ Jeronymo eſte proprio lugar, & lemos na Biblia: *Ecce diſcripſi eam tibi tripliciter in cogitationibus, & ſcientia, ut oſtenderem tibi firmitatem, & eloquia veritatis.*

Proverb. 22. n. 20.

2. Deſte parecer ſaõ o Egypcio, & o Ge-

Gerundense, sem nomearem quaes fossẽ estas tres partes. Mas Joseph Salernitano affirma, que saõ ellas, numero, figura, & peso; explicando o primeyro lugar de Salamão, com outro da Sapiencia, onde se lé: *Omnia in mensura, & numero, & pondere disposuisti.* Mas pelos mais achamos ser a Cabala dividida em duas faculdades, que differaõ Bresiths, & Mercana; das quaes Joaõ Reuchlino tem para si, q̃ a Bresiths val como a Fisica; & a Mercana, como a Metafisica. Donde accrescenta o mesmo Author, *Quod opus de Bresiths est sapientia naturæ, & opus de Mercana est sapientia divinitatis.* Esta Mercana se divide tambem em duas partes, Sephirod, & Semod, como se dicessemos: Pratica, & Especulativa.

Josep. Salern.

Sapient cap. 11. n. 21.

Pic. Mirand.

Joan Reuchl. lib. 1.

3. O Rabino Hamas preeminente professor desta Sciencia a quer destribuir em sinco modos, q̃ saõ: Rectitude, Cõbinaçaõ, Oraçaõ, Sentença, Supputaçaõ.

Ham. Rabin.

Pic. Mirand.

Porèm nòs ſeguindo o Mirandulano, ſeguiremos a diviſaõ das duas partes: Breſiths, & Mercana, por ſer a mais facil, & cõmum maneyra da intelligencia della. He tambem de ſaber, que a parte Semòd, huma das em que a Mercana ſe reparte, dividem igualmente os Authores em outras duas partes, que dizem Arithmetica, & Themancia, a quem outros chamão Themura. Das quaes eſta Themura, ou Themancia he de todo prohibida pelos Summos Pontifices, & permittida ſó a parte Arithmetica. A qual Arithmetica tambem à ſemelhança das outras faculdades, de que procede, ſe divide em outras duas partes, que ſe dizem Reſoluçaõ, & Compoſiçaõ. Deſtas diremos quanto pudermos alcançar com proluxo eſtudo, mas em diſcurſo breve.

Thom. Garç.

4. Ora da meſma maneyra, que dividiraõ a ſciencia, dividiraõ tambem ſeus profeſſores, chamando a huns Cabalos, a ou-

outros Cabaleos, & a outros Cabalisticos, deyxando para Cabalos sómente a Moysés, & Esdras; & para Cabaleos, & Cabalisticos toda a copia de antigos, & modernos Rabinos. Os quaes segundo o mayor, ou menor credito repartiraõ pelas profiçóes Bresiths, ou Mercana, cõforme a melhor, ou peyor opiniaõ, que delles tinhaõ por sciencia, ou virtude, porque está escrito em o seu livro Alkoser: A Cabala naõ he boa, se o coraçaõ naõ he bom.

Job. Ben. Lev. in Alkoler.

DA CABALA BRESITHS.

§. VIII.

1. ESta Cabala Bresiths como fundada em meditaçaõ natural, affirmaõ todos os Authores, q́ della escrevem, ser huma sciencia justa, & boa, em tudo differente da falcissima

Cabala, apocrifamente prefilhada, & imposta à doutrina do Santo Moysés, por cuja razão seu supersticiozo uso he evitado aos fieis pela providencia da Igreja. Pertence à verdadeyra Bresiths a interpretaçaõ dos mysterios, que contèm a Santa Escriptura, em tal fórma, que muytos varões sabios entendem naõ ser esta Cabala outra cousa, que o sentido anagogico, que os Theologos Escripturarios tem descuberto, & admittido àcerca do Testamento Sagrado; como bem se conforma com a propria interpretaçaõ desta palavra anagogia, de quem diz Covarruvias: Anagogia entre outras significações he hum remontamento subtil, ou huma excelsa, & superior intelligencia. Ou como Dionisio: *Anagogia, & Theoria pro eodem accipiuntur, id est, pro sensu oraculorum mystico, & recondito, qui nos in cælum meditando subvenit, propèque Deum cernendum contemplantibus præbet.*

Covar, lit. C.

Dionis. de Cæl. Hierarch cap. 2.

Seu

2. Seu officio he ſublimar o penſamento do homem, & conduzillo a nova alteza, & contemplaçaõ, conforme ao ǵ lemos: *Beatus vir, qui in lege ejus meditabitur die, ac nocte*, donde deve notarſe, & notão naõ ſem razão todos os Cabaliſticos, que ſenão diz: *Qui legat*, nẽ: *Qui ſcribat*, nem: *Qui loquatur*, ſenaõ, *Qui meditetur*, porǵ da meditaçaõ da ley do Senhor vem toda a ſabedoria, como já diſſe David: *Initium ſapientiæ timor Domini.*

Pſal. 110.

3. Eſta ſublimaçaõ do humano pẽſamento, ſe conſegue por hum deſtes caminhos, a que os Cabaliſtas chamão Sechel, Sandalphon, Mettatron, aos quaes correſpondem Diafanidade, Phantaſia, Razão. Porque em o homem imaginaõ elles tres regiões; bayxa, media, altiſſima. A primeyra entregaõ ao ſentido exterior. A ſegunda ao ſentido interior. A terceyra ao juizo humano. E neſtes tres eſtados aſſentaõ ſeis differenças, porque em

em o primeyro obraõ os ſentidos corporeos, & eſtaõ ſuſpenſas as operacões internas da alma; em o ſegundo ceſſa o corpo,&começa a alma por onde he chamado homem; em o terceyro ceſſa a potencia intellectiva, & começaõ as operações da mente, por onde o homem he chamado Deos (& mais ſemelhante a elle) conforme ao que eſtá eſcrito: *Ego dixi, Dii eſtis:* Mas com mayor diſtincçaõ ſe dizem eſtes tres, Sentido, Juizo, Razaõ, cuja differença de eſpecies conſtituẽ em a Diafanidade, Phantaſia, & Mente, pelos quaes eſtados fazem ſobir a Deos as conſideraçoens humanas, levantando-as deſde as couſas terreſtes às celeſtiaes, das ſenſitivas às intelligiveis, das mortaes às divinas,quaſi por hũa infalivel conſequẽcia,ou forçoſa aſcençaõ do diſcurſo. Pelo que alguns Padres Gregos, & Latinos tiveraõ para ſi, que a Cabala Breſiths he conveniente, & neceſſaria para a interpretaçaõ.

Thom. Garç. Diſcurſ. 29.

pretaçaõ daBiblia,em q pòde fundar a cõ
mũ sentẽça dos Cabalisticos referida por
Reuchlino: *Conversare oportet cum Diis.*
4. Passa a Bresiths a considerar a for-
ça, & dignidade, & natureza de todas as
cousas creadas, assim naturaes, como ce-
lestes, por onde tambem de algũs he cha-
mada Fisica exposiçaõ, muy semelhante
à Magia natural, em que Salamão por o-
bra divina foy taõ eminente, que affirma
Jorge Cedrenio tomáraõ inteyramente
de seus livros os Filosofos Gregos toda a
origem da Medicina, porque nelles (co-
mo diz Saõ Jeronymo) se explicava por
altissima disputa, & se descobria por fir-
missima conclusaõ a qualidade de todas
as cousas, desde o mais alto cedro, atè a
erva mais humilde, sem que ficasse ave,
peyxe, ou animal, cuja virtude alli se naõ
declarasse. O que tudo tambem da Ca-
bala Bresiths quizeraõ affirmar os que a
seguiaõ. De que obrigado Reuchlino,&
favo-

Reuchl. lib. 3. col. 719. lit. D.

Sixt. in Phisic.

Cedren. in Phisic.

Div. Hier.

favorecido dos ſabios Hebreos, diſſe por authoridade delles: *Quod ad explicandũ virtutem operis de Breſiths, carni, & ſanguini impoſſibile*; & em outra parte lhe chamou *Auro bono* entendendo pelos Cabalaſticos aquelle lugar de Iſaìas: *Dignabor hominem plusquam aurum optimũ.*

Reuchlin. lib. 1.

Iſaìas.

5. Entre os Gregos parece ſem duvida, que naõ foy de todo ignorada eſta Sciencia (como já diſſemos) ſendo muy conforme, quando naõ foſſe a meſma, com aquella, a quem elles chamàraõ Comoslogia, ſegundo ſe colige de alguns lugares de Plataõ, & principalmente em o Dialogo Cratylo cõmentado por Marſilio Fiſino, donde (como adiante veremos) pertende aſſentar a razão Fiſica da virtude dos nomes, por ſciencia conſtituida entre os ſabios Hebreos. Da qual affirma Marſilio eraõ elles taõ obſervantes, que à ſua propria Religiaõ a antepunhaõ, quando diſſe: *Scientia nominum nõ*

Plat. in Crat Marſil. in Plat.

eſt

est humilis, sed excelsa pracipue divinorum, hanc sapientes Hæbræi tanti fecerunt, ut eam nonmodo scientiis omnibus, verum etiam legi scriptæ prætulerint; pelo que bem se infere como o uso da Cabala Bresiths lhes facilitava a intelligencia dos mysterios de sua Ley, que por ella interpretavaõ, & obedeciaõ.

DA CABALA MERCANA.

§. IX.

A Segunda parte da Cabala se diz Mercana, a quem Thomas Garçon, & Rebulosa pela semelhança que ha entre a letra N, & a letra V chamaõ Mercava, & he aquella sciencia, que deu ao mundo mais que entender, & nos darà aqui quasi toda a materia deste Tratado.

Thom. Garç. in Thea. Discurs. 36. pag. 134. Rebulos.

2. Foy entre seus antigos sequazes de

de taõ alta reputaçaõ, que ainda em ſeme-
lhante poſto paſſou delles aos modernos,
ao que atentando o referido Reuchlino
no lugar citado, havendo dito ǭ aos hu-
manos era impoſſivel louvar as opera-
çõẽs da Cabala Breſiths, accreſcẽta: *Quã-
to magis de Mercava*? Porque tiveraõ, &
venerárаõ elles eſta Sciencia, por huma
Theologia orfica, & ſimbolica, a qual por
alta contemplaçaõ da Divina, & Angeli-
ca virtude os inſtruia da pronoſticaçaõ
do futuro, ſem que a ſeu parecer ſe deſ-
viaſſem da ſcientifica verdade.

Reuc. lib. 1. lit. G.

3. Tinha por objecto os ſagrados
nomes de Deos, atè o numero decimo
neſta maneyra. O primeyro Enſoph. O
ſegundo Hiels; & aſſim ſeguindo a ordẽ
numerativa: Emeth, El, Elohim, Eloha,
Sabaoth, Elahe, Sadai, Adonay; aos quaes
reſpondem ſimbolicamente: Coroa, Sa-
piencia, Prudencia, Clemencia, Severi-
dade, Ornato, Triunfo, Lavor, Funda-
mento, Reyno. Eſtas

4. Estas saõ as dez numeraçoẽs (dizem elles) que nòs os mortaes concebemos de Deos,ou essencias,ou pessoaes,ou cõmuas, deduzidas dos dez nomes, que demonstramos. De maneyra,que ao nome Ensoph primeyro em ordem dos dès, occorre simbolicamente Coroa, & he o proprio, que disseraõ os Gregos Alpha, & Omega, principio, & fim;& daqui deduziaõ a sentença: *Ensoph Corona Regni omnium.* Pelo que à dignidade deste nome eraõ subalternadas todas as cousas Regias, Mortes, Vitorias, Transmigraçoẽs de Imperios, Ligas, Pazes, Guerras, & successos semelhantes, que tudo deduziaõ do nome Ensoph. E pelos mais repartiraõ todos os humanos effeytos, segundo a intrinseca dignidade, que em o tal nome consideravaõ; da qual dignidade, ou attributo (tinhaõ para si) havia na voz humana, procedido aquelle tal nome. Como em Roma se chamou Scipiaõ

Afri-

Africano por razão de haver triunfado da Africa; ou tambem, porq́ da propria vocaçaõ de Deos ſe aprendeſſe o nome, com q́ queria ſer invocado, como quando de ſi diſſe: *Ego ſum Alpha, & Omega.*

5. Igualmente ſe valia eſta Cabala Mercana dos nomes dos Santos Anjos Michael, Gabriel, Rafael, Zadkiel, Raziel, Maethiel, Oriel, Peliel, & outros de que a Sagrada Eſcriptura fas mençaõ; dos quaes nomes tambem à imitaçaõ dos de Deos produzia ſuas enumerações em virtude da ſignificaçaõ intrinſica, que ſegũdo o rigor da palavra Hebrea, nelles conſideravaõ.

6. Ajudava-ſe naõ menos em algũa maneyra dos ſantos ſinaes, & ſe ſervia por modo interpretativo, naõ ſó de nomes, mas de letras, numeros, & figuras, como iremos moſtrando; ao que tambem ſe accreſcentava a obſervaçaõ de caracteres, linhas, pontos, & accentos. O q́ tudo

tudo ſe inclue na virtude da figura, que he huma das quatro partes de ſeu myſterio.

7. E porque naõ pareça redicula eſta obſervaçaõ he de ſaber, q́ a lingua Hebrea foy taõ frequente neſtes ſegredos, que os naõ deſprezáraõ, antes muyto ſe valeraõ delles para a intelligencia da Eſcriptura Santa aquelles primeiros Padres, que no la interpretáraõ. Porque a expoſiçaõ notoriaca, q́ em beneficio da Igreja uſou Santo Epiphanio, S. Jeronymo, S. Iſidoro, Eſtratonico, Suidas, & outros famoſos Interpretes toda depende da obſervancia daquelles ſimbolos, & ſinaes, que nos idiomas Hebreos, & Gregos ainda achamos hoje, como he o Aprile, Gehenon, Dſaulos, Eccliſis, Zitima, Mellon, Xenion, Uranion, Gnuema, Trio-pos, Ypſilon, Ypogramenon, Caracter, Diplos, Segor, Pethach, Hauron, Antira, Anyranos, Aſtericus, Cbelus, Metobelus,

S. Epiph. S. Hieron. S. Iſidor. Strat. Suid.

belus, Cauranion, Agnoſtigmenon, Liminiſcus, Subliniſcus, Antigraphus, Antiſima, Oryphia, Dypla, Periſtigme, Silicus, Nechudot, que todos na Trãslaçaõ, & interpretaçaõ do divino Texto fazem conſideravilliſſimo myſterio, recebido, uſado, & inculcado pelos Santos, & Padres da Igreja.

DAS PARTES DA CABALA Mercana.

§. X.

1. JA' diſſemos em quantas partes ſe dividia a Cabala Mercana, a ſaber, em Sephirod, & Semod: & porque a Sephirod he a pratica de que naõ havemos de uſar, nem eſcrever; & a Semod a eſpeculativa, de q́ ſó havemos de dar alguma noticia, proſeguimos com ella, & ſua diviſaõ em Arithme-

thmetica, & Themancia, ou Themura, da qual tambem nos desviaremos por razão de seu perigo, & só haveremos de tocar lá em o fim deste Tratado, o que for necessario a descubrir a falcidade, & mẽdacia de tal observaçaõ; agora nos fica para discorrer àcerca da Cabala Arithmetica, já como havemos visto, dividida em Resoluçaõ, & Composiçaõ, que saõ as duas partes de que trataremos mais fũdada, & curiosamente.

2. He a Cabala Arithmetica aquella a quem tambem chamão elementaria, & seu fim (principal objecto da Mercava) inquirir, & interpretar alguns divinos segredos em virtude de nomes, letras, numeros, & figuras, dos nomes de Deos, & dos Anjos; das letras de q̃ constaõ esses nomes; dos numeros, que essas letras significaõ; das figuras destes numeros, & letras; & alguns outros sinaes raros, & indeclinaveis.

 Dif-

3. Differe da condenada Themancia, em que a Themancia tem por objecto o bem, ou o mal do homem, dizendo erradamente ſeus ſequazes, como afirma o Doutor Valle, q́ o Anjo Raziel enſinára a noſſo primeiro pay Adaõ: *Magicam ſcientiam quâ ſciret, & poſſet advocare Angelos bonos ad bene faciendum, malos autem ad male operandum.* Mas a Arithmetica ſómente ſe encaminha a diſcifrar quanto humanamente for poſſivel, ſegredos, que reſultem em louvor da altiſſima providencia de Deos, commodo, & deſcanço dos homens.

Valle de Mour. ſeſ. 2. c. 5. n. 2.

4. Porém ainda ſuppondo, que o fim da Arithmetica ſe encaminhe a obra de Fè, & piedade, muytos varões grandes julgaõ por de pouco fundamento ſua elementaria diſpoſiçaõ, de cuja validade naõ diſputo, nem farey mais, que com tanto eſtudo, quanto a materia pede, referir as razões, com que os Cabaliſticos

com-

comprovaõ o vigor de ſua Sciencia: & quando a ſeus argumentos ſe ajunte alguma particular obſervaçaõ noſſa, entẽdeſſe que ſe naõ trás mais, que em graça do que ſe refere. Digamos agora da Cabala elementaria por via de reſolucaõ, & depois diremos por via da compoſiçaõ.

DA CABALA RESOLVTORIA.

§. XI.

1. CHama-ſe Cabala reſolutoria aquella, que ſeparando em algumas dicções as letras hũas de outras, fas que moſtre cada letra por ſi meſmo algum myſterioſo ſentido.

2. Declara-ſe, & ſe illuſtra eſte modo reſolutorio com o exemplo, que eſcreve S. Jeronymo ſobre o terceiro livro dos Reys, onde ſe lem eſtas palavras de David a Salamão: *Habes quoque apud te*

D.Hieronim. in lib Reg.

 Semei

Semei filium Gera filii Jemini de Bahurim, qui maledixit mihi maledictione pessima.

2. Esta dicçaõ ultima, *Pessima*, se explica pela Cabala resolutoria (& por ella mesmo se declara) nesta maneyra: a palavra *Pessima* se diz no Hebreo *Nimrezeth*; & consta de sinco letras Hebraicas, que saõ *Num*, *Men*, com que se fas *Nim*, porque o *N* leva comsigo o som do *I*, & assim fas *Nim*. *Rez*, *Zaddi*, da mesma maneyra, & fica em as quatro letras denotado *Nimreze*. Tem mais o *Thau*, quinta letra, que leva comsigo o *H*, de sorte, que com estas sinco letras juntas, *Num*, *Men*, *Rez*, *Zaddi*, *Thau*, se denuncia em o rigor Hebreo a palavra *Nimrezeth*, ou *Pessima* em Latim: E entaõ diz S. Jeronymo, chamaraõlhe *Num*, que significa *Neoph*, que he adultero, improperando a David com a memoria do adulterio; chamaraõlhe *Men*, que significa *Moabita*, notando-o de geraçaõ Moabita, infiel, & inno-

innobil; chamaraõlhe *Rez*, que ſignifica *Roſeba*, iſto he homicida, pelo injuriar com a memoria da morte de Urias; chamaraõlhe *Zaddi*, que ſignifica leprozo, como David parecia, quando deſterrado do Reyno fugiaõ delle todos, como de peſſoa contagioſa; chamaraõ *Thau*, que ſignifica *Thoeva*, que he abominavel, dãdolhe a entender, que a Deos, & aos homens era pelas ditas culpas aborrecivel.

4. Santo Agoſtinho, Saõ Cypriano, & Beda trazem outra obſervaçaõ, q́ tambem pertence à Cabala reſolutoria, entendendo que aquelle famoſo Tetragrãmaton do nome Adam, ſe comprehende pelas quatro letras, de que elle ſe compoem. A. D. A. M. as quatro partes do Mundo, das quaes Deos tomou a terra, que amaçou para a fabrica do primeyro homem Adam, a fim de moſtrar que queria que foſſe de toda a terra, & a toda a terra tiveſſe por ſua o homem, que de

Div. Aug.
D. Cypr.
Bed.

toda a terra do Mundo era formado; assim o dissera antes destes Santos a Sybila em o segundo Oraculo por estes versos.

Sybil. Orac. 2.

Nimirum Deus is fingit Tetragrāmaton Adam,
qui primus factus est, & qui nomine complet
Ortumque, Occasumque, Austrum, Boreamque rigentem.

Porque do primeyro *A* se entende *Anatalim*, como chamavaõ os Gregos ao Oriente. Pelo *D* se interpreta *Dysin*, que quer dizer Occaso. O segundo *A* se tem por *Aakton*, que he o Setentriaõ. O *M* se explica *Mesymbrian*, que he o Meyo dia.

5. Da propria sorte se estende a Cabala resolutoria à interpretaçaõ das dicções, como à das letras, quãdo cada dicçaõ por si mesmo pode comprehender alguma escondida sentença. Por esta cõta se poem aquella famosa interpretaçaõ do

do Profeta Daniel a Balthesar Rey de Babylonia, que se refere no Livro de Daniel. Porque sendo tres sómente as palavras, q̃ o dedo debuxou na parede: *Mane*, *Thecel*, *Phares*, naõ foraõ pelo Profeta trasladadas em continua oraçaõ, antes expostas divisamente, achando a cada qual seu mysterioso sentido: como se lè na Escritura Sagrada. Porque o *Mane*, interpretou independente: *Numeravit Deus regnum tuum, & complevit illud.* O *Thecel* tambem sem companhia interpretou: *Appensus es in statera, & inventus es, minus habens.* O *Phares* por si sò interpretou: *Divisum est regnum tuum, & datum est Medis, & Persis.*

Daniel cap. 5.

6. Porèm ainda sendo necessario termos, & confessarmos, conforme confessamos, & temos, que Daniel como Profeta Santo, nesta, & em outras varias explicaçóes, que delle se lem, fallou sempre alumeado pelo espirito de Deos (cõ-

tra

tra o erro de alguns, que só à ſciencia, & obſervaçaõ humana quizeraõ adjudicar eſtas maravilhas) toda via, nem por eſta razão fica defraudada a opiniaõ deſta Cabala reſolutoria (quanto ao modo porq́ obra) quando pelos referidos exemplos vemos illuſtremente abonado ſeu uſo, moſtrando-ſe com provas infaliveis, como por letras, & por nomes foraõ no antigo Teſtamento explicados importantiſſimos ſegredos, que nos nomes, & nas letras ſe continhaõ fechados com a chave da eſcuridade, que naõ deyxava penetrar o intimo de ſua ſignificaçaõ; com o que podemos entender, que de alguma ſemelhante maneyra a Providencia Divina poderá, & ſaberá ſubalternar à ſciencia humana outros nomes, ou ſinaes, em que ſe depoſite alguma interna virtude, quando da expoſiçaõ delles reſulte conveniencia à ſua Igreja. O que devemos eſperar em termos licitos, & naõ com a teme-

temeraria liberalidade com que os Rabinos quizeraõ abrogarſe por modo de ſciencia o proprio poder, que por modo de graça foy a Daniel concedido. Dizendo errados, & irroneos, que aſſim como a Daniel fora decente produzir huma ſentença de cada dicçaõ, accreſcentando,& dividindo as palavras eſcritas a Balthesſar, aſſim lhes era a elles licito interpretarem os lugares da Eſcritura com ſemelhante liberdade; naõ vendo (como cegos ſempre em tudo) que do particular dom cõcedido de Deos a Daniel naõ ſe podia ſeguir huma univerſal licença, & authoridade, para que cada hum por ſi meſmo poſſa diminuir, alterar,ou accreſcentar as palavras das Eſcritura Santa,de cuja legal contextura pendem as importantes verdades divinas,& humanas.

DA CABALA COMPOSITORIA.

§. XII.

1. CHama-ſe Cabala compoſitoria o ſegundo modo de explicar, que tem a Arithmetica; o qual he, quãdo com nova ordem ſe cõmutaõ, & transferem humas por outras as letras de qualquer dicçaõ, formando dellas differentes ſylabas, vozes, & ſentido, do q́ antes tinhaõ, como ſe vè na profana erudiçaõ de Gregos, & Latinos, & hoje na dos vulgares em aquelle genero de ſymbolo compoſitorio, que chamão Anagrãma, cujo nome bem ſignifica o officio da compoſitoria, ſendo elle compoſto de duas vozes Gregas, *Ana*, propoſiçaõ de movimento, & *Gramma*, que he letra; moſtrando aſſim, que movendo-ſe as letras, tirando-a de hum lugar, & pon-

pondo-a em outro faraõ nova ſentença: & neſtas taes compoſições florecem hoje os Francezes ſobre as mais naſções amantes das boas letras.

2. Eſte modo da Cabala compoſitoria ſemelhante ao da reſolutoria ſe declara, & ennobrece muyto com outro lugar de S. Jeronymo explicando a Jeremias. Donde o Santo Doutor he de parecer que havendo o Profeta de intimar da parte de Deos a Nabucodenoſor o caſtigo, que determinava darlhe (figurado no Caliz, que mandava beber aos impios Reys) começou ameaçãdo aos de Egypto, & da terra Auſitidis, & Philiſtim, Aſcalonia, Gaza, Acaron, Azon, Idumea, Moab, Tiro, & Sidon; aos Reys Inſulanos; & aos Danthema, Bus; & a todos os de Arabia, & Occidente: os Zambros; os de Elam; os Medos; & a todos os do Achilo, longe, & perto: & quando depois de taõ notavel apparato (o qual parece,

ece, que por lhe facilitar o perigo pòs diante) houve em fim de fallar Jeremias na destruiçaõ de Babylonia, por não concitar contra si inutilmente a indignaçaõ do Rey barbaro, usou de tal arteficio, que converteo (segundo a regra compositoria) o nome de Babel de quẽ queria profetisar, em o nome de Sesach, que em lugar de Babel sentenciou, dizendo: *Et Rex Sesach bibet post eos.* Mostrando assim com alto mysterio, que pela palavra Sesach, se devia entender, & dava a entender Babel, & não Sesach, que tal Reyno não havia então em o Mundo.

Hieron. cap. 25. n. 27.

3. A prova disto he, que se nòs lessemos por ordem o alfabeto Hebraico, começariamos em Aleph, como os Gregos em Alpha, & em As os Latinos; & acabariamos em Thau, como em Omega os Gregos, & os Latinos em Zeta. Porèm se alterando o periodo cõmum dos alfabetos lessemos o dos Hebreos transpondo-o,

pondo-o, & ſorteando-o, quando o fazemos ler aos moços quando aprendem, para mayor deſembaraço, & exercicio da memoria, achariamos, que aſſim como regularmente em o noſſo A B C, correſponde o A ao Z, o B ao X, o C. ao V, o D ao T, o E ao S, o F ao R, o G ao Q, o H ao P, o I ao O, o L ao N, & fica ſem parelha a letra M; aſſim pela propria ordem em o alfabeto Hebraico fica no meyo ſem alguma parelha, ou companhia a letra Lamed, da qual vindo hũa ves atrás, & paſſando outra adiante, para buſcar praceyra (como na ordem propoſta apontamos das letras Latinas) occorre a letra Beth, & as mais ſeguintes, que fazẽdo de hũa maneyra Babel, fazem da outra Seſach, ſegundo a ordem, porque à letra Lamed ſe lhe buſca antepoſta, ou poſpoſta outra letra com que vogue, pela maneyra, que em Saõ Jeronymo ſe acha magiſtralmente expoſto.

E não

4. E não pareça este modo de exposiçaõ elementaria da Cabala compositoria deduzido taõ violentamente, que se naõ haja admittido pelos Doutores Ecclesiasticos muytas vezes em algũs lugares escuros, que com outro sentido naõ podéraõ interpretarse; ou ainda em aquelles, que sendo interpretados de outra maneira naõ excluem a interpretaçaõ elementaria, como se vè em outro famoso lugar do Apocalypse, onde fallando Saõ Joaõ do Antechristo, como alli entendem todos os Interpretes, diz assim: *Qui habet intellectum, computet numerum bestiæ, numerus enim hominis est, & numerus ejus sexcenti sexaginta sex.* Das quaes palavras, numeros, & sinaes, Sãto Ireneo, Hypolito, Aretha, Ticonio, & Pramasio deduzem o nome, q̃ haverá de ter o Antechristo: huns dizem que se chamará Teytão, quasi gigante; outros Aateinoe, que quer dizer Latino; outros Antemos,

Apocal. cap. 13. n. 18.

D. Irin. Hypolit. Areth. Ticon. Parmas.

temos, que val ſoberbo, porque ſomando o valor dos numeros, que ſignificaõ todas as letras, de que eſtes nomes ſe cõpoem, vem cada hum por ſua via a ſomar o numero de 666. como diz o Eſpirito Santo: *Et numerus ejus ſexcenti ſexaginta ſex*; q̃ he o ſinal propoſto aos varões de juizo para conhecimento da beſta Antechriſto, de que no Apocalypſe tantas vezes ſe falla.

5. Mas Anio Viterbo interprete de Beroſo Chaldayco he de parecer, que pelo proprio numero 666 ſe denota, & ſoletra o nome Mafoma. Donde Pererio trazendo em ſeu favor a Nicolao de Lira, tem para ſi, que naõ ſó os numeros reduzidos a letras ſignificaõ eſſe nome Mafoma, mas que eſtas proprias letras, que dos numeros ſe produzem, produzem tambem em ſi outros numeros, que denotaõ os annos da duraçaõ da ſeyta Mahometana: aſſim o ſente S. Antonino de Florença,

Anio Viterb. in Beroſ.

Bened. Perer. Nicol. Lirenſ.

S. Anton.

Genebr. Clotov. Burgenſ. Aureol.

rença, Genebrardo, Clotoveo, Lucas Burgenſe, & Aureolo; ſendo tambem naõ poucos os Authores, que vereficão em o nome de Luthero os meſmos numeros, & as proprias letras, como refere Matute.

Matut. in Triumph. part. 1.

6. Eſcuriſſimo, mas de grande utilidade à intelligencia deſta Doutrina, he outro lugar, ǵ os Cabalos obſervão em aquelle famoſo Tetragrãmaton I H V H יהוה que Deos de ſi inculcou a Moyſés, para nome de ſua eternidade, quando lhe diſſe: *Hoc eſt nomen meum in æternum, & hoc memoriale meum in generatione, & generationem*: em o qual nome, ou letras delle ſaõ tantos os myſterios, ǵ ſe deſcobrem, que juntamente lhe chamáraõ os Gregos, Ἀνεπάγγελτος iſto he: *Non vocatus*; porque nelle ſe denota Cabaliſticamente o numero 72. & neſte numero infinitos myſterios, como veremos neſta maneyra.

Exod. ca.

He

7. He de ſaber, que pelo valor poſitivo dos Hebreos val a letra Jod,que he a primeyra do Tetragrãmaton I H V H 10; o primeyro He, que he a ſegunda letra val 5. a letra Vau, que he a terceyra val 6. & o ſegundo He, que he a quarta val outros 5. os quaes numeros ſomados todos juntos fazem 26. Mas ſomandoſe ſempre hum valor ſobre outro,valeráõ as proprias letras deſte Tetragãmaton 72. como faremos, dizendo aſſim: Se o Jod val 10, o Jod, & o He val 15, o Jod, & o He, & o Vau val 21, o Jod, o He, o Vau, & o He ultimo val 26. Logo 10, 15, 21, & 26 valerào 72. Do qual numero 72 procedem entaõ aquelles 72 nomes de Deos, que ſe deduzem do proprio Tetragrãmaton, que ſaõ: 1. Vehuiah, 2. Jeliel, 3. Sitael, 4. Elemiah, 5. Mahaſiah, 6. Jelaeh, 7. Achaiah, 8. Cahethel, 9. Haziel, 10. Aladiah, 11. Laviah, 12. Hahaiah, 13. Jazaſel, 14. Me-

bahel, 15. Hariel, 16. Hakamiah, 17. Loviah, 18. Caliel, 19. Leuviah, 20. Pahaliah, 21. Nelehael, 22. Jeiaſel, 23. Melahel, 24. Haiviah, 25. Nithhaiah, 26. Haaiah, 27. Jezalel. 28. Seechiah 29. Reiael, 30. Omael, 31. Lecabel, 32. Raſariah, 33. Jehuiah, 34. Lehahiah, 35. Chavakiah, 36. Manadel, 37. Aniel, 38. Haamiah. 39. Rehael, 40. Jeiazel, 41. Hahahel, 42. Michael, 43. Vevaliah. 44. Jelahiah, 45. Seaaliah, 46. Ariel, 47. Aſaliah, 48. Michacel, 49. Vehuel, 50. Daniel, 51. Hahaſiah, 52. Imamiah, 53. Nanael, 54. Nithael, 55. Mebahiah, 56. Poiel, 57. Nemamiah, 58. Icialel, 59. Harael, 60. Mizarael, 61. Umabel, 62. Jahhahel, 63. Anuel, 64. Mihiel, 65. Damahiah, 66. Mavakel, 67. Eiael, 68. Habuiah, 69. Rochel, 70. Haiael, 71. Jabamiah, 72. Muniah. Os quaes com tremor, & temor eraõ nomeados.

8. Porque os Hebreos denotando

os

attributos altiſſimos de Deos por eſtas duas particulas, El, & Jah os ſignificavaõ de tal modo, q́ guardáraõ ſempre a particula Jah, para quando queriaõ nomear a Deos benefico, como ſe vè na verſaõ Hebrea, porque donde S. Jeronymo diz: *Si iniquitates obſervaveris, Iah Domine, quis ſuſtinebit*; & quando fortiſſimo o denunciavaõ pela particula El; o que tambem ſe vè em aquelle lugar dos numeros, donde dizem os Rabinos: *Fortiſſimè El, Deus Spirituum omnis carnis, num uno peccante contra omnes iræ tuæ deſæviet?* Da propria maneyra, que os Romanos ao ſeu Jupiter chamavaõ optimo maximo; pela bondade, optimo; pela fortaleza, maximo; ſegundo ſe lè em Marco Tullio.

Num. cap 16. n. 22.

Tull. in orat. ad P. pro Domo ſua.

9. E daqui ſe toma a razão, porque todos os nomes dos Santos Anjos, que ſe eſcrevem na ſagrada Pagina acabaõ em a particular El, como vemos em os Archãjos Michael, Gabriel, Raphael, & em os

Anjos Raziel, Jophiel, Zadkiel, Peliel, Malthiel, Virel, & outros. Donde ſe entende aquelle lugar do Exodo: *Ecce ego mito Angelum meum*: a qual clauſula acaba em eſtas palavras: *Audi vocem ejus, ne exacerbaveris eum, quia non ignoſcet ſceleribus veſtris, quoniam nomen meum eſt in illo.*

Exod. cap 23.

10. Eſtes 72. myſterioſos nomes comprehendidos no grande Tetragramaton I H V H, ſe denotaõ todos por outro naõ menos myſterioſo nome, que os Hebreos dizẽ Semhammephoras, o qual abraça o valor de todos, & em cuja virtude ſe incluiaõ notaveis maravilhas, que algumas tocaremos, quãdo fallarmos do vigor, que ha, ou pòde haver em os nomes. Aqui tambem ſe prova aquella notabilidade obſervada dos ſabios, & quaſi univerſalmente conhecida; que o nome ineffavel de Deos, como por ley natural, em todos os idiomas do Mundo he Tetragra-

tragramaton, & conſta de quatro letras, que foy ſem duvida a cauſa de que osHebreos chamaſſem ſantas a eſtas quatro letras I, H, V, H, de que conſta o nome divino Jeova.

11. Eſta taõ alta maravilha, argumenta, & prova Marſilio Feſino,naõ podia obrarſe ſe não por ordem ſobrenatural, & divina; cita o ſeu Commentario in Philebum, & diz de ſi: *Ubi probatur, non potuiſſe in hoc uno gentes omnes, non niſi divinitus convenire.* Porque ſe bem obſervamos o Divino nome,ſegundo o proferem as mais das gentes do Mundo, veremos papalvelmente eſta verdade. Os Judeos lhe chamáraõ *Jeova* por I H V H. os Caldeos Eloha, os Syros Eloa, os Ethiopes Amlau,os Aſſyrios Adaõ,os Gregos Theos, os Egypcios Theut,os Perſas Syre, os Latinos Deus, os Italianos Idio, os Heſpanhoes Dios, os Luſitanos Deos, os Francezes Dieu, os Alemães Godtt,

Marſ. Fiſin.in Philh.

os Flamengos Goth, os Inglezes Gotd, os Mogores Orſi, os Polacos Pevag, os Dalmatas Bogi, os Sarracenos Abgd, os Mouros Allà, os Indios Zimi, os Valachos Zeul, os Lingenos Odel, os Hungaros Iiten. E ainda que barbaramente os Biſcainhos lhe chamaõ Jamgaſcoa obſervaõ a propria ley do Tetragramaton, porque rigoroſamente ſaõ quatro letras, Jam, gas, co, a, as de que conſta eſte nome.

12. Omittimos com razaõ outros exemplos, como o do nome Meſiha, que ſe denota pelo numero 398. & alguns ſemelhantes; porque deyxando com ſufficiencia, & claridade expoſto o que dizemos, todos os mais exemplos, argumentos, & provas naõ ſervem a doutrina, nẽ authoridade do que ſe trata; & ſaõ ſómente humas vans eſcumas produzidas da vaydade de erudiçaõ, com que Authores de ordinario confundem ſua doutrina

trina com reprehensiveis demasias; vicio muy semelhante ao Pleonasmo aborrecido dos Gregos, & peccado mortal contra a pura eloquencia de qualquer lingua.

DOS ARGUMENTOS, & respostas, àcerca da Cabala Elementaria.

§. XIII.

1. AInda, que pareça, que com excessiva digressaõ nos desviamos da ordem, que levamos nesta escritura, bem se conhecerá naõ havemos perdido de vista os termos da Sciencia, q̃ escrevemos; assim apanhandonos em sua pratica todo o possivel, será razaõ, que logo depois de havermos, como havemos dito, que esta Cabala, ou Arithmetica se serve de nomes, letras, numeros, & figuras, já por modo resolutorio, já por mo-

modo compoſitorio. Vejamos quaes ſaõ as razões com que ſe prova, & impugna a virtude, ou valor intrinſeco deſſes nomes, letras, numeros, & figuras.

2. Para o que he de notar, que ſuppoſto naõ eſteja atè hoje aſſentado firmente entre os Authores a qual dos idiomas toca a propriedade, ſendo huns de parecer que ao Chaldayco, outros que ao Hebrayco, & alguns que ao Areneo, como affirma o Doutor Valle: *Hebraicam non fuiſſe primam, ſed Araneam doctiſſimis placet.* Todavia, como aquelle povo Hebrayco, em quanto ſeguidor, & obſervãte da verdadeyra ley, foy quem mais que outro alcançou a cõmunicaçaõ Divina, & Angelica, mereceo que ſeu idioma foſſe chamado Santo, Angelico, & Celeſtial, com premiſſas de que na republica da Igreja triunfante haja de ſer uſado depois da final Reſurreyçaõ. Alcançou aſſim meſmo, que nelle fallaſſe Deos aos

Valle de Mour. ſeſ. 2. cap. 5. n. 4.

San-

Santos Patriarcas, & os divinos Oraculos de ſuas vozes ſe ſerviſſem para miniſtrar preceytos, & reſpoſtas aos homens, como ſobre os mais diſcorre Genebrardo. Donde parece, que juſtamente ſe infere, & affirma, que eſta myſterioza lingoagem contèm em ſuas palavras, letras, numeros, & figuras, huma virtude unica, intrinſeca, naõ igualada, nem cõmunicada a outro algum idioma do Mundo. Pela qual razaõ ſe naõ deve querer regular o vigor della pelas regras cõmuas Filoſoficas, & naturaes, que cõprehendem todos os mais idiomas.

Genebr. ad tit. Pſ. 50.

3. Porèm os que tem a parte negativa contradizem tanto a lingoa Hebrea como as mais, a Fiſica virtude das palavras, & conſeguintemente a das letras, numeros, & figuras; dizendo, que aquella aptidaõ affirmada dos Hebreos à ſua lingua, naõ pòde ſer eſſencial, por quanto qualquer palavra, naõ he mais que hũ

ſinal

ſinal ex inſtituto, conſtituido voluntariamente de acordo dos homens, para ſignificaçaõ deſtas, ou daquellas couſas, ſem algum merito da parte da palavra, para poder Fiſicamente explicar, & denotar, aquella propria couſa, que por ella ſe explica, & ſe denota.

4. Iſto declaraõ melhor com hum exemplo aſſás facil. Porque ſe agora em modo Cabaliſtico tomaſſemos eſta palavra, Si, que em Caſtelhano val ſim affirmativo, ſignificaria por via do numero a quantidade ſincoenta & hum em ordem ao valor, que eſtá conſtituido à letra S, & à letra I, que fazem a palavra Si. Porèm eſta propria palavra Si em outra qualquer lingua, que naõ ſeja a Heſpanhola, naõ ſignificaria a palavra ſi affirmaçaõ. Porque para dizer eſta affirmaçaõ Si em Tudeſco, era neceſſario que diceſſe Yo; em Frances Hui; em Ingles Ois; em Flamengo Ya; em Biſcainho Bay. Donde dizem

eſtá claro, que a virtude ſignificativa naõ pòde ſer Fiſica, & natural da palavra, ſe naõ moral, accidental, & tranſitoria, em que naõ ha exiſtencia importante de algum effeyto.

5. Ao que os Cabaliſticos reſpondẽ, naõ obſta q̃ eſta tal virtude em os nomes incluida (principalmente em os de ſuas palavras) deyxe de ſer univerſal para que deyxe de ſer virtude; antes inferem deſſe proprio argumento o mayor valor da lingua Hebrea, da qual dizem, que eſtaõ em ſeu primeyro vigor, todas as palavras, livres, & purgadas dos accidentes da variedade, & impropriedade, que ſe pegou às outras linguas, pela original confuſaõ dos idiomas, a qual (defendem elles) naõ prejudicou nunca à intrinſeca ſignificaçaõ da lingua permitiva. Como ſe por exemplo, ainda que olhando-ſe hum homem a hum eſpelho donde ſeu roſtro eſtiveſſe afigurado, vieſſe outro, & rompeſſe:

peſſe o eſpelho, & a figura, nem por iſſo o roſtro verdadeyro do homem ficaria prejudicado. Eſta opiniaõ tem para ſi Marſilio Fiſino affirmando, que *Non eſſe ex Hæbrea lingua in alium transferenda, ſed in ſuis ipſis caracteribus conſervanda.* Da meſma maneyra entendem, que ainda q́ os mais Idiomas humanos foſſem copias, ou imagens do Hebraico, nem porque elles participáraõ daquella grande confuſaõ, que os fes varios, & incertos, a elle offendeu, ou chegou algũa parte ao Idioma premitivo, que ſe ficou puro, & intrinſecamente ſignificante, como ſe tal confuſaõ, & variedade ſenaõ padeceſſe. Entendendo, que em ſua lingua aſſiſte, & ſe conſerva a propria energia, & efficacia, com que Adam por infuſa ſciencia, & providencia deu nome a todas as couſas ſenſiveis, & inſenſiveis. E que em ſuas palavras (tambem à maneyra do Eſpelho) refletaõ, & redundaõ as virtudes, &

Marſil. Fiſin. in Plat.

pro-

propriedades das cousas, a que servem, ou que por ellas se denotaõ.

6. Da propria maneyra contra o argumento adverso natural oppoem outro, dizendo, que naõ se podendo negar tem em si a Pederneyra fogo intrinseco, nem porque elle se naõ veja ao golpe do madeyro, ou do cordel, se poderá dizer, que ella naõ inclue virtualmẽte fogo em suas entranhas, & daqui querem seja bastante a particular aptidaõ de suas palavras em seu idioma, porque se possa dizer, & affirmar, que as palavras saõ capazes de virtude fisica, & intrinseca, que nellas se considera, sem que lhes obste a limitaçaõ de que em outras linguas importem differente significado. Diffinindo-a tambẽ, & affirmando, que a virtude da palavra he diversa cousa do significado della. E que a significaçaõ pòde estar em o nome, como accidente, & a virtude como substancia. Ainda que tambem confessaõ, que

que a ſignificaçaõ he huma das virtudes do nome.

7. Porèm porque a oppugnaçaõ ordinaria he univerſal contra toda a virtude dos nomes, & palavras; darey igualmente algumas das razões com que deſfendem pela parte affirmativa, por mais que a profundidade deſta queſtaõ toque antes à Filoſia, que à curioſidade.

DA VIRTUDE DAS PALAVRAS.

§. XIV.

1. RECEBIDA he de todos aquella cõmua ſentença, que afirma haver deyxado Deos ſua virtude, *In verbis, in herbis, & in lapidibus*; das ervas, & das pedras pouco, & poucos duvidáraõ, porque a experiencia aparta qualquer argumento contrario. He logo ſó contra as palavras (como já moſtramos) toda

toda a força das oppunações. Mas a doutrina Platonica assiste de boa vontade a confessar a virtude dellas, como se vè de Plataõ em o Dialogo intitulado Cratylo, donde introduz pela doutrina moral a Socrates, pela Fisica a Cratylo seguidor de Heraclito, pela Metafisica a Hermogenes discipulo de Parmenides; do discurso da qual disputa se colige ser Plataõ de parecer que da propria maneyra, que os objectos ministraõ à vista aquellas especies, por onde saõ vistos, & conhecidos, pelo que em si he cada hum delles, com real differença, & distincçaõ de huns, a outros; assim tambem os nomes, letras, numeros, & figuras, mandaõ outras invisiveis especies ao entendimento, pelas quaes saõ delle comprehendidas, em tal modo, que hum nome, huma letra, hum numero, & huma figura se propoem diversamente à imaginaçaõ do que outra figura, numero, letra, & nome. Porque

aſſim como a letra, ou figura ſomiuiſtra aos olhos algumas eſpecies da fórma cõ que he compoſta, & da materia de que he fabricada, & humas ſeraõ differentes das outras para moſtrarem a diſtincçaõ de fórmas, & de materias, que pòde haver entre humas, & outras letras, & figuras, aſſim os nomes, & os numeros miniſtraraõ ao entendimento algũas eſpecies de bom, ou de máo, de vil, ou de nobre, de muyto, ou de pouco, de compoſto, ou de ſimples, pelas quaes eſpecies o entendimento logo comprehenda, & logo diſtingua o nome, & o numero, fazendo verdadeyro conceyto, do que he cada couſa, que pelo nome, ou pelo numero ſe ſignifica. Como por exemplo aquelle, que nomeaſſe Homem neceſſariamente faria entender Varaõ: aquelle que diceſſe Luſitania, logo faria entẽder Provincia: aquelle, que numeraſſe mil, logo faria comprehender quantidade; & o que con-

cõtasse partes, logo faria denotar divisaõ.

2. E supposto, que estes effeytos do conhecimento, ou do conceyto produzido da palavra, parece, dependem de q̃ ella seja havida por aquella tal cousa, que significa, & assim se torna a envolver esta prova com a questaõ primeyra de que sejaõ as palavras sinaes positivos ex instituto, nem por isso desfallece a força da prova desta doutrina, porque já dissemos, naõ necessitarem de universal significaçaõ as palavras para comprehenderem virtude algũa, bastando para que se lhe naõ negue a particular aptidaõ, que nellas haja, a exprimirẽ particularmente a virtude de seu significado, como diremos, q̃ porque hũ cego deyxa de ver huma torre, naõ deyxa ella de ser torre, porque naõ he vista; assim tambem naõ deyxará a palavra de incluir virtude, para este, ou aquelle effeito, por deyxar de ser entendido seu significado, deste, ou daquelle, que a naõ entendem.

3. Eſta doutrina em quanto ſenaõ oppoem ao melhor ſentimento, & ſe por ventura naõ encontra mais que algum primor de Filoſofia, differente, parece, ǵ naõ he digna de deſpreſo, antes por ſua ſubtileza de muyta aceytaçaõ, porque os exemplos moraes em boa parte a facilitaõ, & a eſpeculaçaõ Filoſofica poucas vezes a deſampara.

4. Aſſim diſcorrendo mais formalmente quanto à força das palavras, nòs vemos que nellas ha huma efficacia activa produzidora de notaveis effeytos no coraçaõ humano. Por cuja conſideraçaõ affirmou Plataõ, que aſſim como nas palavras havia virtude para curarem o animo de ſuas payxões, a devia haver para curarem o corpo de ſeus humores, ſendo couſa eſcuzada prova, & alhea de contradicçaõ, que a palavra da injuria logo produz furor, a de cortezia applauſo. Vemos, que a affirmaçaõ ſocega, a negaçaõ altera.

Plat. in Cratyl.

altera. A razaõ he, porque a payxaõ eſpiritual reverbera na palavra, ſeja verdadeyro, ou falſo o affecto, de que ſe produz; porque aſſim como noſſo eſpirito ſe move pelo que ouve, aſſim ſe declara pelo que diz, cõmunicando os conceytos às palavras, aquella propria, ou ſemelhãte virtude, que os affectos cõmunicaõ aos conceytos por alguma ſubtil parte de eſpiritualidade individual da palavra, que a componha ſempre atè ſe imprimir em o animo alheo, por modo paſſivo, & nelle traſpaſſa hũa ſemelhante payxão a aquella, de que foy produzida. Donde vemos, que a palavra, que procedeu do eſpirito irado, logo produz ira; & do benevolo, benevolencia. O que ſe obra pela ſemelhança das mentes humanas, que na aptidaõ comprehenſiva naõ ſaõ differentes. Donde ſuccede encontraremſe algumas vezes os homens em palavras, & conceytos, quando diſcorrem ſobre hum pro-

 prio

prio ſugeyto, cujo conhecimento muyto nos facilita para entendermos a virtude da palavra fiſicamente. Porque couſa he racional a transferencia dos affectos, por meyo das palavras, quando à mente activa, & à paſſiva ſaõ communs as proprias payxões, de amor, ou ira, & todas as mais, de que he theatro o coraçaõ humano.

5. Iſto ſe vè mais claramente, quando conſideramos que a ſabia natureza em deffeyto de ſinaes poſitivos (os quaes não ſe nega ſaõ de mayor uſo) ſoccorreo eſta impoſſibilidade com algũas demonſtrações naturaes, q́ deyxou, como pratica, ou lingua univerſal de todos os homens, vendo que elles em ſeus Idiomas erão tão diverſos, que ſenão ſabe outra palavra ſenão ſaco, em que todas convenhão. A prova diſto tomamos, do que ſe obſerva entre nós, & os barbaros mais remotos do trato civil, com os quaes nos

vemos

vemos igualados da natureza em muitos ſinaes, & demonſtraçõ es capazes de nos entendermos, como largamente experimentáraõ noſſos Cõquiſtadores nas terras mais apartadas, & differentes da converſaçaõ humana.

6. Aſſim ſabemos ſer cõmum para negar, o movimento da cabeça, virando-a algumas vezes a differentes partes, & para conceder o abayxalla. O chamar ſe obra eſtendendo o braço, & encurvãdo a mão para bayxo repetidamente. O deſpedir alargando a mão, & ſacodindo os dedos para diante. O ignorar levantando os hombros, & ſumindo entre elles a cabeça. O ameaçar, pondo o dedo index ſobre o nariz. O jurar, correndo a mão pela barba. Aſſim vemos ſer o abraço ſinal de amizade; o oſculo de paz; a genuflexão de culto; a carranca de ira, & alguns outros movimentos ſemelhantes, ſignificadores de payxão, & concei-

tos em que convem toda a univerſidade dos homens, em os quaes movimentos naõ podemos negar que a natureza deyxou alguma Fiſica virtude, para ſignificarem, o que por elles demonſtramos, pois ſem acordo, conſelho, ou conſtituição humana, todos convimos em declarar aquellas taes couſas, por aquellas taes acçoẽs.

7. Com ſemelhante coſtume em todas as mais obras naturaes, vemos ſimbolizado, & explicado o ſegredo da natureza: entre os quaes ſimbolos naturaes as cores tem grande lugar, porque da humidade toda ſe produz a cor verde; de toda a ſecura a cor negra; de toda a frieldade a cor branca; & de toda a quentura a cor vermelha. Tudo o que foge à viſta parece azul; tudo o que reſplandece amarello; vemos que os humores humanos tambem pelas cores ſe conhecem: a colera he verde; o ſangue he vermelho; a

fleuma branca; a malencolia negra; & aqui mais que em outra parte se verefica a significaçaõ, ou essencia fisica de cada cor; porque estas não saõ aquellas, que se comprehendem debayxo dos sinaes cõstituidos por vontade dos homens. Ainda que desta natural Filosofia receberaõ elles tambem o uso de explicar suas payxões. Donde vemos, que a bandeyra branca denuncia paz; a vermelha guerra; o negro mostra nojo; o verde alegria.

8. Mais que tudo he sabermos, que a providencia da Igreja simbolisa da messma maneyra seus affectos, em as cores de que se adorna, dandonos a entender pot ellas (como se com razões nos fallara) as acções de tristeza, & alegria, que nos propoem, & a que nos incita. Por esta obsservaçaõ, quando se celebra festa de Martyres, se vestem os altares de

os altares de vermelho; quando de Confessores de verde; quando de Virgens de branco: Em o Advento, & Quaresma se usa a cor roxa; a negra, quando se officia de defuntos. A esta imitação as Universidades denotão suas sciencias pelas cores, significando por ellas o objecto daquellas taes faculdades. Assim a Borla branca he insignia de Theologia; o Capello azul da Filosofia, & Mathematica; o vermelho das Leys; o verde de Canones; o amarello da Medicina; entre as quaes cores, & as profissoēs por ellas denotadas, se achou alguma proporção intrinseca procedida da virtude, que comprehendem, como se todas fossem vozes, & palavras, com que a natureza universalmente se explicasse.

9. Naõ he moderno este uso, antes em todas as idades, & gentes observado, como refere Plinio dos Povos antiquissimos de Thracia, que aos dias faustos sinalavaõ

Plin. lib. 7.

lavão com pedra branca, & aos infauſtos com pedra negra. Donde Perſio:

Perſ. in Satyr.

Hinc Macrine diem numera meliore lapillo.

Que imitando o noſſo Gongora, diſſe:

Gong. no Cait.

Nó cuente piedra, nó, eſte alegre dia,
Que a tanta dicha ſu blancura es poca.

E melhor o grande Argenſola:

Bart. Leonard. Epiſt. 4. fol. 259.

Si el notar pues con piedra blanca el dia
De los ſucceſſos proſperos ſe uſara,
Como tal ves la antiguedad le hazia.

Mas he razão dizermos particularmente do eſpirito das palavras.

DA MEDITAÇAM INTERNA *das Palavras.*

§. XV.

1. VEnceu a toda a antiga Filoſofia a meditação moderna da virtude intrinſeca das palavras, a qual-

qual ſegundo eſta nova eſpeculaçaõ pòde acharſe em qualquer ſinal exterior, porque taõ enrequicidos nos deyxou a natureza. E aſſim como para tirar agua de hum poço, pelo inſtromento de huma nora nos ſervimos de vazilhas de barro, & o meſmo uſo tiveraõ ſe as fizeraõ-mos de páo, ou de qualque metal, da meſma maneyra diremos, que para tirar do profundo de noſſo peyto quaeſquer conceytos, como ordinariamente nos ſervimos de palavras em que haja força, & aptidaõ idonea, para que em virtude dellas demonſtremos noſſas payxões à pratica, & uſo exterior; aſſim tambem proveo a natureza de outros ſinaes, em cuja virtude pudeſſemos obrar o proprio effeito; porque quando por relaxação dos Idiomas, ou outra qualquer impoſſibilidade nos não ſoubeſſemos declarar por palavras, ficaſſem eſtes ſinaes como fiadores, & interpretes invenciveis de noſſos interiores con-

contra qualquer difficuldade, & impedimento.

2. Joaõ Paulo Bonet de nascão Catelam, rarissimo engenho de nossos tempos, filosofou taõ profundamente nesta materia, que parece excedeo os limites de ingenho humano, achando aquella estupendissima arte de ensinar a fallar os mudos, cousa nunca antes vista no mundo, & quando conhecida admiravel: a qual arte, & sua exquisita doutrina corroborou logo com alguns actos praticos della, como eu vi, & muytos outros viraõ, & ouviraõ; vendo, & ouvindo na Corte de Castella fallar, & entender muy levemente o Marques de Villa nova, segundo filho do Condestable daquella Coroa, avó del-Rey nosso Senhor. Este Marques havia nascido, & vivido mudo, & surdo (como o saõ todos os mudos de nascimento,) & pelo vigor desta notavel disciplina, fallou, & escreveo; viveo (&

creyo,

creyo, que vive ainda hoje) explicandose com inteligivel pronunciaçaõ, & boa escritura em fino romance Castelhano. E porque este nobillissimo invento de Joaõ Paulo Bonet senaõ perdesse com sua vida da memoria dos homens, escreveo delle o proprio Author hũ livro, q̃ eu tenho em minha livraria, & foy impresso em Madrid por Francisco Abarca o anno de 1620. cuja doutrina, assim na especulativa, como em a pratica muyto melhorou depois Dom Luis Ramires, que a Joaõ Paulo succedeo em seu difficil ministerio, & magisterio, do qual tambem vimos, & ouvimos melhorados effeytos em dous discipulos, que à imitaçaõ do primeyro fallárão, & escreverão, como foy Carlos filho primogenito do Princepe Thomas, & o Marques de Priego, & agora Duque de Feria, que sendo ambos mudos de nascimento, chegáraõ a fallar com a expediçaõ necessaria para serem

en-

entendidos em virtude desta maxima sciencia symbolatoria que em muytas partes convem com a arte Cabalistica.

3. Mostra-se bem por este taõ verificado exemplo como podemos considerar em as palavras, corpo, & espirito; havendo por corpo aquelle tom, com que as proferimos; & por espirito aquelle valor intrinseco, ou aquella virtude activa que nellas ha para produzirem o effeyto de sua significaçaõ, em quem as ouve; a qual virtude forçosamente ha de existir nellas. Porq como esta affirmaçaõ Sim, tenha valor irrevogavel para conceder; & esta negaçaõ Não, tenha outro semelhãte valor para negar; em o zonido, & pronunciaçaõ da tal palavra pòde haver differença, que he o que se assina por corpo della. Mas aquelle acto interno da vontade, pelo qual negamos, & concedemos, necessita de algum instromento para que se declare; & esse tal acto interno de affirma-

firmativa, ou negativa podemos dizer he o eſpirito da palavra, Sim, ou Não, que de differentes Idiomas, como habitos, podera veſtirſe. Sóe embore a palavra differentemente aos ouvidos, ſegundo a variedade dos Idiomas, em que ſe proferem, que ſempre ſerá huma em ſeu eſpirito. Porque como ſeja certo, que *ex abũdantia cordis os loquitur*, quando a bocca tem impedimento buſca a natureza modos de exprimir ſuas payxões, da meſma maneyra, que hum rio ſe atalhaõ ſua corrente buſca logo outro caminho por onde deſague.

4. A eſte propoſito he memoravel mais que veroſimel a hiſtoria de que faz mençaõ o Conde Dom Pedro no ſeu livro das Linhages, donde ſe conta como havendo nas prayas de Gallisa ſahido a terra huma mulher marina, & tendo com ella ajuntamento hum homem, veyo delle a conceber, & a parir hum filho, o qual ſen-

ſendo por ira do pay huma ves ameaçado com a morte, foy taõ grande a dor da mãy, que rompendo à natureza os laços da impoſſibilidade, articulou voz humana, & defendeu o filho com palavras, & acções; em a qual hiſtoria funda o apellido de Marinhos. Deſta propria opiniaõ participáraõ os antigos, ſegundo ſe lè nas hiſtorias; donde ſe eſcreve, que havendo Cyro Rey dos Perſas conquiſtado a Cidade de Sarda, ſuccedeo, que entrando hum ſoldado dos vencedores no apoſento de Creſſo Rey de Lidia, que ſe achava à defenſa de Sarda, indo para o degolar, & achando-ſe alli hum ſeu filho mudo de naſcimento, venceu as difficuldades, que o impediaõ pela força da compayxaõ, & fallou ao ſoldado, pedindolhe, q́ naõ mataſſe a ſeu pay, que era Rey innocente. Mas porque eſta efficacia intrinſeca das palavras, ſe vè melhor na Muſica, diremos alguma couſa della.

DA EFFICACIA DAS PALAVRAS por modo de Armonia.

§. XVI.

1. OS frequentes, & notaveis effeytos da Musica acodẽ com grande soccorro à virtude intrinseca destes sinaes exteriores pela efficacia, com que energiaca, & misteriosamente parece, que obra em o peyto dos homẽs. Porque agora nos fas chorar, agora rir; ora eleva, ora deleyta; huma ves move a furor, outra a saudade; recobra as forças, persuade, incita, refreya, & assim joga com os animos, como se estiveraõ subalternados a seu alvedrio, & o que mais he, que naõ só pela voz humana obra a Musica estes effeytos, mas tambem pelo cãto das aves irracionaes, igualmẽte se conseguem. Ainda passa mais adiante, pois com

com a armonia dos instrumentos insensiveis regulando o estrondo, & o movimento por clausulas proporcionaes, introduz em nossos corações effeitos peregrinos, & de que elles naõ participavaõ, sem outra operaçaõ, ou diligencia, que ferir o ar, pelo vento regulado, ou pelo contacto numerozo, produzido do orgão, que a flauta, ou corda, que se fere. Vozes saõ estas por certo, ainda que artificiaes, donde concorre altamente com sua nobre efficacia a natureza.

2. Daqui os antigos redusiraõ a quatro modos a universal armonia: ao primeyro disseraõ Frigio, porque florecia nesta provinciaFrigia,& he aquelle a quẽ os Musicos modernos chamão terceyro tom; cujos effeytos saõ de severidade; incitão os animos a ira, & os corroboraõ com novo vigor: debayxo do qual modo se comprehendem os instrumentos belicos, porque vemos que em virtude do

furor, que nos infundem ſomos levados aos proprios affectos, que a antiguidade attribuhia ao ſeu modo Frigio. Ao ſegũdo chamáraõ Lidio, tambem porque os de Lidia ſe avantejavão nelle, & he hoje o quinto tom dos modernos; por eſte celebravaõ as exequias, & todas as acções de ſaudade, & lamentaçaõ, a que agora correſpondem os motetes, madrigaes, lamentações, & reſponſorios, que nos provocaõ a malencolia, gravidade, & todas as acções ſaudoſas. Ao terceyro nomeáraõ Dorio, quaſi pela meſma razão, que aos dous primeyros. Eſte he agora o primeyro tom, com o qual ſe celebraõ todas as acções de alegria, porque provoca a pureza, devoçaõ, jubilo, & deſcanço; & tem com elle correſpondẽcia os diſcantes, bayles, tons, & chanſonetas, que divertem de qualquer malencolia o animo mais opprimido. O quarto modo era o Mixolidio, que he o ſetimo

mo tom, por quem ſomos elevados a mayor alteza de eſpirito, levantando os corações a toda a ſublimidade. Com eſte modo, ou ſetimo tom, tem connexaõ os Hymnos, Pſalmos, & Canticos Eccleſiaſticos, altivos, devotos, & de grande mageſtade. Mas ſem eſtes quatro modos refferidos havia tambem aquellas taõ celebradas muſicas, que deziaõ Armonica, Chromatica, & Diatonica, de que em varios livros ſe eſcrevem maravilhas, como ſe vè em Ariſtoteles, Apuleyo, Seneca, & Quintiliano.

3. O Doutor Manoel Valle de Moura noſſo Portugues, & frequentemente por nòs citado, em o ſeu erudito livro de *Incantationibus, ſeu Enſalmis*, por todo o capitulo 5. da ſegunda ſeſſaõ, havendo fallado neſta Sciencia Cabala, diſputa ſe na lingua Hebrea pòde haver alguma efficacia mais do que em qualquer outra, ſeguindo ſempre a parte negativa, porque

lhe parece ſer neceſſario, que aquella cõpoſiçaõ, & razão, que ſe conſerva em hum corpo haja de paſſar, & ſer permudada a outro inteyramente; & que viſto, que eſta energia fiſica ſenão dirivou a alguma lingua deſde a Hebrea, fica certo, que ella a não teve nunca; ao que ſe oppoem Marſilio Fiſino, negando tal neceſſidade: logo deduz, & fórma, ſegundo eſta doutrina, o Doutor Valle, argumento contra a muſica de David, da qual he de parecer, que ella naõ expelia, ou ligava por propria virtude o Demonio de Saul, antes affirma, que aquelle eſpirito ſe deve entender por algum humor malencolico perdominante em Saul (a que tambem Medicos, & Filoſofos coſtumaõ chamar banho infernal) que ſe mitigava pelo beneficio da armonia, cujo poder Ariſtoteles reconheceo em muytos lugares, dizendo que a Muſica he: *Ars inſpectiva, & activa*; & em outra parte lhe chama:

ma *Habitus inſpectivus, & activus, & effectivus.* Nòs naõ duvidaremos, q́ a convalecencia de Saul, aſſim podia ſer effeyto da letra, que ſe cantava, como da Muſica, & ainda concedendo, q́ o accidente naõ foſſe cauſado de eſpirito, mas de humor, ſe por virtude de palavras, ou de conſonancias, a oppreſſaõ de Saul cedia à Muſica de David, ſegue-ſe que na Muſica, ou conſiderada como palavra, ou como armonia, virtude houve intrinſeca para modificar a pena de Saul, foſſe humor, ou Demonio.

4. Militaõ por eſta opiniaõ infinitos exemplos. Porque de Alexandre eſcreve Diodoro, que tangendo Timoteo ſeu Cantor, o incitava a tomar as armas; & com o meſmo inſtromento, mas com outras clauſulas, o fazia logo entrar em ſocego. Terpander Lesbio com a ſua muſica pos em paz as ſediçóes dos Lacedemonios, como o refere Plutarco, & ſegundo

Diod. in vit. Alex.

Girald. ex Plutarc.

gundo Boecio. Hermenias Thebano curava cõ a Musica o mal de ciatica. Thales Cretense evitou de peste a Lacedemonia por meyo de suas consonancias, como se lè em os Moraes de Plutarco. E de Febo para Grecia diz o mesmo Homero. Chiron segundo Stophilo converteu a Musica em Medicina, & esta propria mezinha applicava aos freneticos Asclepiades conforme se vè em Marciano Capella. O mesmo succedeo a Empedocles Agrigentino metigando com sua Musica as desordens de hũ mancebo furioso, q̃ affirma Plutarco. Saxo refere de Hothereus Rey dos Suevos, q̃ com a musica persuadia, quãto dezejava, aos ouvintes. E Galleno a quem poucas Filosofias se occultárão, diz, que Damon fes virar logo com a Musica Dorica a huns varoens de Grecia, que com a Musica Frigia se haviaõ enfurecido. Quasi o mesmo conta Boecio de Pithagoras; assim do Emperador Theodosio se lè em
Ni-

Nicephoro, que ſendolhe feyta por ſeus Muſicos huma petiçaõ a favor dos Anthioquenos naõ pode eſcuſarlha, ſendo injuſtiſſima. E naõ menores effeytos, q́ os referidos, ouvimos de Gilimer Rey dos Wandalos; & de outro de Dinamarca ſegundo Procopio.

5. Mas ſem que para provar a virtude energiaca da Muſica neceſſitemos do teſtemunho da antiguidade, he mayor de toda a exceyçaõ a cura, que muytas vezes havemos viſto miniſtrar aos feridos da Tarantula, animal pequeno, quaſi aranha, de q̃ ſe achaõ muytos em Apulia, & Reyno de Napoles, principalmente em o eſtado de Taranto, de quem devia tomar o nome, o qual injuſtamente Nebrija traduz Eſtalion, que ſaõ as pequenas lagartijas. Fere de ordinario a Tarantula aos moços ruſticos nos exercicios dos campos, por huma ſubtil mordedura, cujo veneno ſe reconcentra à maneyra de

de humor cronico, porèm ſahe daquella parte, donde ſe recolhe (em quanto dura) regularmente todos os annos, em ſemelhante dia, ou hora, ao que o homem foy ferido; cauſa mortaes accidentes, & o principal he hum continuo, & deſordenado movimento (de que procede chamarſe atarantada a peſſoa inquieta,) porque pelo acometimento, que fas ao coraçaõ a redundancia do veneno, naõ pòde ter algum ſocego. Recorre-ſe entaõ a eſte exqueſito remedio, tangendoſe em preſença do ferido grande variedade de tons em qualquer muſico inſtrumento, & principalmente de cordas, entre os quaes por ſecreta ſympatia, que ha entre o mal, & aquellas taes conſonancias, chegaõ algumas a ſeus ouvidos, & delles ao coraçaõ, de que logo começa a alegrarſe, & baylando inſtantanea, & deſordenadamente, cahe rendido em terra, donde repouſa, dorme, &

fica

fica livre de ſeu mal, atè o anno futuro. Sendo aqui para notar, que achando-ſe muitos opprimidos deſte accidēte, quaſi todos tem ſua cura em diverſas conſonãcias, como vi, & obſervey muytas vezes; & já parece que eſte modo de curar as mordeduras veneficas foy achado dos antigos, pelo q́ conta Marciano Capella, que Xenocrates curava com muſica as mordeduras dos caens danados.

DA EFFICACIA DOS NOMES em modo expecial.

§. XVII.

1. SUppoſto que Ariſtoteles eſcreveo: *Nomen eſt vox ex inſtituto ſignificans*, & em outra parte: *Nihil per ſe ſignificat*: bem ſe vè que a propria ethemologia deſta palavra Nome eſtá moſtrando qual ſeja ſua aptidaõ, & dignidade;

de; porque ſegundo os Grammaticos, & com elles Feſto, Nome ſe diz, quaſi nominẽ, noticia, conhecimento, diffiniçaõ, para que a couſa pelo nome ſeja conhecida pelo que he, & de tal modo diffinida, que aſſim como a imagem da couſa ſe eſtá vendo em hum eſpelho, aſſim em o Nome deve manifeſtarſe igualmẽte o ſer da couſa, que por elle ſe nos inculca, o q́ o Nome naõ poderia fazer ſenaõ tiveſſe propria aptidaõ ſignificativa; & daqui procede, que o nome em a raiz Hebrea ſe diz Schem, שם & de Schem Chem, qual? o que fallo, o que pronuncìo àcerca da couſa fallada. Donde já os Gregos lhe chamáraõ ὄνομα, onoma, nome quaſi ὀνόμαγω, onomago, verbo que diz pratìco, digo da couſa, & dahi nome da couſa nomeada, como ſe diceſſemos razão da couſa nomeada, ſer da couſa dita.

3. Hora hũa das mais expreſſas virtude

tudes, que vemos, & perece, que naõ podemos negar em os nomes he a qualidadade fausta, & infausta. Fique para Deos a causa, pois a Filosofia a naõ alcança. Porèm a experiencia tem mostrado haver em os nomes optimas, & pessimas qualidades. Nego, que necessariamente se siga, que o nome traga comsigo a ruim sorte, que isto fora erro contra a Filosofia, & Theologia, mas vemos que muytos dos malafortunados convieraõ em hum proprio nome. Porque se por exemplo tomassemos entre Princepes os nomes, Affonso, Joaõ, Carlos, Duarte, Henrique, nòs veriamos pela verdade das historias, que todos os Principes do nome Joaõ foraõ em Hespanha felicissimos; o mesmo os Affonsos, com pequena exceyçaõ desta regra; & logo os Carlos infaustissimos em Europa: assim Carlos Princepe de Viana morto de seu pay D. Joaõ o segundo de Aragaõ; assim Carlos Princepe

Zurita Garib. Marian. Cabrer. Herrera.

pe de Caſtella morto por ſeu pay Felippe ſegundo. Aſſim Carlos Infante de Heſpanha em noſſos tempos morto com ſuſpeytas de veneno. Aſſim Carlos primeyro Rey de Inglaterra morto de ſeus vaſſallos. Aſſim Carlos ſegundo por elles deſtituido de ſeus Reynos. Aſſim Carlos Duque de Lorena opprimido ſeu Eſtado del-Rey de França; & aſſim em França Carlos outavo, & Carlos nono quaſi deſcoroados de ſeu diadema. Aſſim em Borgonha Carlos Conde de Charoloes prezo, & deſpojado del-Rey Luiz. Aſſim Carlos de Borbon perſeguido, morto, & excomungado. Aſſim Carlos Palatino paſſando fugitivo,& ſem dominio a mayor parte da vida; & ainda ſe contaſemos as temporaes diſgraças de Carlos V. parece que naõ o foraõ menos, que as felicidades. Da meſma ſorte pudeſramos fazer liſta do nome Henrique,que em Heſpanha, & França foy em os mais de

Henrique Cater.

Felip. de Com. Hiſtor. Ital.

F. Prudẽc do Sand.

de ſeus Principes infauſto. Refira-o por mim hum hiſtoriador Heſpanhol, cujas formais palavras ſaõ as ſeguintes: Eſte deſaſtre confirman en ſu opinion algunos hombres, que tienen para Heſpaña, y Francia eſte nombre de Henrique por infauſto; ſeis ha obſervado la malicia, ò la curioſidad, muertos a hierro com violencia; Henrique primero de Caſtilla una piedra tirada ſin digſinio le hiſo morir, como al ſegundo los broſeguies venenados, que le imbiò El-Rey de Granada, y al que llamaron enfermo las drogas de un Medico Judio. En Francia Henrique de Valoes occaſionò tambien ſu muerte juſtando con Monſ. deMongomeri Cavallero Eſcocés; todos ſus hijos tuvieron fines deſdichados, y Henrique tercero, q̃ fue el uno con alto eſpirito le dió de puñaladas un Frayle, y al quarto Henrique tambien le mataron a puñaladas paſſeando em ſu carroça. Do nome Duarte poderamos

Hiſtor. de Felip. IV. cap. 2. fol. 2.

deramos entre nòs fazer hum lamentavel Catalago, pois apenas houve alguma pessoa Real, q́ nelle naõ perigasse, nem deyxa de ser notavel huma particular observaçaõ feyta por alguns curiozos, que em menos de vinte annos conhecemos em esta nossa Cidade sete pessoas de hũ certo nome (que por alguns bons respeytos senaõ escreve) as quaes sete pessoas todas viveraõ com desastres, & as mais morreraõ miseravel, & violentamente.

Hist. geral do Reyn.

3. Mas recolhendonos aos argumẽtos mais proprios, pouco duvidozo he, que aquellas cousas naõ despresadas, antes buscadas, & inquiridas pelos grandes juizos do mundo, supposto que nem de todos fossem perfeytamente alcançadas, todavia por isso mesmo, que sendo deyxadas de huns por incognitas, & logo solicitadas de outros, pelo q́ de si promettem, parece que nos asseguraõ, lhes naõ falta algum intencissimo mysterio, que

scen-

ſcentilla, & eſtá chamando aos agudos entendimentos para ſua contemplaçaõ. Vemos que Plataõ nomeado divino, ſe occupou todo em a Filoſofia das palavras no allegado Dialogo Cratylo. E que Aulo Gelio eſcreveo hum livro *de occulta literarum ſignificatione*. Vemos, que os antigos Egipcios ſe occupáraõ tanto neſta profunda eſpeculaçaõ, que nella depoſitáraõ toda a humana ſabiduria. Vemos, que os Chinas com taõ approvada opiniaõ de ſapientes reduzem à nomes breves as dilatadas prolações, cifrando ſómẽte em ſinco nomes toda a copia das virtudes moraes, porque debayxo das palavras: Gin, y, li, Chi, ſin, ſe comprehẽdem todos os dotes, & attributos de que ſe adorna o varaõ, & ſe compoem a Republica. Pelo que juſtamente ſe pòde inferir, naõ he leve, nem mal fundada a Filoſofia, que aos mayores ſugeytos affeyçoou, & trouxe à conſideraçaõ de ſua entidade.

Plat. in Cratyl.

Aulo Gelio de Occult. lib. 1.

Pierius Valer.

Imper. de la China p. 2. c. 18

4. Mas ſe ſobre os argumentos naturaes, referidos, & exemplos humanos diſcurſados ſe neceſſita de outros documentos de opiniaõ mais ſubida para acreditar a força, & virtude dos nomes, bem ſe authoriza a parte affirmativa por Marſilio Fiſino, quando a favor de Origenes diz contra Celſo: *Origines quoque cum divinorum nominum, orationumque virtutem mirificam conſideraſſet*, accreſcentando logo, *in quibuſdam ſacris nominibus mirandã latêre virtutem*; o que Socrates deyxou confirmado, dizendo por Plataõ: *Reverentia mihi ſemper erga Deorũ nomina, non humana quædam formido eſt, ſed maximum quemque timorem exſuperat.* E fallando depois o meſmo Marſilio em as ſingulares, & divinas letras do Areopagita Santo, diz aſſim: *Dioniſius Areopagita omnia Theologiæ myſteria in divinis nominibus exquiſivit.*

Marſil. Fiſin in Plau.

Plat. in Phel.

Marſil. in Plat.

5. Sobe ſobre tudo o que diz Saõ Paulo

Paulo do Santiſſimo, & Poderoſiſſimo Nome de JESUS, a cujo ſuaviſſimo ecco o Inferno, a terra, & o Ceo ſe humilhaõ; & porque ſe podia dizer, que a virtude deſte Santo Nome conſiſtia em ſeu ſignificado, explicando Beda eſta duvida, ou ſatisfazendo a ella, antes de ſe apõtar, diſſe aſſim em grande favor da capacidade dos nomes: *Hujus ſacroſancti Nominis Jeſu, non tantum ethimologia, ſed & ipſe, qui literis comprehenditur numerus perpetuæ ſalutis noſtræ myſteria redolet*; pelo que entre a gente boa, & piedoza ſempre que ſe nomea o Santo Nome de JESUS ſe accreſcenta que he nome de virtude; & por iſſo Saõ Paulo diz: *Donavit illi Deus nomen, quod eſt ſuper omne nomen.* E em outro lugar, que a palavra do Senhor he mais aguda, & efficaz, que o cutello. O meſmo ſe nota em o nome Chriſto; porque ainda ſem fazer relaçaõ à humanidade Santiſſima de Chriſto, eſta palavra

D. Paul. ad Rom. Epiſt. cap.

Beda in Luc.

Christo por si mesmo he energiaca, & mysteriosa, denotando Ungido de Deos; como tambem se disse no antigo Testamento Isac pelo riso, Caim pelo homecidio, Joaõ pela graça, Joseph pelo augmẽto, Babel pela confusaõ, pois como affirma Plataõ *Nomina cum re consentiũt.* Porque entre as cousas, & os nomes dellas deve haver proporçaõ, & igualdade interior.

Plat.

6. Mas porque dissemos das razões, & dos exemplos com que os Cabalisticos comprovaõ a virtude dos nomes, parece que convem com mayor especulaçaõ investigar, & declarar esta materia, para o que suppomos que em cada nome ha, ou deve haver oyto partes conformes, a saber: Ethimologia, Energia, Copilaçaõ, Honestidade, Indicaçaõ, Elegancia, Mysterio, Proporçaõ.

7. A Ethimologia he a verdade do no-

nome, como ſe diceſſemos a razão delle. Eſte nome *Ethimologia* ſe compoem de duas palavras Gregas Ἔτυμος, em Latim Verus, & λόγος, Sermo, como ſe diceſſemos fallar verdadeyro. Donde juſtamente inferimos, que na palavra verdadeyramente dita, iſto he ethimologiada, exiſte a verdade permitiva, que he a origem da tal palavra; & logo ſe deſta origem buſcaſſemos a origem, he certo, que de Idioma em Idioma, & de traslaçaõ em traslaçaõ, ou de participaçaõ em participaçaõ nos iriamos dar em a lingua permitiva, da qual diz a Eſcritura Santa, & infallivel: *Omne enim, quod vocavit Adam animæ viventis, ipſum eſt nomen ejus*; em a qual palavra *Ipſum* naõ ſó exclue os outros nomes introduzidos pela corrupçaõ dos Idiomas, mas declara, que aquelle he verdadeyro, & competẽte nome da couſa, & o naõ póde ſer outro, que por iſſo affirmando-ſe diz, *ipſum eſt nomen ejus*; &

Genel: cap. 2.

 ain-

ainda prosegue, *Appellavitque Adam nominibus suis cuncta animantia, & universa volatilia cæli, & omnes bestias terræ.*

8. Naõ menos fas a Energia do nome, pela virtude delle; porque a energia he a força interior, com que nos move, & diz muyto mais na significaçaõ, que no estrondo; onde tambem entra o mysterio, que se regulla pelo tempo, & pelo modo, com que se profere a palavra, que se escreve, ou se diz o nome, naõ podendo negarse, que segundo o lugar, em que achamos hum nome, tem, ou naõ tem aquella valia, que lhe dá o mysterio, que foy o conceito interior, por quem se moveo a imaginaçaõ, bocca, ou mão, que concebeo, disse, ou escreveo o tal nome; em o que muyto se parecem as palavras aos numeros arithmeticos; q̃ supposto, que cada hum tem valor proprio, postos em hum lugar valem de huma maneyra, & postos em outro valem de outra.

A Co-

9. A Copilaçaõ olha à brevidade,& he tambem parte energiaca do nome; porque desproporcionada cousa seria,se a huma muyto pequena cousa lhe puzessemos hum nome grandissimo ; & ao contrario a huma grandissima hum nome muyto pequeno. Assim he conveniente, que aos nomes se guarde huma brevidade tal, que faça differença do nome ao periodo, como nos consta do Idioma Chim elegantissimo por sua brevidade, porque sendo copiozo,naõ se acha em todo alguma palavra demais, que de huma só silaba.

Imper. de la Chin. Part.1.cap

10. A Honestidade he naõ menor virtude, & parte estimavel dos nomes, porque ainda que elles por si signifiquem cousa honesta, convem, que a composiçaõ dessas silabas, de que constarem, seja sempre grave.

11. Sobre tudo lhe compete ao nome a vitude indicativa, a qual procede

da boa ethimologia, & energia; porque como elle seja fundado em a verdade da lingua, quanto a ethimologia, & em a força do Idioma, quanto à energia, logo com grande promptidaõ indíca, & mostra à memoria aquillo, que quer dizer; como vemos, he mais prestes o effeyto da polvora fabricada de tres materiaes, que não a outra que imperfeytamente se lavra de materias alheas, ou infectas.

12. A Elegancia he tambem huma das partes persuasivas; porque assim como os conceitos se explicaõ pelas razões, as razões se explicaõ pelas palavras; & quando lhes falta a elegancia, que he a fermosura, & graça, com que se proferem, & buscaõ proporcionaes, naõ só para que expliquem o que se quer dizer, mas para que condecorem o que se diz, & à pessoa que ouve, naõ saõ de algum effeyto, antes destroem o mesmo, que se pertende.

Do

13. Do Myſterio diſſemos já, quando fallamos da energia, & agora dizemos da proporçaõ do nome, ſem a qual naõ pòde ter nenhuma das partes, que lhe aſſignamos, & donde procede, que aquelle nome terá mais virtude, que tiver mais proporçaõ; & outro ſerá como alheo q́ naõ tiver proporçaõ, com o que ſignifica. Donde he força, que confeſſemos, que como no Idioma primitivo houve mais proporçaõ, que em outro algum, entre os nomes, & as couſas neſſe tal Idioma naõ pòde deyxar de concorrer virtude intrinſeca a todos eſſes nomes, & que della participará mayor parte aquelle Idioma, q́ mais participar do primitivo.

14. Eſtes ſaõ, ou ſaõ muytos deſtes os preceytos, q́ obſervão os Poetas Epicos na formaçaõ de algũas palavras, que lhes he licito inventar, & introduzir em ſeu Idioma, as quaes devem ſer de verdadeyra origem para ſatisfazerem a ethimologia

logia de valente efficacia para persuadirẽ; de breve copilaçaõ, porque se possaõ aprẽder, & usar sem molestia; de grave honestidade, para que promptamente representem, & manejem os conceytos desde o entendimento activo ao passivo; de illustre elegancia, para ꝗ logo affeyçoem; de occulto mysterio, afim de que se façaõ veneraveis; de certa proporçaõ, para que sejaõ proprias. O que bem guardáraõ os Gregos em toda a composiçaõ de suas palavras, com que muytos enriqueceraõ sua lingua, como por exemplo vemos em as palavras Mesopotania, Misantropos, Microcosmos, Rododaphne.

15. E entaõ diremos, que aquella palavra, ou nome, donde em brevissimo espaço se comprehendem tantas perfeyções naõ só accidentaes, mas naturaes, & que taõ nobres effeytos causa no coraçaõ, & trato humano, naõ pòde ser falta de virtude interna; & que da mesma maneyra,

neyra,que o fumo trás em ſi partes de ſo-
go,com que ſeca, aquenta,& tal ves quei-
ma a couſa diſpoſta, da meſma maneyra
o nome, & a palavra pòde trazer, & cõ-
prehender parte eſpiritual da Idea,de que
procede, em virtude da qual move, &
perſuade.

DA EFFICACIA, & VIRTUDE das Letras.

§. XVIII.

1. QUanto às letras bem ſe vè
que ellas naõ careceraõ da-
quelles myſterios,que em os nomes con-
ſideramos, ſignificãdo por ſi meſmo ſem
ajuda de outras varios, & notaveis effey-
tos naturalmente; porque como vemos,
& lemos, por ellas ſe denota, já honra, já
vituperio, eſcravidaõ, liberdade, & cau-
ſas ſemelhantes, & daqui procede a ob-
ſervaçaõ

ſervaçaõ de algũas naſcões politicas, que põe na face o S. ao eſcravo, & nas coſtas o L. ao ladraõ. Sabemos que Eſopo, que floreceo muyto antes da primeyra guerra Troyana, pela virtude, & força das letras, que achou em certa columna de hum templo interpretadas em modo Cabaliſtico, deſcubrio a El-Rey Xanto hum precioſiſſimo theſouro.

Thom. Garç. Diſcurſ.

2. O proprio vinhaõ a ſer aquelles celebrados ſymbolos Pithagoricos, entre os quaes a letra Ipſilon ſe denotava por ſinal de vida, como diſſe hum Poeta.

Litera Pithagoræ diſcrimine ſecta bicorni
Humanæ vitæ ſpeciem præferre videtur.

Donde he veroſimel que pela figura, que faz a letra Ipſilon neſta maneyra eſcrita como os Gregos a formavão Y ſe copiaſſe a figura de Deos Jano por Idolo da paz, que he arvore da vida, denotando ǵ por eſta razaõ com ſemelhante imagem inculcavão ſua virtude; porque cõ duas cabe-

cabeças ſobre hum corpo o pintou a fabuloſa antiguidade: a eſta letra Ypſilon era oppoſta a letra Thita como ſinal de morte, pelo que outro Poeta cantou.

O' multũ ante alias infœlix litera Thita.

3. Os ſabios Gregos obſervaraõ quaſi religioſamente o myſterio daquellas ſinco letras, a que chamàraõ myſticas por teſtemunho de S. Iſidoro, as quaes eraõ Ypſilon Y. Thita Θ. Taf T. Alpha A. Omega Ω. E ſe a primeyra, ſegunda, & terceyra vemos illuſtres com a ſignificaçaõ, da vida, como o Ypſilon; da morte, como o Thita; da Cruz, como o Taf: a quarta, & quinta letra Alpha, & Omega ſaõ muyto mais ennobrecidas pelas haver Deos tomado por proprios nomes ſeus, & ballizas da ſua immenſidade, quando de ſi diſſe: *Ego ſum Alpha, & Omega.* Iſto he principio, & fim de todas as couſas; donde he muyto para notar, que havendo no Mundo tantos

Div. Iſidor.

ter-

termos, porque Deos pudera demonſtrar ſua grandeza, & immenſidade, recorre aos Pollos das letras tomando a primeyra, & ultima do Alphabeto Grego, para moſtrar aſſim, que divina, & ſuperiormente he a Omnipotencia Divina, principio, & fim de tudo, & que por modo myſtico entre a primeyra, & ultima letra ſe comprehende tambem tudo quanto no Mundo he cumprehenſivel, que fóra de Deos he tudo.

4. A letra Thau era fauſtiſſima entre os Hebreos, & já por ſeu grande valor lhe applicárão a valia da mayor quantidade, denotando-ſe nella o numero 400. cuja ignota veneração pòde ſer lhe vieſſe por ſemelhante da Cruz Santiſſima, & antes pela vara, & ſerpente de metal, que por figuras da Cruz ſe lhe a ſemelhavaõ. O que tudo parece, que ſe diſſe em aquelle lugar de Ezequiel onde ſe lè: *Et ſigna Thau ſuper frontes virorum, gementium, & dolen-*

Ezechiel cap. 9 n. 4

dolentium, que se corrobora com o proprio, que Deos mandava no Exodo, & explica Saõ Joaõ no Apocalypse, dizendo: *Nolite nocere terræ, & mari, neque arboribus, quo ad usque signemus servos Dei nostri in frontibus eorum.*

Exod. ca. 12. n. 7. Apocal. cap 7. n. 3.

5. Saõ Jeronymo recea explicar liberalmente todas as virtudes das letras Hebreas, sendo de parecer, que nenhũa carece de mysterio no Alphebeto Hebraico, & assim nos inculca o Aleph por doutrina; o Beth por Senhor; & a este modo, Ghimel por complemento; Jod principio; Caph mãos, Lamed coraçaõ, Thet bom, Num sempiterno, Samech soccorro, Hayn fonte, Zaddi justiça, Coph vocaçaõ, Res cabeça, Sein dentes, & depois de outras, ultimamente Thau final; sobre as quaes interpretações, que nos dá o Santo Doutor da Igreja, & as mais, que faltaõ a todas as letras Hebreas, a sessenta assenta conexões, ou combinações,

D. Hiero in Epist. ad Paul & in Comēt. Hierem.

ções, que por brevidade omittimos, das quaes tira altissimos mysterios em beneficio de nossa Santa Fè Catholica, como se vè na Epistola a Paulo, & na perfacçaõ dos Comentarios sobre Jeremias.

6. Mas os Rabinos com singular erudiçaõ das Escrituras Sagradas explicaõ assim seu Alphabeto, conferindo-o logo com o lugar donde tomáraõ sua explicaçaõ, & dizem: Aleph *sit via, seu Institutio*, & se prova de Job *Docebo instituam te sapientiam.*

Job. cap. 3.

Beth, *Domus*: David, *Habitabo in domo Domini.*

Psal. 23.

Ghimel, *Retributio*: David *Quia Dominus retribuet tibi.*

Psal. 116.

Daleth, *Ostium, fores, vel Janua.* Genesis, *Et prope erant, ut frangerent ostium.*

Genes. 17

He, *Ecce*: Genesis: *Ecce vobis semina.*

Exod 26.

Vau, *Uncinus, retortus*: Exodo: *Quarũ erunt capita aurea.*

Reg. lib 3 cap. 22.

Dsain, *Arma.* Regum: *Et arma laverunt juxta*

juxta verbum.

Heth, *Terror.* Job: *Terrebis me per somnium.* Job. cap. 7

Thet, *Declinatio per Matathesim.* Proverbior. *Ne declines ad dextram, & ad sinistram.* Proverb. 4.

Jod, *Confessio laudis.* Genesis: *Laudabunt te fratres tui.* Gene. 49

Caph, *Vola.* Ecclesiastico: *Melius vola plena requie.* Eccles. 4.

Lamed, *Doctrina.* Psalmo: *Doce me facere voluntatem tuam.* Psal. 143.

Mem, *Aquæ.* Isaías: *Omnes sicientes venite ad aquas.* Isai. 55.

Nun, *Filiatio.* Isaías: *Filium, & nepotem.* Isai. 24.

Samech, *Appositio.* Deutoronomio: *Quia imposuit* (isto he *apposuit*) *Moysés manus suas super eum.* Deut cap 34.

Ain, *Oculus.* Exodo: *Oculum pro oculo.* Exod. cap 21.

Pe, *Os.* Exodo: *Quis posuit os homini.* Exod. c. 4

Tsade, *Latera:* Exodo: *Sex calami egredientur de lateribus ejus.* Exod. cap 25.

Exod.cap 34. Kuph, *Revolutio, vel Circuitus.* Exodo: *Redeunte anni tempore, id est, Circuitu anni.*

Proverb. 10. Res, *Egestas*: Proverbior. *Pavor pauperum egestas, eorum*; outros lem *hæreditas.*

Job. ca. 4. Sin, *Dens.* Job: *Et dentes catulorum contriti sunt.*

Ezechiel. 9. Thau, *Signum.* Ezechiel: *Signa Thau super frontes virorum.*

6. Tal he a grammatica, ou para melhor dizer myſtica expoſiçaõ, origẽ, & dirivaçaõ das letras Hebreas, cujo veneravel myſterio a Igreja obſerva, como ſe vé nos tres Officios ſantos da ſemana mayor, onde ſucceſſivamente canta os tres capitulos de Jeremias, primeyro, ſegundo, & terceyro, todos fundados, como gloſa, ou expoſiçaõ em as proprias letras do Alphabeto Hebraico, como por exemplo lemos em a primeyra liçaõ das Matinas da Quinta feira ſanta, Aleph, *Quomodo ſedet ſola civitas plena populo.* E logo Beth *Plorans ploravit.* E logo Ghimel

Hierem. cap. 1 cap. 2, cap. 3.

mel, *Migravit Judas*. Mas a razão porque aquellas taes letras ſe expliquem por aquelles taes lugares, com que ſe authoriſaõ, ou os lugares por ellas, fica pa[illegible] os muytos ſabios na lingua, & liçaõ das Eſcrituras, baſtandonos a nòs moſtrar, qual era a interpretaçaõ, que lhes applicavaõ por modo Cabaliſtico os Rabbinos, julgando, & penetrando pelas letras, ſegundo os ſegredos, que nellas ſe continhaõ, na fórma referida.

7. Mas porque os argumentos naturaes ſaõ neſtas queſtões de naõ menor utilidade, & curioſidade, que os exemplos (alèm de ſer eſte o coſtume, que vamos ſeguindo) tornaremos tambem em as letras, como em os nomes, a fazer reflexaõ a ſciencia da Muſica, donde ſe verá tem tanta força a qualidade, ou virtude intrinſeca das letras, que para regular univerſalmente todas as partes deſta poderoſa ſciencia, he preciſo, q̃ ella ſe valha

 dos

dos proprios elementos do Alphabeto. Porque aquella cõmum entoaçaõ: Ut, Re, Mi, Fa, Sol, La, nenhuma outra cousa he, senaõ o tom, com que por mais, ou menos alento pronunciamos as letras a, e, i, o, u, que saõ as que vulgarmente chamamos letras vogaes. Donde acharemos, que a letra A, tem virtude intrinseca para formar o tom do Fa, & do La, usado, & exprimido com mais, ou menos força. A letra E nos dá a entoaçaõ Re; & desta propria maneyra a letra I, dá a entoaçaõ Mi; a letra O dá a entoaçaõ Sol; & a letra U dá a entoaçaõ Ut.

8. Prova-se esta observaçaõ com o que se vè, que cada dia fazem os destros Compositores, quando tomaõ hũ thema, sobre que vaõ compondo sua Solfa; o qual thema sempre he huma palavra, ou mote, cujas letras lhe ministraõ as letras de suas composiçaõ, como por exẽplo: fes Jusquim Mestre de Musica do

Duque

Duque Hercules de Ferrara, o qual a outro fim doutamente allega nosso illustrissimo Autor da Deffensa de Musica moderna. Quiz este Mestre Jusquim tomar por mote o nome de seu senhor Hercules Duque de Ferrara, & fes a este nome fundamento de toda huma Missa, que por esta razaõ se chamou do proprio nome, a qual Musica sempre vay dizendo nas entoaçoes, o q́ dissera nas letras, *Ferrariæ Dux Hercules*, repetindo-se nesta maneyra: Fe Re Ra Fa Ri Mi æ Re Dux Ut Her Re Cu Ut Les Re. O que imitando Felippe Rogerio, tambem notavel Author de Musica, compoz outra Missa semelhante sobre o nome de Dom Felippe segundo Rey de Castella, levando sempre o Canto cham às letras com que se diz *Philipus secundus Rex Hispaniæ*, por Mi. Mi Ut Re Ut Ut Re Mi Fa mi re. Donde se a qualquer das partes desta entoaçaõ tirasemos as letras consoantes, comque se or-

Deffensa da Musica moderna pag. 36. Jusq.

Phil. Rog.

 ganiza

ganiza o nome que lhe ſerve de mote, ou fundamento, ficáraõ as vogaes por ſi ſó fazendo o meſmo officio, & dando igual motivo à Muſica, que ſe todas as letras vogaes, & conſoantes eſtiveſſem juntas. Porque a Muſica importava o meſmo ſe ſe diceſſe A, que Fa. E, que Re. I, q́ Mi. O, que Sol. U, que Ut, pois he certo, que em nenhuma deſtas dicções entoadas ſoa o F, do Fa, o R, do Re, o M, do Mi, o S, & o L do Sol; o T do Ut. Antes o que dá virtude, tom, & força às entoações ut, re, mi, fa, ſol, vem a ſer as letras vogaes, & naturaes elementos A, E, I, O, U.

9. Como veremos facilmente ſe hũa compoſiçaõ ſemelhante foſſe feyta ſobre alguma daquellas palavras, que ſe eſcrevem, & pronunciaõ ſem mais letras, que as ſinco vogaes, de que temos exemplos; (quaſi regulares) hum em Portugues, verbo, que dizem, a primeyra peſſoa do tempo perterito, Avoei, do verbo avoar;

&

& em Caſtelhano o nome Oveja. Supposto, que no primeyro a letra v, & no ſegundo a letra j, tem força de conſoantes, com tudo ſe para eſte nome, & verbo ſe applicaſsẽ as entoações da Muſica, & lhes tiraſſem aquellas letras conſoãtes, q́ realmente lhe ſaõ ſuperfluas, porque o meſmo diſſeraõ ſendo letras, que ſendo nomes, naõ era neceſſario buſcar algum valor fóra do proprio mote, porque a letra dera a entoaçaõ, & a entoaçaõ a letra, pois juntamente ficavaõ dizendo ſol, ut, re, mi, fa, que livre das conſoantes diſſera O, v, e, i, a. Ou fa, ut, ſol, re, mi, que livre das conſoantes diſſera a,v,o,e,i.

10. Da meſma maneyra a Dialetica achou, & ſeparou certas letras, nas quaes denota ſeus myſterios. Donde ſe prova, q́ tanto neceſſitou dellas eſta ſciencia, q́ naõ achando nomes feytos, nos quaes cõcorreſſem as letras de que queria ſervirſe para ſua explicaçaõ, os fingio, & inven-

tou a fim de poder melhor explicarſe pela virtude daquellas letras, notando em hũas a affirmativa univerſal, & em outras a negativa univerſal; em aquellas a affirmativa particular, & neſtas a negativa particular; como ſe vè nos verſos, que os Logicos trazem a eſte propoſito, que nenhũa couſa querem dizer, nem ſervem de mais, que de dar letras, que ſirvaõ à diſtincçaõ dos argumentos, & ſaõ eſtes.

Barbara, Celarent, Darij, Ferio, Baralipton

Celantes, dabitis, Fapeſmo, Friſeſomorũ,

E tambem em outras:

Ceſare, Cameſtres, Feſtino, Baraco, Darapti

Felapton, Diſamis, Datiſi, Bocardo, Feriſon.

Donde por exemplo ſe vè, que neſta palavra Barbara, que conſta de *A A A*, ſe acharaõ tres affirmativas univerſaes, ſendo a mayor, & a menor, & a conſequencia

cia de affirmaçaõ innegavel, como se alguem dicesse:

Todo o bem se ha de seguir.

Toda a virtude he boa.

Logo toda a virtude se hade seguir.

A estas tres affirmativas universaes concorrem as tres letras *A*, de que o nome Barbara se fórma. Porque aquelle elemẽto, ou letra *A*, he taõ simples, que naõ tem negaçaõ, porq́ naõ pòde outra cousa, & por esta causa tem virtude demonstrativa de affirmaçaõ universal, a que corespõde sua simplicidade, por aquella intrinseca razão, que fas, como sempre seja hũa mesma cousa, que naõ pòde ser outra. E por ella vem a ser a letra *A* affirmativa universal, & daqui julgou Aristoteles por taõ forte o poder deste argumento, que lhe chama Aquiles.

Aristotel.

11. E se por ventura se dicesse que a variedade dos Idiomas fas desfallecer esta virtude das letras, porque na fórma

do

do caracter, & prolação da voz, huns de outros são diversos, por exemplo a letra a que os Latinos chamaõ *A*, que se escreve com esta figura *A*, & se pronuncia cõ esta prolação *A*, escrevem os Gregos ainda que na propria fórma, com prolação diversa, dizendo Alpha, & os Hebreos escrevem ℵ, & a pronunciaõ Aleph. Os Caldeos a escrevem [illegible], & a pronunciaõ Elpha. Os Arabes a escrevem [illegible], & a pronunciaõ Elifa. Os Egipcios a escrevem [illegible], & a pronunciaõ Athonius. Os Asiaticos a escrevem [illegible], & a pronunciaõ Elipha. Os Sirios a escrevem [illegible], & a pronunciaõ Alin. Os Sarracenos a escrevem [illegible], & a pronunciaõ Alemoxi. Os Ilyricos a escrevem [illegible], & a pronunciaõ Has; & ainda Saõ Jeronymo, & Saõ Cyrilo, & antes delles Esdras tiveraõ seus Alphabetos particulares, como affirma Palatino. Entaõ respondemos, que nestas letras, como já nos nomes

Joan. Bapt. Platan. in Comp.

mes dissemos, que se devia considerar alma, & corpo, havemos de entender tambem para mayor clareza, materia, & fórma, sendo a fórma a figura do caracter, a materia o tom, que por elle expremimos; em maneyra que pouco importará se escreva diversamente, & variamente se pronuncie esta letra com varia figura, & prolaçaõ em seu Idioma se sempre tem o lugar daquelle primeyro elemento da voz humana, ou lhe chamem *A*, Alpha, ou Aleph; existindo, & vogando em hum proprio modo em qualquer lingua, por ser o tom que fas aquelle primeyro de alento, que proferimos, cõmum a todos os homens, & nasções do Mundo: nem importa q́ o nome da letra *A*, em aquelles Idiomas naõ seja simples, como o he nas mais linguas da Europa, porq́ em todas (como se vè) cahe a imposiçaõ sobre a voz *A*, ou começa por ella segundo vimos no Alpha dos Gregos, que começa com

com *A*, & no Aleph dos Hebreos; ou como na dos Caldeos, & Arabios, que acabão em *A*, dizendo Elpha, & Elifa. A razaõ natural de que o *A* goze da primazia das letras, he por ser a primeyra pronunciaçaõ humana, mais facil, & simples (como affirma Santo Isidoro,) porque nunca se poderá ferir o ar com algum leve estrondo, que formando voz naõ soe entre ella a letra *A*. Donde já alguns Filosofos naturaes foraõ de parecer, que as aves fallavaõ, & articullavaõ dicções distinctas, em tal sorte, que se podiaõ entender humas as outras: o que se prova, quando vemos, que para imitar o canto, & voz das aves, nos servimos de artigos, & letras da voz humana; pelos quaes se imitaõ os cantos, & vozes dos animaes, & de qualquer cousa, que tem voz.

S. Isidor. & Molog. lib. 1. cap. 4.

12. Joaõ Paulo Bonet na sua arte dos mudos, tem para si, que a fórma do *A* Latino he a melhor de todas, com q

os

os homẽs se explicaõ, & tem em sua propria figura, força energiaca; porque (diz elle) as fórmas das letras naõ foraõ feytas acaso, se não que quizeraõ guardassẽ ordem, & esta fosse a da semelhança, que podia haver entre a acçaõ da bocca, & a fórma da letra, para que em tudo se correspondessem, as letras, & as palavras; de maneyra que ao *A*, porque requere para sua pronunciaçaõ, que a bocca esteja aberta, & lance de si muyta respiraçaõ lhe deraõ esta figura de trombeta ⋖ significando, que na garganta se ha de fazer o ponto, onde se juntaõ as linhas, para lançar o alento fóra, & que hum beyço senaõ hade ajuntar nunca com outro para se poder formar o *A*, & disto serve a risca, que atravessa de huma linha a outra, que nunca deyxa como se ajuntem, porq́ entaõ naõ se podia dizer *A*.

13. Da propria maneyra diremos da letra *E* Latina, & original a todas as linguas,

guas,que do Latim procedem,que como o *A* tem tambem ſua figura ſignificativa ; & aſſim diſcorreremos pelas vogaes ſómente por naõ fazer proluxo eſta eſpeculaçaõ nova, & curioſa. Eſta letra *E* tẽ ſeu zonido em a garganta, & os beyços, de todo contrario ao *A*; porque aſſim como no *A* ſe expelle o vento para fóra, no *E* ſe recolhe para dentro, de tal ſorte, que ſe o *E* ſe quer pronunciar muy ſonorozo obriga a franzir algũ tanto as ilhargas da bocca, porque fazendo menor o concavo da bocca, em que ha de formar-ſe o *E*, fará menos, & mais ſuave zonido. Demoſtra-ſe toda eſta eſpeculaçaõ na propria fórma do *E* Latino, onde as duas riſcas, ſuprior, & inferior ſignificão os dous beyços, & a riſca do meyo moſtra o lugar da lingua para formar a letra *E*: porque ſe a lingua ſahir mais fóra, ou ſe encurvar mais para dentro, já naõ poderá pronunciar a dita letra.

14. Hũa das letras, que por ſeu caracter melhor ſe demoſtra he a letra *I*, porque verdadeyramente he huma voz ſimpliciſſima, & ſonoroſa, recta, & ſubtil, que ſahe direyta ſobre a lingua, & ſe prolonga atè topar nos dentes, donde ſuavemente reflata, & parece, que naõ póde fazer outra, que a figura do proprio caracter, que o ſignifica neſta maneyra ⟼, que he hũa linha recta, demonſtrando, como aquelle ſonorozo eſpirito *I* ſahe direyto pegado, ou parallelo à ſuperficie da lingua, donde ſómente quebra aquella pequena parte, que he neceſſario darlhe de vento entre os dentes a ſua pronunciaçaõ, que a faça mais ſubtil, & ſonora, como ſe nota na vaſa do *I* ſendo neſta maneyra ⟼.

15. Naõ menos declara o tom de ſua voz a letra *O*, de que havemos dito das outras vogaes, porque a fórma deſte caracter ſignifica a propria figura, que fas

a boc-

a bocca, quando a pronunciamos. Porque ſe bem obſervarmos a poſtura da boca, & beyços do homem, quando diz *O*, veremos que com elles fas a propria figura *O*, franzindo os beyços, lançando-os algum tanto para fóra, & deyxando hum redondo orificio, por onde deſpede o eſpirito, que dá tom, & ſonido a eſta letra, que em outra maneyra naõ he poſſivel pronunciarſe.

16. A quinta, & ultima letra vogal V he parecida com a letra *A* na figura, & com a letra *O* na prolaçaõ, tanto que os Caſtelhanos as confundem na pronunciaçaõ vogal, como na conſoante com a letra *B*, que já foy herdado dos Gregos. Forma-ſe de hum eſpirito, que ſe lança fóra da bocca, de tal ſorte, que mais ſoa fóra, que dentro della. A fórma do caracter com que ſe explica he aſſás ſemelhãte ao modo com que a bocca pronuncia <, porque pondo os beyços em tal figura,

gura, & deyxando ſahir o alento ſem alguma moçaõ da lingua ſe pronunciará a letra V; a linha que atraveſſa o A, & falta no V moſtra que naõ he neceſſario eſtar a bocca taõ aberta para a pronunciaçaõ do V como do A, ſegundo ſe verá facilmente, quando alguem quizer fazer eſta leve experiencia.

17. Conforme a eſpeculaçaõ deſtas ſinco letras vogaes, que ſaõ os ſinco ſimpliciciſſimos elementos, com que todas as vozes humanas ſe podem exprimir, he indubitavel, que nas letras ha proporçaõ implicita, & virtude demonſtrativa, a qual naõ ſó nas vogaes, mas nas conſoantes ſe acha da propria maneyra. Porque, como prova Julio Ceſar Eſcaligero no livro, que eſcreveo de *Cauſis linguæ latinæ* contra os Grammaticos antigos, a ethimologia das letras naõ he de inter legendum (como elle diz) ſenaõ da liniatura, com que as letras ſe formaõ; querendo

Jul. Cæſ. Scalig. lib. cauſ. ling.

assentar, q́ estas letras naõ saõ outra cousa, que humas demonstrações do modo, com que se pronunciaõ, para que vendo os olhos o retrato da voz entendessem pelo retrato, o que pelo original deviaõ de entender os ouvidos; & que assim da palavra *linea*, se derivou a palavra *litera*.

18. E supposto se obsta a esta opiniaõ, dizendo-se, que se Escaligero fallára sómente de letras Latinas, tivera mais razão, porèm que se ha de entender de todas as letras; & he sem duvida, que nas dos Hebreos se havia de verificar mais, q́ nas outras esta observaçaõ, por quanto saõ os elementos primitivos, & originarios de todas as mais linguas do Mundo; mas visto, que os caracteres Hebreos, parece, saõ nesta parte os menos regulares, porque apenas entre elles, & os movimẽtos, de que necessita a voz humana para se pronunciar, ha algũa proporçaõ, fica logo corrente, que os caracteres primiti-

vos

vos naõ ſaõ imagens dos movimentos da voz, para que por elles ſe denote. Porèm eſte argumento tem ſua reſpoſta de naõ pequena força, fundada em authoridade de Saõ Jeronymo, quando diz, q̃ Eſdras, Eſcriba, & Doutor da Ley depois do captiveyro, & reedificaçaõ do Templo, debayxo do dominio de Zorobabel achou outras letras diverſas das antigas, que ſaõ as que de preſente uſaõ os Hebreos; ſendo aſſim, que atè aquelle tempo os caracteres dos Hebreos, & dos Samaritanos foraõ os proprios, & depois differentes.

19. Eu com tudo antes de acabar com a eſpeculaçaõ natural da virtude das letras, naõ deyxarey de fazer memoria à cerca dellas, de huma rara obſervaçaõ, da qual com grande eſpanto meu, & de muitos, fuy teſtemunha, vendo por varias vezes, que Federico Colona Condeſtavel de Napoles fazia juizos ſobre as compleyções (& ainda ſucceſſos) de algũas

 peſ-

pessoas pela letra, que escreviaõ naturalmente, sem mais as haver conhecido. Os quaes juizos de ordinario acertava. De cuja Filosofia duvidando eu entaõ muyto, vim depois a sentir, que podia ter algum fundamento natural, a respeyto da fórma impulsiva, que a mão dá à letra guiada do braço animado das arterias, q́ tem por raiz o coraçaõ, da qual por participaçaõ de partes mediatas se deduz à escritura muytas de suas payxões; donde vemos, que o fleumatico escreve de vagar, & com bem formadas letras; o colerico escreve veloz, & mal concertadamẽte; cujos caracteres indicaõ o humor perdominante, donde sem falta o Condestavel de Napoles deduziria seu juizo.

20. Todavia porque os mais forçosos argumentos naturaes podem ser confutados, & convencidos, com outros de mayor efficacia, rematarey este ponto da virtude, & mysterio, que nas letras se

sup-

ſuppoem com outra conſideraçaõ mais alta, a que não vi reſpoſta, ainda que vi contradição Suppoſto, que o Doutor Valle impugna eſte argumento no lugar atrás citado de ſua diſputa contra a lingua Hebrea; porque (dizem os Cabaliſtas) ſe nas letras não houveſſe algum interior ſecreto, nem outra aptidaõ, que aquelle valor caſual, com que dellas nos ſervimos, que motivo teria Deos, para mandar, que Abraham accreſcentaſſe a ſeu nome a letra H, & ſe chamaſſe Abraham? E para que Sara, chamando-ſe antes Sarai, tiraſſe hũ I, & ſe chamaſſe Sará? E para que Benjamin ſendo primeyro dito Benoni, ſe chamaſſe Benjamin? E para que Iſrael perdeſſe todas as letras de ſeu nome, & ſe chamaſſe Jacob? O que Chriſto Noſſo Senhor como verdadeyro Filho de Deos imitou no Teſtamento novo, convertendo ao Apoſtolo S. Pedro o nome Cephas, Ciphas, & Barjona

no differentiſſimo nome de Pedro; & o de Saulo em Paulo, como conſta da Eſcritura Santa. As quaes mudanças, parece, que ſeria temerario negar que ſe haviaõ feyto com profundiſſimo myſterio; & pois ſenaõ pòde negar, claro tambem parece, que fica, que aſſim nos nomes, como nas letras ſe achará alguma virtude intrinſeca ſignificativa de occultos ſegredos; & ſaõ aptos para conterem eſſencia determinada fóra da ordinaria ordem, & valor, que lhes concede o uſo humano.

DA VIRTUDE dos numeros.

§. XIX.

1. HAvemos entrado na efficacia dos Numeros, que em nada menos myſterioſos, & ſignificativos, que os Nomes, & Letras tem obſervado

vado a ſabidoria humana. Porque parece ſem duvida, que todos os myſterios da providente natureza lhes aſſiſtem com obras, & maravilhas, merecedoras de toda a admiraçaõ.

2. Sua dignidade he tal, que ſendo hum dia perguntado Plataõ, porque cauſa o homem era chamado animal racional, reſpondeo, que porque o homem ſabia numerar, o que de todo ignoravaõ os outros animaes: O meſmo ſentimento teve Ariſtoteles ſegundo ſe lè nos Problemas. A mayor razão de ſua nobreza, virtude, & myſterio, vem a ſer, porque o numero he alma da quantidade, & como todas as couſas eſtejaõ abraçadas da materia, & da fórma, & naõ haja materia ſem quantidade, nem quantidade ſem numero, aſſim como o numero he alma da quantidade, aſſim comprehende tudo, o que he quantidade, & a quantidade tudo o que comprehende a materia, & a mate-

Plat.

Ariſtol. in Probl.

ria comprehende todas as cousas, donde se segue, que o numero tambem comprehende todas as cousas, que comprehende a materia.

3. Esta doutrina se corrobora bem com o que se lè na Sapiencia: *Deus omnia fecit in numero, pondere, & mensura.* E por esta razão disse já Pithagoras, que a natureza, & officio dos numeros era discorrer por todas as cousas, o que se vè em todas ellas, porque logo, que naõ foraõ materia prima, & foraõ muytas cousas se entregáraõ à virtude do numero, o qual ainda na materia prima teve a razão da unidade, que por isso foy prima a materia, com relaçaõ às que foraõ segundas. Da propria maneyra vemos, & viraõ os primeyros Sabios, que o numero daquelle, que demostra a sempre consistente unidade, & perpetuidade que he Deos, sempre hum principio de todas as cousas, como o numero hũ he principio detodos os nume-

Sapient.

numeros ſem equivocaçaõ, miſtura, ou participaçaõ de outro numero, porq em qualquer congregaçaõ de numeros cada hum he hum ſó, ſem que pela multiplicaçaõ das unidades, a unidade de cada numero ſe componha, ou miſture com outra unidade, porque naquelle numero, que conſta de muytas unidades, como por exemplo o numero oyto conſta de oyto unidades, naõ creſcendo o valor de alguma dellas, nem incorporando-ſe hũa com a outra, mas ſendo realmente diſtinctas, ou realmente huma ſó, cada huma; porque quem contar hum oyto vezes fará numero oyto, ſem dar a cada ves que conta hum, mais q o intrinſeco, & inalteravel valor da unidade àquelle hum, que muytas vezes vay contando; aſſim ſobre Pithagoras filoſofou Ouvidio ſublimando eſta conſideraçaõ, quando diſſe:

.... *Iſque licet cœli regione remotus* — Ouvid.
Mente Deos addijt, & quæ natura negabat.

Vi-

Vißibus humanis, oculis, ea pectoris hausit.

4. Desta sorte pela unidade foy entendida a Divindade da Suprema Essencia, que rastrejárao por via de numero simplicissimo, incomposta, & independente Xenophanes, Parmenio, Socrates, & Platao, q forao depois de Pithagoras, discorrendo, (como affirma Dionisio) que na unidade se achao, & comprehendem todos os numeros: porque muytos numeros nao sao mais, que muytas unidades (segundo dissemos,) & ella huma só intensivamente. Donde Jamblico diz, que Mercurio pos a unidade antes de todas as cousas; & Lisidias Phithagorico affirmou, que Deos he o numero inefavel: Obsides quiz provar o ser de Deos por aquelle excesso, com que o numero mayor supèra ao numero menor, chamando a Deos numero maximo: Este numero maximo considera a unidade, porque todo o numero para ser mayor que outro

tro numero, o excede pelo numero da unidade, porque o dous he mais que o hũ, porque tem hum mais que o hum, & tãbem por isso o hum he menos q́ o dous, porque por hum vence o dous ao hum. O mesmo succede a qualquer numero, a quem a unidade se ajunta, porque sempre o numero será mayor, q́ seu igual, quando se lhe ajuntar mais hũa unidade.

5. Esta doutrina olhárao os Pithagoricos, quando disserao: Que todas as cousas sao feytas, nao só com numero, mas de numero. Assim o confirmou Aristoteles, cuja doutrina segundo Macrobio, disse, que as almas estão ligadas ao corpo com huma certa, & determinada razão de numero. Porque supposto, que a alma, & corpo realmente diffirao, a vida consiste nesta uniao, & desfazendo-se a uniao se acaba o homem; a qual uniao he tao natural numero, & unidade, que nao só se guarda entre a alma, & o corpo, mas

Pithag.

Aristotel.

Macrob.

mas della resulta a propria unidade corporal, que em se rompendo, se quebra, corrompe, & aniquilla o homem; donde vem chamarse o corpo individuo; porque dividido, & desligada a unidade, já naõ he corpo, atè a alma o desampara, porque he offendida na propria divisaõ do corpo, pela razão da uniaõ, numero, & unidade, que tem com ella.

6. Procolo sobre Plataõ, & com Procolo a escolla Pithagorica, assẽta quatro razões de numeros, dentro das quaes todas as cousas naturaes saõ comprehẽdidas. A' primeyra chama razão de numero vocal, q̃ se acha na Musica, & nos versos. A' segunda razão de numero natural, q̃ se observa na universal composiçaõ das cousas. A' terceyra razão de numero racional, que se guarda entre a alma, & suas partes. A' quarta razão de numero divino, que só está em Deos.

7. Logo entra a questaõ taõ antiga, &

& ventillada ſobre a dignidade dos numeros, Par, Impar, a qual deyxando aos que a trataõ ex profeſſo, porque naõ vem aqui tanto a noſſo intento, nos baſtará dizer com os Pithagoricos, que o numero hum ſignifica a identidade, & o numero dous a diverſidade; pelo que já Zaratas Meſtre de Pithagoras chamou pay à unidade, como começo de tudo; & mãy à pluralidade. Porque certo he, que da unidade, & pluralidade procedem todas as couſas, pois ainda aquellas, cujo principio he a paridade, neſtas proprias, he certo, que a unidade do hum foy primeiro, que a paridade, que fes a pluralidade. Alemeone diſſe, que o dous era o muytas couſas, & o hum a couſa de que muytas procederaõ, pela antelaçaõ, que o hũ tem ao dous. Outros entenderaõ, que deſte intelectual matrimonio do numero hũ, como pay, & do numero dous como mãy procederaõ todas as couſas do Mũdo,

Zaratas.

do, naõ ſó em ordem a ſerem couſas inumeraveis, mas a ſerem couſas exiſtentes.

Plutar. de Placit. Philoſ pb

8. Plutarco explicando a ſentença de Pithagoras: *Numerus eſt univerſorum principium*, entendeo, q̃ Pithagoras chamára numero à Divina Mente, & o affirma neſtas palavras: *Numerum autem Pithagoras pro mente accipit.* Aſſim ſe lè no livro de Placitis Philoſophorum, & daqui veyo, que a eſcolla Platonica recebeo pelo numero hum, & numero dous, inculcados de Pithagoras, a materia, & a fórma, que tem por principio univerſal: O que os Poetas imitando, como primeyros Theologos, & Metaphiſicos daquella idade, & falſas divindades, diſſeraõ ſer Jupiter, & Juno, tendo a divindade do ſeu Jupiter por materia, & a da ſua Juno por fórma, que vem a ſer o meſmo, a que Homero Principe dos Poetas Gregos chama Hera, & Zeva, denotando por Hera a Juno, & por Zeva a Jupiter, os quaes conſi-

consíderava authores de todas as cousas creadas.

9. Naõ menos confessáraõ os mysterios dos numeros Socrates, & Plataõ, quãdo disseraõ ser o numero tres o principio de tudo, como se lè nestas palavras: *Tria esse rerum principia, Deum, Ideam, & Materiam.* Na qual sentença parece, que rastrejáraõ a verdade Catholica; & já Pithagoras havendo dito, que os numeros hũ, & dous foraõ principio universal, accrescentou em outra parte: *Infinitum, Unum, & Duo,* repartindo assim: *Infinitudinis Deum, Unitatem formam, Altereitatis materiam.*

10. Nem se desviáraõ muyto desta opiniaõ os Platonicos, antes seguindo-a só parece, que a expuzeraõ mais claramẽte; chamando a Deos por estes tres nomes: Oromasin, Metrin, Arimanin; como se dicessẽ Deos, Mente, Alma; dando a unidade a Deos, a ordem à Mente, o mo-

o movimento à Alma. Paſſaõ a diante, & dizem, que de Deos foy feyta a Unidade das partes com o todo; da Mente foy diſpoſta a ordem das partes unidas; & da Alma foy começado o movimento das partes ordenadas: moſtrando aſſim (como diz Pedro Mateacci) haverẽ conhecido a origem do Chaos, criaçaõ do Mũdo, ſua vida, & movimento. Coſtumaõ tambem chamar com outros tres nomes: Celio, Rhea, Saturno. Por Celio entendem os Platonicos a Divina Eſſencia: Por Rhea a vida: Por Saturno as Ideas. Ou ſegundo outros, que o interpretaõ em diverſo ſentido: Celio he a alma do firmamento: Saturno a do ſetimo ceo: Jupiter a do ſexto, que aſſim expoem: Leys do fado, iſto he Providencia; Sabidoria univerſal, iſto he entendimento cõmum; Amor natural, iſto he o appetite da conſervaçaõ de cada eſpecie, ou tempo, ou juizo, & natureza, como quizeraõ outros.

Don-

11. Donde he digniſſimo de admiraçaõ, que todas as vezes, que a cega Filoſofia dos antigos diſcorreo àcerca de Deos, quando mais altamente penetrou nos mayores juizos da antiguidade, ſempre diffinio a Deos, ou pela Unidade, ou pela Trindade; reconhecendo neſtes ſagrados numeros taes forças, & myſterios, que agora lhes parecia, que naõ podia ſer Deos aquella ſublime Idea, que naõ foſſe Unica, agora que o naõ devia ſer aquella, que naõ foſſe Trina. Outros conciliando eſtes numeros diſſeraõ tambem com os antigos Cabalos: *Hi tres, qui ſunt Unum, inter ſe porportionem habent, Unum, Uniens, Unitum.*

DA VIRTUDE DOS NUMEROS *por effeytos exteriores.*

§. XX.

1. MAs se as Fisicas, & Metafisicas razoens sobem tanto o valor intrinseco dos numeros, naõ menos os acreditaõ as consideraçoẽs moraes, & naturaes; porque nós vemos que a natureza nenhũa cousa tanto observa, como a ordem do numero, nos mais occultos, preciosos, & efficazes effeytos. Vemos que os dias setimos na enfermidade do homem (& ainda de qualquer animal) saõ criticos, decretorios, & determinativos; como àcerca da vida o saõ tambem os annos climatericos: quasi palpavelmente conhecemos que todas as vezes, que se prefás em qualquer operaçaõ humana este numero sete, a natureza obra

obra com ſobeja actividade, ſem que racionalmente ſe poſſa recorrer a outro principio, que à fiſica, & intrinſeca qualidade de tal numero; nem obſta, que os Aſtrologos offereçaõ por cauſa agente, & impulſiva, a malevola influencia das eſtrellas, porque alèm de que eſta cauſa parece varia, & remota para effeytos taõ promptos, & certos, he ſabido que a virtude activiſſima deſte numero ſe confirma com outros exemplos naturaes; como ſe conhece nas ondas do mar, que a cada ſete repetem huma muyto mais furioſa, a que os marinheyros, por cauſa notavel entre elles, tem dado nome proprio, & lhe chamão Macareo: eſta onda ſóbe ſobre as outras, que vence, & derruba. Ainda os jugadores tem por commum obſervaçaõ, que os dados a pos do numero ſete reſpondem com azar; couſa para eſta gente taõ certa, que quaſi lhes ſerve de proverbio, & receaõ o numero ſete, co-

mo indicativo de perda. O numero trinario contèm naõ menos grandes myſterios naturaes, entre os quaes he celebrado o de ſua felicidade, & pelo contrario o numero quatro, que ſendo taõ myſteriozo, que delle ſómente eſcreveo hũ livro Democrito, ſe julga por numero infelice, pelo que he para os Medicos a ſegunda Criſis: donde os Aſtrologos já pratica, já theoricamente tomáraõ occaſiaõ de inculcarem por fauſtos os aſpectos, Trino, & Sextil, por ſer duas vezes trino; & por infauſtos a oppoſiçaõ, & aſpecto quadrado, que ſe formaõ do numero dous, & quatro.

2. Correſponde à ordem da benignidade, ou malicia dos numeros o regular procedimento das ſazões do homem, ſingellas, dobres, terçans, & quartans; donde parece, que bem expreſſamente nos enſina a natureza o quanto obſerva a ordem numerativa, porque todas as vezes, que

que o homem chega a hum tal numero de eras, ou dias padece; & todas as vezes, que chega ao numero ſeu oppoſto deſcãça. Do meſmo modo ſe entende nas proporções, hũas alegres, outras malencolicas: o proprio ſe vè na ordem das correſpondencias, porque aos olhos, & aos ouvidos todas aquellas couſas, que guardaõ ponto,& regra armoniaca, a guardaõ por beneficio do numero determinado, fóra de cuja razão, nem os ouvidos, nem os olhos achaõ complacencia. O que ſe prova com os compaſſos da Muſica, & as medidas da Architetura. Aſſim he certo, que ſe à clauſula regulada por oyto compaſſos ſe accreſcentaſſem, ou diminuiſſem alguns, logo ſeria diſſonante aos ouvidos. O meſmo ſe dirá, que ſe em huma fachada, que conſta de quatro janellas, & oyto columnas divididas hũas de outras, proporcionalmente por dez, ou vinte palmos, ſe eſta tal diviſaõ em al-

gũa maueyra ſe alteraſſe, com mayor, ou menor diſtancia, entre hũas, & outras janellas, & columnas, logo os olhos perderiaõ a comprehẽſaõ naquella fórma agradavel, que os deleytava.

3. Aſſim inferimos, que pois a Muſica pelo numero de ſeus compaſſos ſe fes conſonante, & o edificio pelo numero de ſuas correſpondencias ſe fes fermozo, logo alli naquelle ponto, onde ſe acha a armonia, & proporçaõ eſtá intrinſecamente a virtude daquelle tal numero; & da propria maneira ſe prova, que naõ eſtá em outro numero à parte, pois fóra do proprio ponto daquelles certos compaſſos, ou medidas, ſe vè logo a diſonancia, & fealdade, como veremos em todas as couſas fóra da ſua conta intrinſeca, que he o valor, & vigor natural dos numeros, ainda abſtrahidos do valor da conſtituiçaõ, que lhes demos, & pelo qual o gozamos, & nos ſervimos delles.

DA

DA VIRTUDE, & EFFICACIA das figuras.

§. XXI.

1. PArece que pelos diſcurſos antecedentes podiamos eſcuzar eſte, que começamos; porq́ ſe foſſe certo, que nos nomes, letras, & numeros podia haver alguma virtude intrinſeca (ſegundo havemos diſcurſado,) facil ſeria de crer, que a propria virtude, & interior efficacia ſe daria ſemelhantemente nas figuras; porèm pois ao principio prometemos diſcorrer ſobre eſtes quatro ſugeytos, já que eſte da figura naõ he menos rico de argumentos, & authoridades, que os outros, razaõ ſerá naõ querer deyxallo menos deſcutido, que os antecedentes, para que igualmente com os mais ſe poſſa julgar àcerca de ſua certeſa, ou veroſimilidade. Eſcu-

2. Eſcuzadamente contendeo a antiguidade ſobre cuja foſſe a invençaõ dos ſymbolos, porque ſe declaráraõ em todas as idades, os mayores, & mais occultos conceytos dos homens, querendo alguns dos Ethnicos, que eſta grande arte ſe deveſſe aos Egypcios, outros a Pithagoras, porque primeyro que os Egypcios ſymbolizaſſem, & que Pithagoras exprimiſſe ſeus penſamentos por figuras, havia Deos Noſſo Senhor uſado de ſemelhantes myſterios, os quaes proſeguio por todo o velho, & novo Teſtamento; porque o recolherſe a pomba para a arca de Noe com o ramo de Oliveyra no bico, como ſe lè no Geneſis: *Portans ramum olivæ virentibus folijs in ore ſuo.* Symbolo foy da paz, & ſerenidade, em que o Mundo já eſtava, como tambem accreſcenta o Texto Sagrado, dizendo: *Intellexit ergo Noe, quod ceſſaſſent aquæ ſuper terram.* E depois quando Deos por Jeremias

Genel.

mias mandou profetizar ao povo, que lhe daria a comer Losna, onde está escrito: *Ecce ego cibabo populum istum absyntio*, claro está que a Sabidoria Divina se servia em ambos os lugares da virtude das figuras. Porque Noe naõ tinha razão de entender a paz do diluvio pelo ramo da Oliveyra, senaõ fosse significativo, & mysteriozo: E Jeremias de profetizar a dessolaçaõ de Jerusalem pela amargura do absynto, se nesta propria amargura naõ achasse o symbolo do castigo, que Deos prevenia à sua Cidade.

Hierem.

3. Com tudo naõ podemos negar, q̃ a erudiçaõ profana dos Filosofos muyto se aproveytou do valor, & da virtude destas figuras; & que dellas foraõ celebres as Pithagoricas, ou as de Pithagoras, & sua escola, quando querendo demonstrar alguma cousa, como a entidade de Deos, sinalou a figura do numero hum. Quando as cousas incorporeas as deu a enten-

entender pelos numeros,& pela figura as corporeas. Pela vide moſtrou o vicio: na farinha a pureza: na balança a Juſtiça: no ſal a modeſtia: pela Lua declarou o error: pela eſpada o perigo: na Muſica o deleyte: no anel a dor: na mão cifrou a amiſade: pelos cabellos entendeu os parentes: pelo oleo a adulaçaõ: o fogo denotou pela ira: em o pezo o trabalho: pela arvore o homem: no peyxe a innocencia; & diſcorrendo pelas propriedades das couſas, poucos ſugeytos deyxou ſem ſymbolo, & poucos ſymbolos ſem ſignificado. E daqui teve principio aquella figura taõ uſada dos Rhetoricos, q́ chamão Metonimia, que ſe fas, quando tomamos o inſtromento pela couſa, a qual vulgarmente ſe uſa, dizendo, que he grande pẽna a quem bem eſcreve; boa viola, a quem bẽ tange; notavel theſoura o bom alfayate; gentil navalha o deſtro barbeyro; porq́ em todos eſtes modos de dizer nos vale-

mos

mos da virtude da figura dos taes inſtromentos, cujos effeytos exprimimos, & adjudicamos por translaçaõ ao homem.

4. Eſcreve Luciano, que indo Antioco contra os Galatas, lhe appareceo em ſonhos a figura de Alexandre, a qual lhe deu hum ſinal de tres triangulos por ſinal, & penhor do vencimento; & foy aſſim, que quando em meyo da batalha Antioco levantou aquella figura contra os Galatas, alcançou logo vitoria; de que obrigado Antioco mandou lavrar moeda, que continha de huma parte a figura revelada de Alexandre com os tres triangulos, & da outra eſtas letras Gregas *ΥΓΙΕΙΑ*, que ſe interpretáraõ, ſaude; & methaforico, vitoria.

Lucian.

5. Mais chegado à verdade da Igreja he o exemplo do Imperador Conſtantino Magno, quando em batalha contra Maxencio, junto à ponte Milvia, foi ſoccorrido do Ceo com a viſaõ de huma

Cruz

Cruz, donde ſe liaõ aquellas letras myſteriosſas: *In hoc ſigno vinces.* A' qual letra naõ com menos razaõ, & igual cauſa alludindo ao celebre apparecimento, que houve no noſſo primeyro Rey D. Affonſo Henriques tomáraõ ſeus deſcendentes os Sereniſſimos Reys de Portugal, para eſtamparem em ſuas melhores moedas, nas quaes puzeraõ de huma parte huma Cruz orlada com aquelle ſuave mote, q́ nellas lemos: *In hoc ſigno vinces.* Semelhante favor do Ceo affirmaõ as hiſtorias teve El-Rey D. Ramiro de Caſtella na contingente batalha de Clavijo, a quem Deos mandou confortar com a figura de huma Cruz floreada na bandeyra do Apoſtolo Santiago, que foi tymbre da melhor Cavallaria daquelles tempos, & he ainda hoje armas da familia dos Pereyras, ſegundo affirmaõ Hiſtoricos, & Nobiliarios, porque ſeus progenitores tiveraõ grande parte naquella inſigne vitoria.

Ma-

6. Maravilhoſa foy a ſerpente de metal, q̃ Deos mandou levantar a Moyſés no dezerto, donde he para notar em favor do noſſo diſcurſo, que ſendo ella fabricada a fim da mezinha de que neceſſitava o povo, contra as mordeduras das ſerpentes, naõ mandaſſe Deos a Moyſés, que a conſtituiſſe por mezinha, ſenaõ por ſinal; aſſim ſe lè nas proprias palavras dos Numeros: *Fac ſerpentem æneum, & pone eum pro ſigno*; em tal maneyra, que ainda o myſterio parace era mayor, que a virtude da ſerpente, pois Deos a mandou conſtituir como ſinal, & naõ como remedio, ſegundo ſe vè da Santa Eſcriptura.

Num.

7. Naõ he menos ſignificativo outro lugar do Texto Sagrado, que ſe acha em o livro dos Juizes, quando pelejando Gedeaõ contra os Madianitas, mandou Deos lançar huma eſpada em meyo dos proprios eſquadrões, na qual os inimigos

em

empeçavaõ, & ſe hiaõ degolando; aſſim o diz o Texto: *Immiſit Deus gladium in omnibus caſtris, & mutua ſe cœde truncabant.* Taõ reſpeytoſa he a figura do poder Divino, que por huma leve ſemelhança ſua ſe alcançaõ ſobrenaturaes vitorias. Porque neſta eſpada entendem muytos Expoſitores a Cruz Santiſſima, cujo ſinal he baſtante para poſtrar a todos os inimigos do Ceo, & dos homens.

8. Dos Caldeos, & dos Hebreos foy primitiva ſentença: *Deum eſſe ignem.* Demonſtrando que na figura de fogo havia dotes, & ſemelhanças da Suprema Divindade. O meſmo diſſe Saõ Joaõ em ſeu Evangelho, no qual nos deu o retrato de Deos na figura da luz, & do lume, repetindo varias vezes eſtes: Luz, & Lume, quaes no lo inculcava: *Et vita erat lux hominum, & lux in tenebris lucet*, & logo *Ut teſtimonium perhiberet de lumine*, o que ſempre vay repetindo, *Non erat ille lux,*

ſed

ſed ut teſtimoniũ prohiberet de lumine, erat lux vera, quæ illuminat. Pela propria figura de luz foy denotado por David, como ſe lè no verſo: *Mitte lucem tuam*, o que interpretou Rabi Salamão neſta maneyra *Meſiham, qui comparatur luci, quia ſcriptum eſt: Paravi lucernam Chriſto meo.*

9. Do myſterio da figura quadrada ſe lè expreſſamente no Apocalypſe: *Civitas quadrangularis jacet;* demonſtrando-ſe pelo quadro a perpetuidade daquella ſanta Cidade de Jeruſalem triunfante. Porque aſſim como a figura redonda naõ póde ter repouzo, porque em hum ſó ponto ſe firma, & todas as mais partes dellas eſtaõ ſempre pendendo ſobre o centro, aſſim a quadrada, porque conſta de quatro ſuperficies, que ſe eſtaõ ſempre afixando ſobre a terra, naõ pòde nunca ter algum movimento proprio; donde o Papa Hipolito declarando eſte lugar do Apocalypſe expoem aſſim: *Civitas qua-*

Apocalip.

drangularis jacet propter ſolidum, & firmũ. Como já querendo Pithagoras demonſtrarnos a perpetuidade de ſua ſciencia a ſymbolizára em huma pedra quadrada, ao que alludindo algum dos modernos, tomou a pedra Pithagorica por ſua empreza, declarando-a com a letra: *Scientia immutabilis.*

10. A natureza naõ he quem menos obſerva a regularidade entre as figuras, & os myſterios dellas; ſendo rara aquella figura, que interiormente naõ comprehenda alguma qualidade, que por ella ſe naõ exprima; donde vemos que as fiſonomias naturaes poucas vezes enganaõ, reverberando na figura, & aſpecto humano as qualidades intrinſecas, & occultas; o que facilmente ſe comprova do ſemblante dos homens, & ainda dos animaes irracionaes. Tanto fiavaõ das apparencias da figura os antigos Bramenes, que ſe os meninos depois de dous mezes naõ mo-

moſtravão aquelles bons ſinaes, que elles dezejavaõ ver aos filhos, os matavaõ, ou lançavaõ nos montes, para que as feras caſtigaſſem aquelles, que como feras eſperavaõ foſſem caſtigo de ſua republica. Os Lacedemonios com igual barbaridade condenavaõ ao rio Faygetes todos os filhos q́ lhes naſciaõ com figura de ruim inclinaçaõ; que taõ grande era o credito, que davaõ à efficacia das figuras.

11. Notaveis ſaõ os miſterios, q́ nellas ſe contẽ, ſendo naõ dos menores, nẽ o mais ſabido q́ a pedra Calamíta, ou de Cevar tenha ſempre ſua mayor virtude nas figuras compridas, em tal maneyra, que ſe a pedra tiver a figura de hum parallelo gramo, entaõ terá o vigor de ſua virtude nos dous cabos eſtreytos delle, que fazem como alto, & bayxo, ou capitel, & baſe da pedra; mas ſe entaõ cortaſſem a Calamíta de ſorte, que a baſe, & capitel lhe ſerviſſe de lados, & ficaſſe aquelle, que

antes foi latitude ſervindo de longitude, entaõ ſe lhe mudaria logo a efficacia, paſſando-ſe de ilharga a cabeceyra, de ſorte q́ ſempre ama a figura prolongada, aborrece a redonda, a quadrada, ou informe.

12. He obſervaçaõ da Re Ruſtica, que ſe o garſo, que ſe enxerta, ſe poem atraveſſado, naõ ſe logra, nem pega a enxertia; ſendo aſſim que concorrendo alli a virtude activa do enxerto, & a paſſiva da arvore, que recebe, pende da fórma da figura a execuçaõ deſſas virtudes; & ſó, quando ſe poem em pè, fazendo outra figura o garſo, entaõ tem aquellas virtudes ſeu effeyto.

13. A eſpeculaçaõ curioſa achou notaveis modos de declarar os conceytos humanos tambẽ por figuras, as quaes naõ pelo commum conſenſo recebeſſem valor de ſua ſignificaçaõ, mas pela propria fórma dellas, porque realmente a figura moſtra ſeu ſignificado mais promptamente, q́ o nome, ou a letra, ou a diffi-

niçaõ deſſa couſa: como ſe diceſſemos, q́ o homem moſtra melhor o ſer de homẽ, do que ſeu proprio nome, porque ſe diz, ou os caracteres, com q́ ſe nomea, ou circumloquio, com que ſe diffine. Os Italianos curioſamente acharaõ hum modo de compoſição por figuras, onde moſtrãdo aos olhos certas imagens exprimião ſegundo a ordem dellas, o q́ queriaõ manifeſtar: do qual modo de compoſiçaõ ha na lingua Italiana alguns bons exemplos, entre os quaes Joaõ Baptiſta Palatino trás hũ ſoneto todo figurado, cujos ſymbolos, ou imagens ajudadas de poucas letras fazem naõ ſó ſentido certo, mas verſos elegantes, como por exemplo ingenhoſamente ſe vè neſte verſo.

Gio Bapt. Palat. cóp. litetal.

Col, Ballar, pelegrin, pien di diletto.

14. Donde para ſymbolizar por figuras todas eſtas dicçóes, as pos neſta maneira: para dizer Col, q́ em ſua lingua Italiana he o q́ na noſſa collo, ou peſcoço,

poz hũ peſcoço de hũa ave; & para dizer Ballar (que he baylhar em Portugues) poz hũa balla, & hum R adiante; & para dizer Pelegrin poz hũ peregrino, ou romeyro, como nòs lhe chamamos; & para dizer Pien, poz hũ pè, q́ elles dizem pie, & logo hum N. com que fica dizendo Pien; & para dizer Di diletto, poz hũ di, & logo outra tal dicçaõ di, & logo hum leyto, q́ dizem Letto. Com as quaes ſinco figuras, & ſeis letras moſtrou, & exprimio o verſo referido: Col, Ballar, Pelegrin, Pien, Di diletto. Aſſás rara, & agradavelmente em Salamãca vi ſemelhãte compoſiçaõ pintada em huns quadros, q́ ſe fizeraõ à morte da Rainha D. Margarida, donde em cada quadro ſe continha hũa outava bem elegante, & na primeyra fileyra das figuras de hũ dos quadros ſe achavaõ eſtas: a morte, & logo hũ L. hũ arco, hũ La de ſolfa, hũa ſetta, hũ I. & outro la de ſolfa, e a gadanha da morte, q̃ tudo jũto fazia eſte verſo. *Mu-*

Muerte, el Arco, la Flecha, y la Guadaña.

15. Hoje eftá deduzido efte modo de compofiçaõ a todas as nafções,& particularmẽte em galãtes obras fe tem valido delles as nafções do Norte, onde a politica, & argucia florecem. Mas conhece-fe bem por elle a força das figuras, que logo viftas reprefentaõ pelo vigor da femelhança feu fignificado, naõ em virtude de final conftituido. O mefmo tivemos já entre nòs, inventado por Gonçalo Fernandes Trancozo, naquelle celebre Alphabeto figurado, que fe acha na antiga Cartilha Portugueza. Joaõ de Barros fas mençaõ de femelhante invento para a primeyra educaçaõ dos moffos; & creyo, fe ufou della primeyro para moftrar as primeiras letras ao Principe Dom Joaõ, Pay del-Rey D. Sebaftiaõ, para cuja doutrina o Padre Mauricio feu Meftre primeyro fes hum curiofo jogo de letras de Alphabeto, q̃ juntamente divertiaõ,

& ensinavaõ a El-Rey, porque sendo cada letra do *A B C* huma figura, se jugava com ellas, de modo que o ganho daquelles jogos era comprar hum nome, & assim aquelle que havia de ganhar de força havia de perder; & baste para que se entenda quanto se póde dizer por argumẽtos, & exemplos do valor, & efficacia das figuras, que he o quarto sogeyto de que se val a interpretaçaõ Cabalistica: passemos a diante com nova materia.

DAS INTELIGENCIAS Cabalisticas.

§. XXII.

1. HAvendo taõ largamẽte discorrido pelos quatro modos interpretativos de que os Cabalisticos se servem como atrás se tem visto, razaõ he que por naõ fazer mais diffusa esta escri-

escritura, nos vamos chegando ao fim della em dar razão de suas ultimas partes.

2. Por trinta & duas inteligencias affirmaõ os Mestres da Sciencia Cabala sóbe o entendimento humano ao conhecimento das cousas, assim naturaes, como sobrenaturaes, & cada huma dellas chamaõ com nome particular, por serem diversos seus officios, como se vè em Rabi Salamaõ Gallo referido de Reuchlino, as quaes inteligencias numéra, & explica nesta maneyra.

3. A primeyra chamão inteligencia miraculosa, que os outros dizem occulta, & os mais explicaõ de gloria prima, porque pela virtude della miraculosa, & occultamente acaba o homem de naõ saber, & começa a saber, quando o uso da razão lhe amanhece. A segunda se chama inteligencia santificante, & he aquella, que regrando a razaõ, ou tomando della as regras, fas o homem capaz de ser

justificado. A terceyra dizem inteligencia absoluta, pela qual entendem os actos livres do entendimento sem alguma intervençaõ da vontade. A quarta he a inteligencia mundifica, a qual pelo conhecimento proprio purga o animo de peregrinos, & depravados affectos. A quinta he a inteligencia fulgida, por virtude da qual scentila o humano juizo em todas as intellectuaes operações. A 6. he a inteligencia resplandecente pela claridade da qual se alcançaõ os occultos mysterios das cousas naturaes. A 7. he a inteligencia inductiva, que por via de inducçaõ infere huma cousa das outras. A 8. he a inteligencia radicada, de quem procede a profundidade, & firmeza do humano discurso. A 9. he a inteligencia triunfal, que se exercita, quãdo sobre qualquer dificuldade se encontra com a razão verdadeyra. A 10. he a inteligencia dispositiva, a qual pelos habitos de conhecimen-

to

to das couſas notorias capacita o engenho, para as de mayor myſterio. A 11 he a inteligencia de claridade, junto da qual nenhuma difficuldade ſe opoem ao entendimento nos termos de ſua esfera. A 12. he a inteligencia notada, & eſta miniſtra as eſpecies do paſſado para o futuro, ſegundo a ordem da reminicencia. A 13. he a inteligencia recondita, que ſenaõ cõmunica cõmummente a todos os ſciẽtificos, antes ſerve ſómente aos ſummamente ſabios. A 14. he a inteligencia illuminante, que formalmente depende da luz ſuperior, com q́ o engenho humano he divinamente illuminado. A 15. he a inteligencia da ſutilidade, por cuja virtude ſe cõmunicaõ os meyos de argucia, & delgadeza. A 16. he a inteligencia fiel, q́ tem a redea ao entendimento do homẽ, para que naõ reſvalle a perigozos abſurdos. A 17. he a inteligencia probatoria, que conforta a fraqueza humana para tolerar

lerar a falta da ſabedoria naquellas couſas, que naõ alcança. A 18. he a inteligencia confirmante, em virtude da qual ſe aquieta o animo, & ſe aquieta, & firma nos habitos da ſciencia, que ſe lhe conferem. A 19. he a inteligencia da vontade, que faz como as couſas ſe amem, & ſe aborreçaõ, ſegundo o que dellas ſe conhece. A 20. he a inteligencia conſtituente, que em nòs introduz a fórma da ſabedoria arteficial. A 21 he a inteligencia inovante, pela qual ſe multiplicaõ as ideas. A 22. he a inteligencia largitativa, que ſerve de dar mayor amplidaõ ao diſcurſo, quando pelos habitos continuados paſſa de huma cogniçaõ a outra. A 23. he a inteligencia da actividade, da qual ajudado o entendimento nunca pòde eſtar ſem alguma operaçaõ. A 24. he a inteligencia mediante, cujo officio he fazer que hũa cogniçaõ ſirva de meyo para outra. A 25 he inteligencia collectiva, pela qual ſe

ſe adquire a experiencia, fazendonos entender o que eſtá ſendo, pelo que já foy. A 26. he inteligencia adminicular, a qual buſca, & offerece as razões com que ſe ſuſtem o pezo da dificil eſpeculaçaõ, como a gloria, & o deleyte, que della procede. A 27. he a inteligencia perpetua, que tanto val, como aquella uniaõ, com que o entendimento eſtá ligado com noſſo eſpirito, do qual já mais ſenaõ aparta. A 28. he a inteligencia corporal, que he aquella parte de entendimento, que da eſpeculaçaõ ſe cõmunica à pratica para todas as corporaes operaçoens. A 29. he a inteligencia de complacencia, & vem a ſer o meſmo, que o deleyte, & ſatisfaçaõ da ſabedoria. A 30. he a inteligencia concitativa, a qual obriga ao homem pelo que tem ſabido, ꝗ procure ſaber mais. A 31. he a inteligencia imaginaria, que tanto val como hum depoſito das ideas, ou huma capacidade de peregrinas repreſen-

sentações. A 32 he a inteligencia natural, que he propriamente o dote do entẽdimento humano considerado em absoluto.

Reuchlin. lib. 3 pag. 720.721.e 722.

4. Outro modo de explicaçaõ tras Joaõ Reuchlino tomado de Rabi Salamão Gallo, como se pòde ver em hum, & outro Author, mas em cada qual delles se notaõ estas exposições de pouco segura doutrina, & assim seguimos esta achada de Pico Mirandulano por mais segura, & naõ menos propria, q̃ a dos Authores citados. Porque os Rabbinos, ou já ignorantes da primitiva pureza da Cabala, ou corruptos pela pratica de outras disciplinas deraõ já antigamẽte em se valer das forças dos influxos das estrellas, querendo fortificar a incerteza de sua sciencia com as observações Astrologicas, como logo veremos, entendendo q̃ nas disciplinas Mathematicas havia certa, & naturalmente aquelle vigor, que em sua arte

Rab. Salam. Gallo in Deutor. cap. 30.

arte faltava. E por esta causa foraõ introduzindo, como parte da Cabala, alguns juizos astrologicos, & alguns termos usados de seus professores, contra toda a observaçaõ dos antigos Cabalos, & ainda contra a authoridade da propria sciencia; & os mesmos principios, que della deyxáraõ escriptos, se se considera como disciplina sobrenaturalmente de Deos ensinada a Moysés, ou do Anjo Raziel a Adam, naõ necessitava da companhia das operações Mathematicas; & se como sciencia natural dellas depende, claro fica, naõ teve aquelles principios, que lhe sinalaõ, nem ella tem mais certeza, que a incerta Astrologia.

DE OUTRAS OBSERVAÇOENS dos Cabaliſtas.

§. XXIII.

1. SUpposto, que a explicação do Alphabeto Hebraico, que atrás deyxamos eſcrita no §. 18. n. 6. ſeja aquella que os Cabaliſticos enſinão, mais fundada nas divinas eſcrituras, como ſe prova do Texto Santo, com que ſe corroborão, & authoriſaõ ſuas ſignificações, todavia para os juizos, que de ordinario fazem das couſas contingẽtes, que por virtude da Sciencia Cabala pertendẽ prognoſticar, ſe ſervem de outra explicação differentiſſima da primeyra, dizendo aſſim.

2. Aleph, quer dizer Aura. Beth, vida. Ghimel, paz. Daleth, ſabedoria. He, viſta. Vau, ouvidos. Zain, olfato.

Heth,

Heth, locuçaõ. Teth, infuzaõ. Jod, jazigo. Caph, obra. Lamed, negocio. Mem, agua. Num, passatempo. Samech, espirito. Ain, rizo. Pe, geração. Zade, recebimento. Kuph, sono. Rez, graça. Sin, fogo. Tau, poder.

3. Logo reduzem todas as cousas, a que se póde dilatar o juizo, & o successo, a estas vinte & duas significaçoens, que como fontes lhes saõ principio a todos seus fabulosos juizos, quando por via elementaria exercitaõ suas predicções; porque persuadidos, de que nos casos mysteriosos nunca as letras podem estar vazias de mysterio, da propria ordem, ou desordem dellas tomaõ a inducção, pela qual formão seu discurso.

4. Porèm como nossa intenção, neste grande trabalho, naõ seja outra, que mostrar a vaidade, & perigo, que ha no uso moderno desta Sciencia, & para este effeyto desentranhamos os segredos de

sua

ſua antiguidade, parece que depois de haver fallado tanto della, quanto entre nòs nenhum outro author taõ claramente falou, muito melhor conſeguiremos o pertendido effeyto, moſtrando aqui huma ſombra do modo pratico, com que uſaõ a ſciencia Cabala os preſentes ſequazes della; porque como ella conſte de taõ confuſas, & impraticaveis diſciplinas, poderia ſucceder, que nem por toda a eſpeculaçaõ, & theorica, que havemos eſcrito, informaſſemos tambem de ſua falſidade, aos que nos lerem, como faremos agora com o raſcunho de ſua pratica, & manual operação.

5. Huma das couſas em que mais, & mais condenadamente ſe exercita a falſa Cabala nos tempos de hoje, he na parte interrogatoria, que tanta fadiga tambem tem dado aos Aſtrologos judiciarios, & tanto eſcandalo, & inconveniente à republica Catholica. Porque como todos deze-

dezejem aquillo, de que mais neceſſitaõ, & ſegundo a vaidade humana, nenhuma couſa lhes parece aos homens, q̃ lhes fas tanta falta, como ſaber o que eſtá por vir; por eſta cauſa acodem com mayor exceſſo a conſultar todos aquelles, porque lhes parece poderáõ alcançar hum raſtro de certeza do futuro; de que ſe ſegue, que eſtas interrogações, & ſuas reſpoſtas ſaõ os caſos, em que de ordinario intervem o juizo, ou Cabaliſtico, ou Aſtrologico. Por eſta razão direy parte do modo, porque os Cabaliſticos formaõ ſeu juizo reſponſorio, quando ſaõ interrogados em algum futuro contingente.

6. Apontaõ a hora em que lhe foy feyta a interrogaçaõ, como principio natural, & deſta hora recebem o numero primeyro, o qual numero comprehende o numero da hora ſegundo a ordem do dia. Da propria maneyra recebem o numero do mez, que chamaõ numero ſe-

gundo, & eſte he conforme a ordem do anno: ſemelhantemente recebem por numero terceyro o numero do dia, em ordem ao proprio mez, & finalmente recebem o numero do dia, que chamão o numero quarto, pela ordem da ſemana, & deſtes quatro numeros fazem quatro dignidades, que dizem originaes.

7. Logo obſervaõ as tres mais proximas cõſtellaçoes aſcendẽtes, de cujo movimento, & gráo, multiplicado por ellas meſmas fazem a quinta dignidade. Ajuntaõ-lhe o gráo do ſinal dial, & dous mais colateraes, & a cada hum ſinalaõ ſeus numeros proprios, & he eſta a ſexta dignidade, as quaes duas, quinta & ſexta chamaõ dignidades extravagantes; accreſcentaõ duas mais, que chamaõ activa, & paſſiva: activa he o nome da peſſoa interrogante; paſſiva o da couſa interrogada; & deſtes nomes ſe produzem nume-

ros, ſegundo o valor da explicaçaõ Cabala, deduzindo-os pelo valor das letras, deſta maneyra.

8. Aleph val 1. Beth, 2. Ghimel, 3. Daleth, 4. He, 5. Vau, 6. Zain, 7. Heth, 8. Theth, 9. Jod, 10. Caph, 20. Lamed, 30. Mem, 40. Num, 50. Samech 60. Ain, 70. Pe, 80. Zade, 90. Kuph, 100. Rez, 200. Sin, 300. Thau, 400.

9. Porèm he de notar, que a eſtes numeros às vezes ſe accreſcenta o numero da ordem do proprio Alphabeto, pelo qual veremos, que o Aleph eſtá em lugar, de 1. porque eſtá no lugar primeyro, & aſſim ſe proſegue atè a letra Thau, que fas o numero 22. ſem valer por eſta conta cada letra mais, que o numero do lugar onde ſe acha no Alphabeto Hebraico.

10. Paſſaõ logo adiante os Cabaliſticos no modo dos juizos, que vamos dizendo, & ſomaõ todo o valor dos numeros das oyto dignidades, a ſaber: as quatro

tro originaes, as duas extravagantes, & as duas, activa, & passiva, & desta somma se servem para a sua prognosticaçaõ.

11. Do mesmo modo numeraõ por extracçoens todos os Planetas, dividindo-os em duas ordens, que dizem subsolares, ou infra solares, cuja varia observaçaõ depende de materia interrogada; porque assignaõ a huns Planetas (segundo os Mathematicos) differentes materias, que a outros, & entaõ segundo a materia, que lhes subalternaõ saõ observados.

12. Na fórma desta numeraçaõ dos Planetas, padecem confusaõ, & variedade, que junta à principal incerteza destes juizos os fas varios, confusos, & de todo errados; porque sem principio certo, nenhum fim póde ter certeza. Ultimamẽte tambem somaõ estas extracções, como as dignidades, & depois ajuntaõ estas duas quantidades, as quaes por algũ modo multiplicaõ, as quaes multiplicadas repar-

repartem em partes desiguaes, das quaes partes (segundo o que a cada huma cabe de numeros) formaõ letras, cujo sentido he a sentença responsiva; outras vezes a corroboraõ ajustando (ou procurando ajustar) as letras, que se formaõ dos numeros com outros numeros, q́ se produzem das letras, de tal maneyra, & por modo taõ escuro, vaõ, & incerto, que a propria operaçaõ está desesperando, & desmentindo o conceyto, porque se executa.

13. Outras vezes, ou outros Cabalisticos fazem estes proprios juizos por via de nomes, & figuras, cheyos de igual, ou mayor vaydade. Porque aquella primitiva pureza, que alguma hora teve sua sciencia (se he certo, que a teve,) se perdeo com a propria disciplina della, & em seu lugar se introduzirão impios abusos, pois como largamente temos mostrado, a presente Cabala só no nome convem

com a primitiva, & ainda desta naõ recebeo senaõ huma imitaçaõ, daquella parte, que já naquelle tempo era supposta, ou suspeytosa.

DO FIM DESTE TRATADO.

§. XXIV.

1. DEpois de haver discorrido sobre a Sciencia Cabala, tãto no modo antigo, como moderno, & mostrado ao mundo qual seja o credito, que nas primeyras idades teve, & qual, o que na presente merece, justamente me persuado, poderá servir este discurso de desengano, para as pessoas affeyçoadas a estas vaidades, & de incentivo, para que naõ só sobre esta materia, mas sobre qualquer outra semelhante vellem com novo cuydado os Ministros, a cujo cargo está a puniçaõ, & castigo de erros taõ perniciosos,

ciosos, os quaes Deos na antiga Ley mãdava acabar em morte, como se lè no Levitico: *Vir, sive mulier, in quibus Pithonicus, vel divinationis fuerit spiritus, morte moriantur.*

Levit. cap 20. n. 27.

2. E porque de todas as maneyras fosse horrivel ao povo (& principalmente ao Judaico, como mais, que outro, inclinado a esta vaidade) o magico exercicio, he de advertir, que naõ só mandava Deos castigar os proprios Magicos, mas ainda aquelles que os buscavaõ, consultavaõ, & criaõ, como se vè do mesmo Levitico, donde se diz: *Anima, quæ declinaverit ad Magos, & ariolos...ponam faciem meam contra eam*; & logo accrescenta: *Interficiam illam de medio populi sui*; porque verdadeyramente ha delictos, que ainda aos mesmos, que nelles saõ menos culpados requerem grave pena. E assim Christo, quando achou o Templo profanado de vendas, & compras, he muyto para

Levit. cap 20. n. 6.

notar, que naõ ſó fes do cinto açoute pa-
ra lançar fóra aos que compravaõ,& ven-
diaõ na caſa de Deos, mas atè as proprias
couſas, que innocentemente eraõ vendi-
das, & compradas, como refere o Evan-
Matth. geliſta: *Et omnes ejecit de Templo oves quo-
que, & boves.*

3. Porque a pureza da noſſa Fè San-
tiſſima naõ admitte alguma ſombra de
infedilidade, que manche o candor das
verdades divinas, donde veyo, que ain-
da quando figurada na Ley eſcrita, ſobre
que eraõ aquelles os primeyros dilinia-
mentos, & modellos da Ley da graça, &
que nunca o borraõ (digamos aſſim) pò-
de ſer taõ ſem defeytos, como a obra,
quando eſtá poſta em limpo, com tudo
já deſde entaõ era Deos taõ ciozo do cre-
dito de ſua Divindade, que repetidamen-
te affirma por Balam no livro dos Nume-
Numer. cap. 23. n. 23. ros em huma parte: *Non Idolum in Jacob,
nec videtur ſimulacrum in Iſrael,* & em ou-
tra:

tra: *Non est augurium in Jacob, nec divinatio in Israel.* Cujas palavras bem podiamos tomar para responder a estes vãos, & atrevidos prometedores do futuro, q̃ com presunçaõ, & escuridade de falsos oraculos pertendem alcançar o credito com que a cega gentilidade contribuhio a seus primeyros enganos.

4. Mas porque o cuydado, & diligencia do Tribunal, a que toca a guarda da nossa Santa Fè, he taõ grande, & nelle tem V. Senhoria tamanha parte, que por letras, experiencia, & qualidades, he hum de seus principaes Ministros, parece que qualquer outro advertimento, ou lembrança seria sobejo, pois como vè o mundo, tanto V. Senhoria, como os mais (à maneyra daquella serpente prudentissima, q̃ com desvellado silencio, guardava o fabuloso horto das maçãs de ouro) velão de continuo com religiosa quietaçaõ o pomo, & fermosura deste importante

tante jardim da Religiaõ Catholica, pagandolhes Deos de tal ſorte eſſe cuydado, como nos moſtra a propria igualdade, que poſſuimos; porque ſem embargo do frequente Comercio, que tem eſte Reyno com as naſções da Europa, que hoje ſe achaõ mais corrompidas de crença, noſſos fedeliſſimos Portuguezes ſe cõſervaõ puros, & intactos do veneno da heregia, mediante a divina graça, que toma por inſtrumento a authoridade, & officios da Santa Inquiſiçaõ. Porèm ainda aſſim fico muyto ſeguro, de que a confiança com que eu pelos fins, que referi, offereço a V. Senhoria eſte Tratado ſerá digna de perdaõ, pois procede de hum animo verdadeyramente zelozo (ainda q̃ imperfeyto) da Cultura, veneraçaõ, & pureza da Santiſſima Fè, que profeſſamos.

DOS

Dos Authores, que escreverão da Sciencia Cabala, & do juizo, que alguns fizerão della.

§. XXV.

1. SEgundo a sentença dos Rabbinos (referida do Mirandulano) o primeyro Escritor da Sciencia Cabala foy o Profeta Esdras, a quem elles chamaõ Eraz, do qual, como já dissemos no §. 3. n. 7. affirmaõ fes trasladar setenta volumes da Cabala, correspondentes aos setenta velhos da Sinagoga. Estes livros dizem, que vio, & teve o Conde Joaõ Pico Mirandulano, nos quaes naõ só se achava expressa a ley de Moysés, mas a de Christo, & os mayores mysterios de huma, & outra, como o da Trindade inefavel, a Encarnaçaõ do Verbo Eterno, a Divindade do Messias; o peccado

Mirandul.

Esdras.

cado original, ſua reparaçaõ por Jeſus, a cahida de Lucifer, a ordem dos Anjos, as penas do Inferno, a ſatisfaçaõ do Purgatorio; os quaes livros, diz Thomás Garçon foraõ depois à mão do Santo Padre Sixto quarto, que dezejou muyto mandallos traduzir de Hebreo em Latim, para que ſe viſſe a conveniencia, que a Religiaõ Catholica tinha com as proprias letras dos Judeos; mas que ſó pode alcançar em ſua vida a traducçaõ de tres volumes. Donde (ſe he certo) ſe prova contra o que atrás deyxo eſcrito, que os ſetenta volumes, continhaõ douttina differente, & naõ huma propria liçaõ trasladada ſetenta vezes. Mas atégora pelo teſtemunho ſómente de Thomas Garçon, naõ tenho por taõ ſegura eſta hiſtoria, como elle affirma, pois deſde a morte do Santo Padre Sixto IV. a eſta parte, tempo havia para ſe traduzir, & darem à luz todos os ſetenta volumes; ou pelo menos

Thom. Garç. R. 33. Diſcurſ. 29. fol. 250.

nos dos tres, que deyxou trasladados, já podera haver noticia.

2. Os Rabbinos mais nomeados entre os Cabaliſticos por Authores deſta Sciencia, ſaõ Rabi Abraá de Creatione. O livro Splendor, cõpoſto por Semeaõ filho de Johás. O livro Candor allegado dos Latinos por Lucidario. Abram Alaphica com os Commentarios de Rabi Moyſés Gerundenſe. Rabi Minahem Racanat ſobre os ſegredos da Raham. O livro dos proplexos de Moyſés Egypcio. Rabi Joſeph Carnitote, que intitula porta de Juſtitia. Joſeph Caſtelhano no livro Porta Lucis. O livro de crueldade de Rabi Saadias Azieno. Abram Abenazra no livro dos myſterios. O Rabi Hamay, que elles chamão Principe da eloquencia; outro ſeu livro de Eſpeculaçaõ. Os Commentarios de Rabi Azariel Achiba da explicaçaõ do Alphabeto. Rabi Amà ſobre o Pſalmo 19. O livro de Uniaõ, ou

Rab. Abr.
Rab. Sem.
Rab. Alaph.
Rab. Moyſ. Gerũd.
Rab. Racan.
Rab. Moyſ. Egypc.
Rab. Carnit.
Rab. Joſeph Caſtel.
Rab. Saad
Rab. Aben
Rab. Amay.
Rab. Azar. Achib.
Rab. Amà

Cole-

Oriel Garon. Coleçaõ. Oriel Garonense. O livro de Fide, & Expiatione. O livro das Questões. O Alcoser contra Prilophasto. Os Cõmentarios contra Jacob Cohen. Os Rab. Isaa. Cõmentarios do Rabbino Isaac. O li- Rab. Fed. vro das Desnumeraçoes de Rabbino Fe- Rab. Joseph. Salern. daço. O livro Saziel imposto falsamente a Salamão Joseph Salernitano, Costa Rab. Cost. Benl. Benluca, Viera, & outros, que seria pro- Rab. Vier. luxissima narraçaõ o contallos todos.

3. Dos Latinos (como já dissemos) foy em Italia o primeyro o Conde Joaõ Pic. Mirãdul. Pico Mirandulano, que nesta Sciencia chegou a tanto progresso, que só dos manuscritos, que della deyxou, fes agora pu- Jacob. Gaff. in Cod. Cabalist. blico hũ Codice Jacobo Gaffarello Cõmendador de Saõ Amelio em titulo *de Codicum Cabalisticorum manuscriptorum, quibus est usus Joannes Picus Comes Mirandulanus*; o qual livro he impresso em Paris na Officina de H. Blageart anno de Alex. Far. 1651. Ao Mirandulano seguio Alexandre

dre Farra no ſeu Settenario, & a eſte Paulo Riccio. Depois Thomas Garçon na ſua Praça Univerſal; & pouco depois Fr. Jayme Rebuloſa, Bravo, Mayolino, & Vuscleffe, com alguns Authores do direyto Canonico.

Paul. Ric. Tho. Gar. Piaz. univ. diſc. 23. Jaym. Rebul. Theat. r. ingen. diſc. 36. Brav. ſet. 1. cap. 2. n. 8.

4. Mas quem com mais claridade tratou da Sciencia Cabala foy Joaõ Reuchlino Forcenſi, nos tres livros, que eſcreveo de Arte Cabaliſtica, que dedicou ao Summo Pontifice Leaõ Decimo, & ſe achão ſempre juntos com Pedro Galatino no livro, que intitulou de *Arcanis Catholicæ Veritatis*, cuja impreſſaõ (pelo menos a que a noſſa maõ veyo) he de Francofurt no de 1611. por Claudio Marnio; mas depois, & antes creyo, ſe publicaraõ outras edicções menos corretas.

Mayol. to. 2. dier. in 2 edit. Colloq. 3. Wicleff. tom. 1. de Sacramẽt. tit. 24. cap. 168. col. 2.

5. Entre os Eſpanhoes me naõ tem chegado à noticia, que algum outro Author falle em algũa maneyra da Sciencia Cabala, ſenaõ Sebaſtiaõ de Covarrubias, já cita-

Covarr. Theſ. de la Leng. Caſtel. lit. C. fol. 161.

citado, varaõ douto, da qual diz no ſeu Theſouro da Lingua Caſtelhana, eſtas formaes palavras: Cabala es cierta doctrina miſtica entre los Judios, la qual no ſe eſcrive, ſino que de uno en otro ſe vá conſervando, tomandola de cabeça, y los que la profeſſan, ſe llaman Cabaliſticos de la raiz Inpiel, ſuſcipere, recipere.

D. Lope de Barrient. a João de Mena Copl 128. fol 40.

6. O Biſpo de Cuenca D. Lope de Barrientos Cõmentador antigo de Joaõ de Mena, quando chega a commentar a Copla 128. diſputa, & declara, qual foſſe o livro de Magia, de que uſava D. Henrique de Villena, conhecido pelo Marques de Villena, donde parece que moſtra haver tido algũ conhecimẽto da Cabala, que nomea, & ſó della dá alguns ſinaes; porèm eſtes devem ſem falta entenderſe da Magia, & naõ da Cabala, & della diz: En alguna manera es bueno de guardar los dichos libros, a fin, que en algun tiẽpo poderian aprovechar para defenſion de la Fé, y religion Chriſtiana. O

7. O Doutor Manoel do Valle de Moura noſſo Portugues, peſſoa de grandes letras falla largamente da Cabala, cõparado com os outros; & depois de propor o que ſeja aquella Sciencia, julga ſeus profeſſores, com eſtas palavras: *Errant turpiſſime prædicti infideles, & qui eos obſervant, vel favent, ut bene ſentientes omnes docent.*

Valle de Mour. de Incant. & Enſal. ſeſ. 2. cap. 5. fol. 190.

8. Sobre os mais he rigoroſo o juizo de Theodoro Zuingero no ſeu Theatro da vida humana, donde eſcreve: *Cabaliſtæ decem Dei veri nominibus, & Angelorum, quorum in ſacra Biblia fit mentio, utuntur, & ea, quæ magnifice pollicentur, diabulo operante, & Deo ob præfactam eorum incrudilitatem connivente plerumque conficiunt horũ Cabala ligaturis, & nefariæ Magiæ nugis, ſcatet, fætetque.*

Theo. Zuing. Theatr. Vit. hum. lib. 3. vol 5.

9. Marcilio Fiſino no ſeu livro de *Religione* falla da Cabala, & ſegundo ſe vè no tratado Cratylo de Plataõ tantas ve-

Marſil. de Relig. & in Plat.

zes allegado, naõ parece, que ſentio mal da primitiva ſciencia dos Hebreos.

10. A muytos Authores foy aborrecivel eſte nome Cabala, & os mais delles pela pouca noticia, que della tinhaõ. Muytos a confundiraõ com a Almucabala, de que fas mençaõ Nicolao Tartalca, que dos mais ſabios he julgado ſer a propria ſciencia, que ſe diz regra da couſa, ou Algebra, por nome Arabigo, do verbo Cheber, ſegundo o Padre Gaudix, ou do verbo Gebere, tambem Arabigo, conforme Diogo de Urrea. Outros tiveraõ opiniaõ, que a Cabala era a ſciencia da materia prima; & tal houve, que cuydou ſer a Cabala algũa Magica deſſe nome, Meſtra deſta ſciencia, como outra Meliſa, Alcina, Cogiſtila, Falerina, ou Morgana; naõ poucos julgáraõ ſer a Cabala a propria Arte Luliſta de Raymundo, o qual parecer naõ foy taõ mal fundado, como outros entẽderaõ, tendo principio

Thom. Garç. diſcurſ. 29.

Nicol. Tartal. in Præfat.

Gaud. de Vocab. Arab.

Ray. Lul. de art. magn. & br.

cipio na doutrina de hum livro, que em Italia ſe publicou com titulo: *de Auditu Cabaliſtico*, donde ſe continha a breviatura da arte magna de Raymundo Lullo debayxo tambem do nome de Arte breve, que ſobre tudo ſe corrobora com a ſentença de Pico Mirandulano; porque affirma, que o nome Cabala ſe eſtende no Hebreo a ſignificar qualquer ſciencia ſecreta.

Idem de aud. Cabaliſt.

Mirandul.

11. O uſo pratico da Cabala Themancia, he prohibido pelas Conſtituições da Suprema Inquiſiçaõ Romana, ſegundo affirma Thomás Garçon no diſcurſo 29. mas pelas meſmas Conſtituiçoens naõ vemos, que ſeja ſeu nome expreſſo, entre as artes prohibidas; porq́ nas Conſtituições do Santo Padre Sixto V. no Bullario do anno 1585. na Bulla, que ſua Santidade expedio contra os Magicos, diz eſtas formaes palavras: Contra a Geomancia, que he adevinhaçaõ pela ter-

ra; Hidromancia, que he da agua: Acromancia, que he do ar: Pyromancia, que he do fogo: Onomancia pelas unhas: Chiromancia pelas mãos: Necromancia pelos corpos mortos. Pelo que he de crer, que ou ha outra Bulla particular contra o exercicio Cabaliſtico, ou por participaçaõ he comprehendido na prohibiçaõ de Sixto V. que na dita Conſtituiçaõ 21. mais largamente ſe aponta.

FIM.

INDEX.

Dos §§. Deste Tratado.

XIII.